

**REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE GOIÁS**

REVISTA **1986**
DO INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO
DE GOIÁS **11**

**Revista do Instituto
Histórico e Geográfico
de Goiás**

Nº 11

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Ano 14

No. 11

1986

Goiânia

Janeiro

Irreg.

Aceitamos permuta com publicações de cunho cultural

Endereço

Rua 82, n. 455 — Centro

Fone: 224.4622

74.010 - Goiânia - Estado de Goiás - Brasil

**Revista do Instituto
Histórico e Geográfico
de Goiás**

Nº 11

JANEIRO – 1986

Diretor:

José Peixoto da Silveira

Colaboradores:

Todos os sócios do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

PUBLICAÇÃO – SECRETARIA DE CULTURA E DESPORTO
DO ESTADO DE GOIÁS / GRÁFICA DE GOIÁS – CERNE
– GOVERNO ONOFRE QUINAN –
1986

Í N D I C E

| | |
|--|----|
| EDITORIAL..... | 07 |
| CURIOSOS FRAGMENTOS HISTÓRICOS DE CATALÃO.... | 09 |
| Cornélio Ramos | |
| A REVISTA OESTE E O CINQUENTENÁRIO DE GOIÂNIA.. | 15 |
| José Mendonça Teles | |
| “OESTE” FOI UMA ALVORADA LITERÁRIA | 19 |
| Castro Costa | |
| GOIÂNIA, CIDADE DAS REALIZAÇÕES OUSADAS | 23 |
| Colemar Natal e Silva | |
| ACASO, COINCIDÊNCIA OU INTUIÇÃO?..... | 27 |
| Elí Brasiliense | |
| DIAMANTINENSES NA HISTÓRIA DE GOIÁS | 31 |
| Peixoto da Silveira | |
| À MEMÓRIA DE LUIZ DO COUTO..... | 37 |
| Goiandira do Couto | |
| LUIZ RAMOS DE OLIVEIRA COUTO (LUIZ DO COUTO) ... | 45 |
| Regina Lacerda | |
| HEROÍNA GOIANA..... | 51 |
| Luiz do Couto | |
| MANOEL DA CUNHA RORIZ..... | 57 |
| Gelmires Reis | |

| | |
|---|-----|
| O PATRIARCA DE SANTA LUZIA..... | 59 |
| José Dilermando Meireles | |
| MONSENHOR FLEURY | 63 |
| Antônio Brasil | |
| CALUNGA – KALUMBA: UNIVERSO CULTURAL..... | 75 |
| Mari de Nazaré Baiocchi | |
| RELEMBRANDO A INAUGURAÇÃO DA FACULDADE DE MEDICINA DE GOIÁS..... | 87 |
| Altamiro de Moura Pacheco | |
| CRONOLOGIA HISTÓRICA DE GOIÁS | 93 |
| H. Crispim Borges | |
| DO GABINETE LITERÁRIO GOIANO (II) | 111 |
| Elder Camargo Passos | |
| PRONUNCIAMENTO..... | 143 |
| Maria do Rosário Cassimiro | |
| RELATÓRIO DE ATIVIDADES | 147 |
| Isabel Pimenta Ribeiro e Maria de Lourdes Alves | |
| RELAÇÃO DOS SÓCIOS..... | 158 |

— EDITORIAL —

Depois de longo intervalo, está circulando em nova fase este número do órgão oficial do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, graças ao apoio da Secretaria de Cultura e Desporto.

Procuramos manter a orientação que vinha sendo seguida pelo Professor Basileu Toledo França, de cuja lucidez e dedicação estamos temporariamente privados, desde que solicitou dispensa da função de diretor, por motivo de viagem ao estrangeiro. Durante sua ausência envidaremos todo esforço no afã de fazer com que esta revista continue a incentivar e a divulgar estudos historiográficos que, preservando e repensando a experiência do passado, possam servir de base ou de subsídio para a construção do presente. Seja para conservar o que deve ser conservado, seja para mudar o que deve ser mudado.

Não somente aos professores e eruditos interessa o conhecimento da história. Ele pode ser útil, como lição e exemplo, a todos aqueles que têm qualquer parcela de responsabilidade no planejamento da administração, pública ou privada. Sobretudo, aqui e agora — aqui mais do que em outras regiões, agora mais do que em outras épocas — a dimensão e a rapidez das transformações que invadem todos os setores fazem que o estudo do passado seja encarado como uma providência necessária e urgente. Sim. Necessária e urgente, antes que o crescente desenvolvimento sócio-econômico — que todos desejamos e aplaudimos — aumentando a onda de massificação e a avalanche de consumismo e alienação cultural, aumente o perigo de distorcer ou apagar as linhas mestras de nossa formação histórica, naquilo que ela possui de mais autêntico e inalienável por ser parte integrante do patrimônio coletivo.

E uma publicação como esta, que colima tão elevados objetivos, não poderia sofrer solução de continuidade. Para desempe-

nho desta difícil tarefa estamos contando com o apoio da Presidência do Professor Colemar Natal e Silva e com a cooperação de todos os que partilham da vida cultural de nosso já tradicional Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

Goiânia, Janeiro de 1986

Peixoto da Silveira

*A publicação do 11.º número desta
revista deve-se à cooperação do Senhor
Secretário de Cultura e Desporto,
Iron Jayme do Nascimento
e de seu Assessor, Rubens Chaer.*

CURIOSOS FRAGMENTOS HISTÓRICOS DE CATALÃO

— Cornélio RAMOS —

Há pouco tempo vi, num programa da T.V. TRIÂNGULO de Uberlândia, uma comissão de pesquisadores, vasculhando o caminho por onde deve ter passado o sertanista Bartolomeu Bueno Filho (O ANHANGUERA II), rumo ao Estado de Goiás; detiveram-se na velha cidade mineira de INDIANÓPOLIS, onde encontraram apreciáveis vestígios da passagem da "Bandeira" por lá.

Segundo o que conhecemos, dali os bandeirantes devem ter rumado para onde hoje localiza-se a cidade de Araguari.

Bueno Filho não possuía bússola, seguia as pegadas do pai, orientando-se pela eminência dos montes, entre os quais se achava o nosso "Morrinho de São João". Na saída de Araguari, deve ter avistado-o; isto já no final de julho de 1722. Ao divisá-lo no horizonte certamente exclamou para seus companheiros de aventura:

— Alí é Goiás e é para lá que vamos!

Marcaram o rumo do morrinho que se avista desde o Estado de Minas na saída de Araguari e continua sendo visto até os confins de Goiás e se arrancaram até as margens do Paranaíba, tocaram no local conhecido por Porto Velho, onde o rio oferecia melhores condições de se atravessar a váu e penetraram em território goiano. Quando atingiram as bordas do ribeirão Ouvidor, para marcar o rumo onde o Paranaíba era mais manso, cravaram uma cruz de aroeira (A CRUZ DO ANHANGUERA, hoje na cidade de Goiás). Ali rezaram uma missa celebrada pelo frei Antônio da Conceição e depois do necessário descanso rumaram para o lado do Morrinho de São João; nas proximidades do Córrego do Almoço, fundaram uma estalagem para servir no futuro de ponto de referência e abastecimento aos viajores que trafegassem entre São Paulo e Goiás. Detiveram-se por alguns dias e ao partirem, deixaram

uns poucos companheiros, entre os quais, frei Antônio e um espanhol, ou descendente de espanhol, apelidado por CATALÃO. Formaram aí um sítio, que passou a denominar-se: SÍTIO DO CATALÃO, que mais tarde transformou-se em arrarial, em vila e em cidade, sempre conservando o mesmo nome, assim conta a tradição.

Em memórias históricas, registra o cônego Luiz Antônio da Silva e Sousa o seguinte: "O conde de Sarzedas em 1736, fez destacar da Vila de Santos para Goiás uma companhia de infantaria, de que o Capitão na sua retirada foi morto de um tiro no Sítio do Catalão." O que é em parte confirmado por José Martins Pereira de Alencastre, nos seus "ANÁIS DA PROVÍNCIA DE GOIÁS". Isto significa que em 1736 já existia o "Sítio do Catalão", do qual nasceu a cidade sob o signo da violência!... Clima aterrorizador que duraria mais de dois séculos.

Moisés Santana disse em artigo publicado no "SUL DE GOIÁS", de junho de 1908 que Catalão era uma "terra que tem secularmente formada uma tradição de crimes dos mais grosseiros e revoltantes atentados à vida, à propriedade e à liberdade, manietada sempre e sempre por um mandonismo ferrenho, tremendo e odioso. Entregue às mãos criminosas de um ajuntamento de imbecís, armados com os poderes discricionários do mando político e da autoridade da justiça, convertida numa berregã imunda, sem honra e sem brio."

Este passado nos assusta, entretanto, possibilita-nos um confronto com o presente animador, quando verificamos que nas últimas décadas, Catalão transformou-se numa cidade civilizada, pacífica, progressista, em cuja chefia vem sucedendo uma admirável plêiade de administradores empenhados em fazer dela a cidade adorável de nossos dias.

— HERANÇA MALDITA —

Fato estranho nos conta o poeta Ricardo Paranhos em suas memórias.

Diz ele que a casa em que morou o romancista Bernardo Guimarães, no ano de 1861, pertencia a uma senhora de avançada idade, que nela passou a residir logo após a mudança do romancista. Essa senhora tinha um oratório com uma grande imagem do "Senhor dos Passos", do qual era devota e em cujos pés, ardia sem cessar uma lamparina de azeite de mamona. Sem herdeiros, fez ela um testamento, deixando a casa como herança para o "Senhor dos

Passos". Após sua morte, o chefe político de então, senhor absoluto de braço e cutelo, do tipo dos que nos falou acima Moisés Santana, resolveu anular o tal testamento e ficar com a casa para si. Para tanto mandou buscar em Paracatu, um famoso rábula alcunhado por "Pássaro Preto", para cuidar do caso na justiça.

Veio e apeou-se na casa em questão, ainda achava-se de botas e esporas, quando começou a escrever a petição, sentiu uma forte dor no peito e ao tomar a primeira dose de remédio, caiu no chão fulminado!...

Mas o "Chefão" não desistiu e o "Senhor dos Passos" acabou ficando sem a casa. A maldição, entretanto, acompanhou a herança!... Sucessivas tragédias ocorreram nela após a morte súbita do advogado preto de Paracatu.

Viera destacado para Catalão um alferes de polícia, o qual trouxe em sua companhia a esposa e duas filhas moças, alugou a casa funesta, dentro em pouco era vítima de um insulto apoplético que o deixou completamente paralítico. A mulher e as filhas prostituíram-se, deixando-o em completo abandono até morrer.

Posteriormente alugou-a o Sr. Francisco Faustino, uma tarde estava ele na janela a conversar com um vizinho, quando sorrateiramente veio do interior da casa, um escravo que o odiava e cravou-lhe nas costas um espeto de ferro, matando-o.

Sucedeu-lhe na velha morada, um fazendeiro que viera com a família da roça, para colocar os filhos na escola. Em consequência de um "bicho de pé" que se inflamara, veio a gangrena e o levou...

Um comerciante de armarinhos, vindo de fora, ignorando a crônica da casa, ali se estabeleceu com uma sortida loja. Dentro em pouco tempo faliu, ficando reduzido a nada.

Um abastado comerciante local comprou a casa, mandou benzê-la e para lá se transferiu. Tantos e tais foram os azares que lhe aconteceu, que acabou vendendo-a por quase nada e para fora se mudou.

O comprador da casa, desafiando a maldição, acabou louco varrido.

O "Chefão" que primeiramente apropriou-se indebitamente do imóvel, era político prestigioso e forte, foi derrotado inexplicavelmente nas eleições, perdeu o prestígio e acabou na miséria.

Conta que quando a procissão do Senhor dos Passos passava em frente a dita casa, o andor pesava tanto, a ponto de ser

necessário a ajuda de mais pessoas para sustê-lo e para a imagem não cair.

Diz Ricardo Paranhos que ainda muitos outros fatos estranhos aconteceram, mas, o que mais impressionava o povo, depois deste longo encadeamento de fatos horrorosos, foi o aparecimento de uma assombradora bola de fogo verde que deslizava sobre a cumeeira da casa nas noites de maior escuridão. Ricardo Paranhos, garante que apesar de criança na época, presenciou este fenômeno inúmeras vezes, achando até engraçado o tal assombramento e conclui em seus escritos: "Todos estes fatos que venho narrando ao correr da pena, sem preocupação de forma, são a expressão da verdade." E mais: "A casa pertence hoje ao farmacêutico Cristino Vitor Rodrigues, que a reformou totalmente, transformando-a numa feliz e confortável vivenda. Seu bem viver prova que o caiporismo da casa desapareceu e ainda lhe deu sorte, pois foi premiado com cem contos de reis na Loteria Federal; isto por volta de 1920. Presentemente a casa ainda bem conservada e com a antiga estrutura, pertence ao Sr. Wilson Barbosa de Lima, que nela reside.

— O FILHO DE BERNARDO GUIMARÃES —

Após as divagações de Ricardo Paranhos sobre a casa em que morou Bernardo Guimarães, vamos conhecer o que diz Pedro Bernardo Guimarães, filho do saudoso romancista, em artigo publicado em 1937, no álbum "CATALÃO ILUSTRADO" de Antônio Jorge Azzi:

"Interessante que nunca vi, mas tenho saudade de Catalão. Saudade esquisita, para os leigos do sentimentalismo, mas que eu explico suficientemente, exumando da arca da memória a força expressiva dessa palavra no ementário de minha família.

Há coisas que se firmam no coração e que a ação diluidora das horas que passam não consegue eliminar.

Minha mãe, a santinha que morreu ontem, velha, meiga e bondosa, falava-me sempre, ungidamente, de Catalão.

Dissera-lhe meu pai, esposo comunicativo e alma sonhadora, dos instantes vividos na cidade goiana.

E assim no-la transmitiu a tradição do lar, expressivamente moldando em nossa alma o afeto à terra afastada que o poeta amava.

Na infância, na mocidade, e até agora, quando sulcos de prata arminham esta cabeça semi-secular, a cidade vive em minha consciência como miragem que procuro e que desejo atingir.

A princípio, ouvindo referências amigas nos serões da intimidade, olhos abertos na nebulosa dos céus, procurava no horizonte longínquo a silhueta do casário. E no "écran", do cérebro desenhava-se a ficção dos edifícios manuelinos, lá muito longe, em recortes de projeção urbana na bruma sugestiva do meu sonho. Traçava mentalmente o panorama de abstratas perspectivas, que não sensibilizaram ainda a minha retina, mas que estão latentes em minha alma.

É uma hipnose que me atrai, na evocação de meu pai, Bernardo Guimarães, que viveu naquela casa colonial de que me mandaram, não há muito, impressionante fotografia. E penso que quando for a Catalão irá comigo, nessa romaria em suas ruas históricas, a sombra do romancista, despertando na afinidade do sangue todo o meu respeito à gente generosa, que acolheu e acariciou a boemia genial do Juiz versejador, guardando como relíquias as primeiras legendas de sua intelectualidade."

— oOo —

A REVISTA OESTE E O CINQUENTENÁRIO DE GOIÂNIA

José Mendonça Teles

Quando Pedro Ludovico idealizou o projeto Goiânia, ele sabia, como intelectual, que uma cidade não se levanta somente com bases materiais: mais do que nunca, as raízes culturais devem ser fincadas como alicerce seguro e protetor das tradições que irão moldar o comportamento das gerações futuras. E, por isso, ele convocou os jovens, moços idealistas, muitos deles oriundos da antiga Vila Boa, formados na tradicional Faculdade de Direito e frequentadores do Gabinete Literário, onde conheceram os gênios da inteligência universal. Assim, cercado de jovens talentosos, de tradição humanística, foi-lhe possível erigir a nova Capital sob o signo da educação e da cultura. A fundação da Academia Goiana de Letras, em 1939, e a construção do Lyceu de Goiânia, Escola Técnica Federal, Escola Normal, Grupo Escolar Modelo e Museu Estadual atestam esta assertiva. E, quando a Cidade estava pronta para ser entregue à comunidade nacional, nada mais justo do que batizá-la culturalmente. E vieram autoridades das mais representativas da vida educacional e científica do País, dos Ministérios e de vários Estados da Federação. Realizou-se o VIII Congresso Brasileiro de Educação, e também a sessão das Assembléias Gerais do Conselho Nacional de Estatística, do Conselho Nacional de Geografia e da Sociedade Brasileira de Estatística. Francisco Balduino Santa Cruz e Humberto Ludovico de Almeida atuaram como representantes de Goiás. Inaugurou-se o Cine Teatro Goiânia, com a apresentação da peça "Colégio Interno", com a consagrada artista Eva Tudor, e do filme "Divino Tormento", estrelado por Jeanette Mac Donald e Nelson Eddy. No Palácio das Esmeraldas, com a presença de representantes de todos os Estados e Municípios goianos, apresen-

tou-se a Orquestra Sinfônica de Goiás, sob a regência do saudoso maestro Joaquim Edson de Camargo.

Estava culturalmente inaugurada a nova Capital de Goiás. Mas, no meio de todos esses acontecimentos notáveis, um marcou profundamente o Batismo Cultural: a circulação, naquele 5 de julho, da revista *Oeste*. Sem lançamento oficial, sem discurso, sem alarde, ela foi sendo distribuída entre os participantes do evento histórico, e, logo disputada pelo povo, ganha as ruas, incitando os jovens com estas afirmações em seu editorial: “*Oeste* prestigia todos os moços cultos de Goiás. Vai buscá-los, a escafandro, do fundo do obscurecimento”, oferecendo-lhes “liberdade do pensamento, em favor da cultura de Goiás”. E conclama: “*Oeste* é vosso, intelectuais moços de Goiás!”.

O Batismo Cultural de Goiânia foi o coroamento de um idealismo que batia fundo no coração daqueles jovens que acompanhavam Pedro Ludovico desde o começo. Foi a consolidação das “bases duradouras do saber e da cultura sobre as bases do progresso material”, no dizer de Colemar Natal e Silva. Goiânia existia material e culturalmente para o mundo. E a revista *Oeste* foi o instrumento material com que os moços goianos afirmaram a existência de nossas tradições culturais. *Oeste* foi o próprio Batismo Cultural de Goiânia. “Poetas, prosadores, historiadores, jornalistas dos mais categorizados, cientistas sociais — uma nata de goianos ilustres! — a mostrar ao Brasil, por intermédio de seu jornalismo, a grandeza e o alcance das realizações políticas e da vida intelectual de Goiás”, como muito bem afirma o Reitor Pe. José Pereira de Maria, ao apresentar esta edição.

Mesmo tendo surgido sob o clima do Estado Novo, onde o maior destaque poderia ser para o Interventor, *Oeste* manteve a sua linha cultural, dando oportunidade aos jovens que conheceram Goiânia desde o início e aqui afundaram raízes.

Em suas páginas escreveram os homens mais importantes de nossa vida cultural, como Zoroastro Artiaga, José Décio Filho, Victor de Carvalho Ramos, Victor Coelho de Almeida, Zecchi Abrahão, Carlos de Faria, Odorico Costa, Guilherme Xavier de Almeida, Marilda Palínea, (pseudônimo de Maria Paula Fleury de Godoy), José Xavier Júnior, Leo Lynce, (pseudônimo de Cilleneu Marques de Araújo Valle), Demóstenes Cristino, José Lobo, Juruena Di Guimarães, Vasco dos Reis, Pe. Antônio Wasik, José A. Nerdemayer, Luiz do Couto, Pedro Ludovico Teixeira, Jarbas Jayme, Pe. José Trindade da Fonseca e Silva, Albatênio de Godoy, Celso

Hermínio Teixeira, Pimenta Neto, Augusto Rios, Floracy Artiaga Mendes, Alfredo de Faria Castro, Érico Curado, Gabriel Anconi, Jovelino de Campos, Agnelo A. Fleury, Firmo Gomes de Castro, Leodegária de Jesus, Pedro Gomes, Derval de Castro, e os que ainda vivem entre nós, Paulo Augusto de Figueiredo, Bernardo Élis, Eli Brasiliense, Venerando de Freitas Borges, Nelly Alves de Almeida, Colemar Natal e Silva, Genezi de Castro e Silva, José Campos, Matma Nago, (pseudônimo de Maximiano da Mata Teixeira), José Lopes Rodrigues, Oscar Sabino Júnior, Gerson de Castro Costa, os irmãos José Bernardo, Domingos e Afonso Félix de Souza, Frederico de Medeiros, João Acioli, Benedito Odilon Rocha, Hélio A. Lobo, José Luiz Bittencourt, Osvaldo Rosa, Francisco de Britto, Veiga Neto, Nice Monteiro, Rosarita Fleury, José da Costa Pereira, Rômulo Gonçalves, Pedro Celestino Filho, Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro e José Crispim Borges. Há, também, colaboração de nomes consagrados nacionalmente, como do cronista Ruþem Braga, do romancista Ciro dos Anjos, de Abugar Renault, Brito Broca, Emílio Moura e Mário Augusto Teixeira de Freitas.

Assim, pode-se dizer que *Oeste* é o documento cultural mais importante dos primórdios de Goiânia, pois traz em suas páginas o depoimento daqueles moços que acreditaram no idealismo de Pedro Ludovico e se arrancaram de suas plagas para a planície de Campinas, e aqui plantaram Goiânia, "prolongamento da histórica Vila-Boa, monumento grandioso que simbolizará a glória da origem de todos os goianos", no dizer do professor Alfredo de Faria Castro.

Como coordenador da edição facsimilar, acrescida de valiosos depoimentos de jornalistas fundadores da revista *Oeste*, devo registrar os meus agradecimentos aos professores Nelly Alves de Almeida, Paulo Augusto de Figueiredo e José Bernardo Félix de Souza, que me confiaram os exemplares de sua propriedade, possibilitando assim esta contribuição marcante às comemorações do Cinquentenário de Goiânia.

"OESTE" FOI UMA ALVORADA LITERÁRIA

Castro Costa

No início da década de 40, quando Goiânia começava a abandonar seus trôpegos passos de vila ambiciosa para se tornar cidade planejada e sociologicamente significativa, havia em todos os cérebros um vibrante latejar de grandezas também espirituais que contaminava todas as gerações. Velhos e moços, homens, mulheres, até mesmo adolescentes — todos vibravam com as perspectivas de uma Capital de Estado que, inevitavelmente, seria em poucos anos uma das maiores e mais admiráveis de nosso país.

Muito embora um vasto canteiro de obras, onde se rasgavam diariamente vastas voçorocas e se erguiam montes de pedras, tijolos e areia, destinados a obras públicas e particulares, havia também um expressivo grupo de pessoas que coçava a cabeça a dizer que faltava algo em meio a esse futuro promissor. É verdade que a imprensa da época, dentro das limitações circunstanciais, era um pulmão vigoroso que oxigenava o ambiente intelectual do burgo nascente. Não se pode agora esquecer o papel que exerceram "O Popular", "Folha de Goiaz", "Diário Oficial", "Voz do Sul", "O Anápolis", estes dois últimos de Anápolis, além de alguns outros, mesmo do interior, que prazerosamente davam guarida às produções literárias de quantos os procuravam. Todavia, a tônica de todos os órgãos da imprensa goiana era a construção material de Goiânia, considerada uma verdadeira epopéia ante a nenhumidade das rendas do erário do Estado, provado estatisticamente uma das mais atrasadas unidades federativas brasileiras, quiçá a mais atrasada. De sorte queurgia aparecer um órgão de imprensa que atendes-se aos anseios da intelectualidade da terra, sôfrega em mostrar algo mais da pujança do Estado mediterrâneo, exatamente num setor de perenidade que desse notícia aos pósteros. Será essa, certamen-

te a explicação do aparecimento da revista "Oeste" num ambiente na verdade tão árido e áspero dada a pequenez da cidade.

Mas como fundar uma revista literária? A pobreza material da classe intelectual não poderia ser discutida, porque seria ferir o fato óbvio. A solução era recorrer ao Estado, que já possuía oficinas razoavelmente bem montadas para a edição do "Diário Oficial".

Uma comissão de pessoas procurou o então interventor federal Pedro Ludovico Teixeira, por sua vez também intelectual, culto, poliglota, conhecido protetor de pessoas doutas que de outras partes do Brasil vinham bater às portas de Goiás, durante o Estado Novo, nomeando-as inclusive para o exercício do magistério, e o problema lhe foi exposto sem dificuldades. A solução veio com a expedição do decreto-lei n. 7.045, de 3 de fevereiro de 1943, que autorizou a edição da revista "Oeste" pela Imprensa Oficial do Estado. Aliás, Pedro Ludovico jamais regateara apoio aos intelectuais. Que o digam todos que o procuraram com essa finalidade. Que o diga o Professor Emérito Colemar Natal e Silva quando fundou a Academia Goiana de Letras e outras entidades culturais. Cito nominalmente Colemar Natal e Silva porque o considero o maior apaixonado da cultura do Estado. Não há iniciativa de amparo às letras e às artes, e também à História de Goiás, que não encontre inicialmente o dedo indicador de Colemar Natal e Silva, como, entre outras, o Instituto Histórico e Geográfico e o Instituto dos Advogados. Talvez a única iniciativa da cultura goiana que não contou com a colaboração direta de Colemar Natal e Silva seja mesmo a revista "Oeste", que todavia a estimulou em sua circulação. Há a ressaltar algumas entidades mais novas, criadas pelo idealismo dos jovens goianos onde não se pode encontrar a figura desse cultor da intelectualidade goiana, mas podem estar certos que em pensamento ele está presente a todas.

Assim nasceu a revista "Oeste", que pode ser considerada com justiça a verdadeira precursora da geração de 45 da literatura goiana. De fato, em seu corpo redatorial figuraram altas expressões das letras goianas, como, Bernardo Élis, Frederico de Medeiros, Hélio A. Lobo, José Bernardo Felix de Sousa e Paulo Augusto de Figueiredo, este redator político do órgão, além dos saudosamente desaparecidos Décio Filho, Zecchi Abrahão, Carlos de Faria, Vasco dos Reis Gonçalves, A. Juruena Di Guimarães, Odorico Costa e o programador gráfico Gabriel Anconi. Pretendo aqui fazer justiça ao corpo de composição da revista, tipógrafos então anônimos e que posteriormente ganharam espaço na vida, entre os

quais devo ressaltar a figura de Odir Garcia, hoje ilustrado advogado militante nas comarcas da Capital e do interior do Estado. "Oeste" era escrita e composta com esmero e carinho, número a número, e parte de seus clichês era encomendada de São Paulo, o que possibilitava uma confecção vistosa e agradável, engrandecida naturalmente pela qualidade de seus inúmeros colaboradores que viam suas matérias expostas a cores e em maioria em papel acetinado.

Por todas essas razões, "Oeste" saltou, como se dizia, o rio Paranaíba e foi ganhar encômios de altas figuras da intelectualidade brasileira, que viam numa publicação como essa um abnegado esforço e um evidente índice de efervescência literária em pleno Oeste do Brasil, numa época em que só praticamente São Paulo, Rio e mais duas ou três capitais estaduais cuidavam da divulgação cultural. De feito: as matérias publicadas eram de enorme variedade, e não só a literatura goiana era divulgada. Sociologia, História, Medicina, Direito, Administração, Educação, Saúde, Arqueologia, enfim, toda sorte de assunto palpitante era debatida na revista, que não se adstringia ao regionalismo, mas se infiltrava no vasto mundo brasileiro, expondo goianidade e brasilidade ao mesmo tempo. Hoje, ao lembrar, solicitando auxílio à memória, que não é das melhores, sinto quase irresistível vontade de citar alguns colaboradores ilustres, muitos dos quais estão hoje brilhando na literatura de Goiás, mas tenho horror a cometer injustiças esquecendo-me de alguns, ou de muitos. Por isso, peço desculpas a esses nomes insignes por não os incluir nesta rápida notícia. Mas o povo goiano sabe muito bem quais são essas pessoas que hoje, cotidianamente, honram as páginas dos jornais e revistas com suas produções. Muitas delas quando colaboravam em "Oeste" já eram escritores consagrados, mas outras ali iniciaram suas atividades literárias, demonstrando desde então o que poderiam ser no futuro.

"Oeste" foi, sem a menor sombra de dúvida, um evento extraordinário, mormente se considerado seu aparecimento no recôndito geográfico do país numa quadra em que Goiás era quase os limites do mais fundo Oeste do Brasil, eis que praticamente não se referia a Mato Grosso e a Brasília, fronteiras que foram abertas depois. Depois, sim, depois de Goiânia, que foi o marco possibilitador de outras investidas de interiorização territorial, que se começaram a mostrar possíveis exatamente porque o sonho tido impossível de fundação de Goiânia se concretizava nos braços do

povo. E a revista "Oeste" muito contribuiu para a grandeza do Brasil integral, dos Andes ao Atlântico, dado que divulgou em era possivelmente remota as potencialidades de um país que teimava em arranhar, como carangueijo, as praias oceânicas, no dizer de Capistrano de Abreu. Brasília, obra monumental e eterna de Juscelino, é em parte inspirada por Goiânia e por tudo que Goiânia representou antes de 1958 e mesmo depois, como a publicação de "Oeste".

"Oeste" foi, sem dúvida, uma alvorada literária, cujas luzes se espalham até hoje pelos rincões oestinos, de consequências às vezes até ignoradas pela presente geração, mas que indubitavelmente rasgaram novos horizontes para a entrada dos novos bandeirantes do Século XX, porque marchou ao lado de Goiânia, clamando pelas altitudes do Porvir que hoje está ao alcance das mãos dos contemporâneos de Brasília.

É com muito prazer que estou atendendo ao convite para falar sobre "Oeste" a mim feito pelo escritor José Mendonça Teles, cuja colaboração em prol de nossa Cultura é das mais dinâmicas e credoras da gratidão do povo goiano.

(Transcrito da revista OESTE, pags. 17-19 da edição facsimilar comemorativa do quinquentenário de Goiânia, 1983).

GOIÂNIA, CIDADE DAS REALIZAÇÕES OUSADAS

Colemar Natal e Silva

Quando Goiânia nasceu, iluminada, então, por um ideal muito elevado de evolução e de progresso, sentimos e proclamamos, bem antes da época de seu batismo Cultural que algo mais do que prosperidade material se fazia mister, para que o ousado e oportuno empreendimento viesse atingir, por completo, as suas finalidades.

Era preciso lançar, desde logo, as bases de uma civilização que, mantendo a tradição de cultura, conquistada pela antiga Capital, a elevasse, ainda mais, pelo tempo afora.

Contra esse propósito conspirava a premência dos interesses materiais preponderantes, por força das circunstâncias: era o problema da instalação e da adaptação do elemento humano.

Isto evocava, àquela época, a observação de Capistrano de Abreu, nos seus estudos sobre a formação das cidades brasileiras. Ele fazia sentir que as cidades antigas podiam apresentar feição intelectual mais definida. Dava-se, com as cidades o mesmo que com os indivíduos, envolvidos, nos primeiros tempos, com os seus problemas de ordem material, para poderem se dedicar, progressivamente, de modo intensivo, à ilustração do espírito e da inteligência.

No entanto, convicção sincera me levava a julgar oportuno, desde logo, preparar o terreno.

E lançamos aquele apelo: Ergamos, sem demora as bases duradouras do saber e da cultura, sobre as bases do progresso material de que goza o nosso Estado.

A Goiânia, cidade das realizações ousadas, dos empreendimentos felizes e construtores, em todos os setores da atividade humana — cidade que já nasceu grande — e já traduz tão bem a ver-

tigem do progresso e da civilização contemporânea, não bastarão os palácios luxuosos, as vivendas principescas, nem os requintes do urbanismo moderno. Ela precisa projetar, bem longe, as luzes de sua intelectualidade, para manter, sempre acesa, essa partícula de luz que traz a grandeza imaterial e imorredoura das cidades.

Goiânia, encarada nos seus aspectos culturais, tem raízes que se prendem a Goiás, antiga Capital; esta é o berço querido de tantas tradições preciosas que um dever cívico imperioso nos induz, não só a guardar, como a defender, que precisam viver unidas: uma é a tradição de glórias legítimas, de louros imperecíveis, outra, é a cidade do presente e do futuro, a materialização do espírito da época e um prenúncio da vertigem do porvir.

Buscando caracterizar as fases iniciais da marcha da evolução cultural naqueles primeiros tempos, façamos uma síntese de alguns dos acontecimentos marcantes, como a transferência de Goiás, para Goiânia, do Instituto Histórico e Geográfico, fundado na antiga Capital, a 15 de junho de 1933.

Efetivada a mudança, a entidade passou a funcionar na nova Capital, como a primeira associação de cultura aqui estabelecida.

Houve a doação, pelo interventor Pedro Ludovico, de três lotes, para a futura sede do Instituto. Fez-se a planta do prédio, confeccionada pelo notável engenheiro Nedermayer.

Lançada a pedra fundamental, em concorrida solenidade, a 26 de julho de 1939, teve início a construção, concluída no ano seguinte, e também inaugurada festivamente, o que foi noticiado pela imprensa.

O passo seguinte foi a criação da revista do Instituto Histórico e Geográfico, cujo primeiro número circulou em maio de 1940. Essa revista, por falta de apoio financeiro, não pode se manter.

Só em 1972, já n'outra fase, a idéia ressurgiu e veio à lume a Revista do Instituto, cuja edição prosseguiu até hoje, já publicados dez números, sob a direção do historiador Basileu Toledo França.

Outro ato em prol da Cultura, ocorreu a 29 de abril de 1939 — a fundação da Academia Goiana de Letras — em sessão solene, no próprio Palácio do Governo.

Tempos depois, houve os primeiros concursos literários, com a distribuição, pela Presidência, dos prêmios respectivos, conferidos aos escritores Maria Paula de Godoy, Marilda Palínea, Ro-

sarita Fleury, Bernardo Élis, ainda não consagrados, bem como a Gerson de Castro Costa, pela obra “Goiânia, a Metrópole do Oeste”. Estes fatos são mencionados para registrar o propósito de dinamizar, pioneiramente, a cultura na cidade nascente.

O acontecimento mais relevante, de maior significação iria se dar posteriormente: a cinco de julho de 1942 — o Batismo Cultural de Goiânia, que veio a se constituir, quer pela programação, quer pela execução, no “début” da nova Capital, em meio ao concerto das outras sedes do governo do País.

Cabe agora, após essa ligeira síntese, dar merecido destaque ao surgimento de um órgão cultural de alto nível, a revista “Oeste”, sem dúvida um fato marcante.

Idealizada e fundada em 5 de julho de 1942, “Oeste” congregou uma equipe de estudiosos, legítimos expoentes de nossa intelectualidade.

Bem haja o dinâmico Diretor do Centro de Cultura Goiana, professor José Mendonça Teles, ao coordenar, sob o patrocínio da Universidade Católica de Goiás e Caixa Econômica Federal, a reedição desta revista, repositório verdadeiramente precioso de produções da inteligência goiana, que passaram a integrar o nosso patrimônio literário.

Dentre os que dirigiram a revista, além de outros, destaca-se o brilhante intelectual Paulo Figueiredo, elemento dos que mais cooperaram para o pleno êxito da publicação e que se encontra, ainda hoje, em plena atividade, no desempenho do alto posto de Consultor Geral do Senado Federal.

Basta folhear a “Revista” para se ver e se sentir o que ela representou, àquela época, no campo cultural, não sendo mesmo de admitir que viesse a se perder um acervo tão precioso de ilustração e saber que, na verdade, dignificou o estágio das letras goianas naquele período, permanecendo válido até hoje.

Seria extenso mencionar, um por um, todos os artigos publicados pela “Revista”, em dois anos de existência.

No entanto, no sentido geral, eles atestam e comprovam, não só a capacidade intelectual, como inteligência e ilustração, dignos do maior apreço.

Pena é que não lhe houvessem dado condição para se manter e sobreviver.

Essa "Revista" foi um passo avançado nas lides do saber de Goiânia, traduzindo também uma viva aspiração dos escritores de Goiás, no rumo de sua evolução e progressivo aperfeiçoamento.

Uma vez editada e divulgada, vai valer como testemunho de uma fase áurea de nossas letras.

ACASO, COINCIDÊNCIA OU INTUIÇÃO?

Eli Brasiliense

Quando escrevi BOM JESUS DO PONTAL, editado pela Livraria Martins Editora S.A., em 1954, disse o seguinte, antes de começar a história:

“As bases históricas deste livro estão apenas na destruição da Vila de Bom Jesus do Pontal pelos selvagens, no começo do século XVIII (ou melhor do XIX), e na fundação de Porto Real pelos sobreviventes, cujos nomes parece que não foram guardados por ninguém.”

“Há muitas lendas em torno desse acontecimento. Acredito que mais uma fantasia não fará mal, nem virá perturbar o trabalho de qualquer historiador que pretenda contar o caso firmado em documentos”.

Já declarei, por diversas vezes, que não acredito no acaso, nem na intuição, especialmente no primeiro, que é definido como uma palavra sem significação filosófica, porque todo efeito tem uma causa.

Foi por acaso, coincidência ou intuição que resolvi comprar um exemplar da revista VISÃO, de 18 a 31 de dezembro de 1972, e que conservo em meus arquivos indiscutivelmente modestos? Em sua seção de LIVROS, esse número trouxe uma elogiosa referência ao livro de Carlos Guilherme Mota (Editora Perspectiva, 487 páginas) 1822: DIMENSÕES, “que veio eliminar a escassez e a descontinuidade das pesquisas e dos trabalhos a propósito da nossa independência política, os quais procuravam uma linha estreitamente formalista, aceitando a independência como um fato que se esgota no dia de sua proclamação, enquanto omitiam abordagens fundamentais como a sociedade colonial, a demografia histórica e as formações ideológicas”.

Foi o que procurei reconstituir, de maneira a mais modesta, em BOM JESUS DO PONTAL, criando tipos, enxertando casos, sem auxílio de nenhum documento.

O comentarista critica as comemorações do Sesquicentário, no tocante à preocupação que se teve de destacar detalhes da vida de Dom Pedro I com a Marquesa de Santos, inclusive pela televisão e, de modo especial, o fato de serem enviados os restos mortais do Imperador a Pernambuco, onde foi esmagada, em 1824, a Confederação do Equador.

Em Bom Jesus do Pontal eu imaginei um movimento independentista, por intermédio de um menino, o Quincas, que fugiu de lá e foi parar em Pernambuco, voltando já homem feito, com idéias revolucionárias, e que logo se insurgiu contra os desmandos do coronel Martins. Esse foi um dos que sobraram do massacre, e que chefiou a retirada dos sobreviventes para o Porto Real.

Ficamos sabendo, pelos estudos de Carlos Guilherme Mota, que Goiás possuía, naquela época, pouco mais de cinquenta mil habitantes, entre os quais se contavam vinte mil escravos, concentrados nas 600 fazendas de criar, espalhadas pelas chapadas e cerrados. Bom Jesus do Pontal tinha vinte mil cabeças de gado vacum, cavalos e muias. Ali morava o fazendeiro Tristão Pinto de Serqueira, que escreveu uma carta a um amigo de São Paulo, e da qual foi destacado o seguinte trecho:

“Lembra-me agora que Portugal em outro tempo nunca conveio que os Brasileiros fossem instruídos só a fim de os conservar na ignorância e fazer deles a sua preza . . .”

Afirma o comentarista que, evidentemente, um fazendeiro goiano, semiletrado, lá do seu Arraial do Pontal, não teve importância maior nos fatos da Independência, e não foi permitido dar muita notoriedade aos termos antilusitanos de sua carta.

No romance eu inventei a fuga de um menino com destino a Pernambuco, e que voltou de lá com os ideais independentistas. Os nomes foram todos de criação minha, pois desconhecia ter existido ali Tristão Pinto de Serqueira, mas o colonialismo foi analisado, e as ideologias ali existentes não foram esquecidas.

Não toquei no caso da Confederação do Equador porque seria um anacronismo. Ele eclodiu em 1824, opondo-se à orienta-

ção política de D. Pedro I, por causa da dissolução da Assembléia Constituinte. Uma das figuras mais importantes desse movimento foi o carmelita Frei Joaquim do Amor Divino Rabelo e Caneca, que já havia participado da Revolução Pernambucana, e esteve preso por 4 anos. Novamente preso e julgado foi condenado à forca. Ninguém quis ser o carrasco, e ele foi fuzilado em 13 de janeiro de 1825. Era maçom.

DIAMANTINENSES NA HISTÓRIA DE GOIÁS

Peixoto da Silveira

O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS não poderia deixar de participar das comemorações do sesquicentenário da instalação da VILA DE DIAMANTINA, antigo Arraial do Tijuco. Pois é grande, relativamente muito grande o número de diamantinenses que têm contribuído para o progresso do Estado de Goiás. Dentre os mais ilustres, bastaria citar Juscelino Kubitschek, Couto de Magalhães, Cônego Luiz Antônio da Silva e Souza e seu irmão, o Padre-mestre José Antônio da Silva e Souza.

Uma pesquisa cuidadosa iria certamente descobrir muitos outros diamantinenses, ilustres ou anônimos, que, desde os tempos dos heróicos bandeirantes à predestinada era de J.K., ajudaram ou fomentaram o desenvolvimento da terra de Anhanguera.

Esta singular afinidade talvez não seja pura coincidência histórica. Sua explicação está a merecer o estudo dos especialistas em Ciências Sociais.

ANÁLOGAS CONDIÇÕES HISTÓRICO-GEOGRÁFICAS

O fenômeno talvez possa ser parcialmente explicado pela semelhança histórica da sua formação social, motivada, antes, pela semelhança pré-histórica da constituição geológica. Historicamente, sim, Diamantina e Goiás tiveram começo na mineração. Seria, pois, um exemplo, não do determinismo, frise-se, mas da inequívoca influência que as condições geográficas e geológicas podem exercer sobre os fatos sociais e históricos. Belo exemplo de relação simbiótica., digamos, entre o geológico e o sociológico. Sim, foi a descoberta do ouro que originou a fundação do Arraial do Tijuco e, pouco depois, a do distante Arraial de Santana de Vila

Boa. Apesar da distância que os separa, registraram-se vários nomes que viveram e atuaram ora num lugar, ora no outro.

O TERCEIRO CONTRATADOR DE DIAMANTES

É o caso de Felisberto Caldeira Brant, uma das figuras mais simpáticas da história de Diamantina. O terceiro contratador de diamantes célebre pela sua generosidade, altivez e desdita, residira antes em Vila Boa de Goiás (1735-1744), onde fez fortuna na exploração do ouro. Felisberto e seus irmãos somente saíram de Goiás porque participaram do movimento popular que houve ali, em 1744, contra os cobradores dos quintos. Temendo represálias, foram todos os irmãos para as recém-descobertas minas de Paracatú. Lá ficaram mais ricos ainda. Juntamente com os irmãos Joaquim, Sebastião e Conrado, Felisberto “veio para o Tijuco arrematar o terceiro contrato dos Diamantes” (1748-1750) . . .” com seiscentos escravos, mediante a capitação anual de 220\$000 por cada um, devendo porém quatrocentos trabalhar no distrito demarcado da Comarca do Serro Frio e duzentos no novo descoberto diamantino de Goiás”. (Memórias do Distrito Diamantino da Comarca do Serro Frio pelo Dr. J. Felício dos Santos – Tipografia Americana, Rio, Pág. 75). E Felício dos Santos acrescenta textualmente: “Durante o terceiro contrato o arraial do Tijuco teve grande aumento em população, comércio e riqueza. Felisberto Caldeira Brant não perseguia os garimpeiros como os seus antecessores”. (Pág. 76).

UM PERSONAGEM EM BUSCA DE UM CINEASTA . . .

Entrementes, as lavras de Pilões e de Rio Claro, em Goiás, não corresponderam à expectativa. Por isso, os irmãos Caldeira solicitaram permissão para transferir para o Tijuco os escravos capitados. Mas logo começaram as crescentes perseguições que os arruinaram. Preso, desterrado, faleceu em Portugal o terceiro contratador dos diamantes, em 1757. Sua História está à espera de um cineasta para fazer um grande filme . . .

O PRIMEIRO PROFESSOR DE LATIM . . .

Sete anos depois da morte do aventureiro Felisberto Caldeira Brant, nascia no agitado Arraial do Tijuco aquele que seria o pri-

meiro professor de latim da longínqua província de Goiás. O menino Luiz Antônio da Silva e Souza mostrou-se tão brilhante nos primeiros estudos que, rompendo difíceis barreiras, foi enviado a Roma. Ordenado presbítero, chegou a Lisboa, onde, aprovado em rigoroso concurso, foi nomeado para lecionar gramática latina, em Goiás, para aonde veio logo. Tinha então 26 anos.

AJUDANDO A FAZER E A CONTAR A HISTÓRIA DE GOIÁS

O Cônego Luiz Antônio da Silva e Souza viveu 50 anos na terra anhanguerina. Teve notável atuação como intelectual, como eclesiástico e como político. Em resumo, basta dizer que em 1818, chegou a governador do Prelazia da Província. Em 1821, foi eleito deputado às Cortes de Lisboa aonde não chegou a ir, prevendo a iminente independência do Brasil. Em 1823, foi nomeado membro do Conselho Administrativo da Província. Foi assíduo colaborador do primeiro jornal de Goiás, *A matutina Meiapontense*. "Nesse Jornal advogou ele com energia a causa dos interesses nacionais e das liberdades públicas", segundo o depoimento de José Martins Pereira de Alencastre. Foi o primeiro a escrever formalmente, a história de Goiás, a pedido da Câmara de Vila Boa, em 1812: "Memória sobre o Descobrimento, Governo, População e Cousas da Capitania de Goiás". Publicou também "Memória Estatística da Província de Goiás" e o poema dramático "Discórdia Ajustada". Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e é Patrono da cadeira n. 20 da Academia Goiana de Letras, atualmente ocupada pelo presidente, Ursulino Leão. É também Patrono da cadeira 18 do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, cujo titular é José Mendonça Teles. E este operoso escritor goiano publicou recentemente "Vida e Obra de Silva e Souza", com prefácio de Colemar Natal e Silva, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

O Cônego Silva e Souza — esse diamantinense que ajudou a fazer e a contar a história de Goiás — faleceu em Vila Boa, no ano de 1840, quando um seu conterrâneo, José Vieira Couto de Magalhães, era ainda uma criança de 3 anos.

PIONEIRO DA NAVEGAÇÃO A VAPOR DO ARAGUAIA

Bacharel e doutor em Direito, engenheiro militar, político, escritor, herói da Guerra do Paraguai, deputado e presidente de vá-

rias Províncias do Império, seu nome seria conhecido e reconhecido pelos relevantes serviços que iria prestar a todo o País. Mas, especialmente em Goiás, Couto de Magalhães iria destacar-se como o pioneiro da navegação a vapor do Rio Araguaia. Legendária foi a sua atuação tanto na presidência da província de Goiás, como na do Pará e de Mato Grosso.

Até hoje se comenta a sua quase mitológica façanha de desmontar aquele barco do Rio Paraguai, em Mato Grosso e transportá-lo até Leopoldina, situada à margem goiana do Araguaia. Além das partes do vapor, toda a ferramenta de uma oficina para rearrmá-lo e pô-lo em funcionamento, tudo foi carregado em 16 carros de bois, percorrendo as 100 léguas daquele bravo sertão. Foi assim, só assim, que conseguiu implantar a "navegação a vapor do Araguaia, no meio do chapadão da América do Sul".

UM HOMEM QUE NASCEU ANTES DO TEMPO

Ao ler hoje "Viagem ao Araguaia", publicada em 1863, ou "Dezoito mil milhas do interior do Brasil" (1872), "O Selvagem" (1876) e outros escritos que deixou e, ao compará-los com as obras que realizou ou planejou, no seu "agitar constante", lutando contra incompreensões e injustiças, verifica-se como e quanto pode sofrer um homem quando ousa elevar-se acima do meio e da época em que vive. Couto de Magalhães nasceu antes do tempo, do tempo em que queria viver, sem poder contar com os meios para adiantar o relógio da história. Reverenciado em Goiás como epônimo de muitas instituições e de um município, Couto Magalhães é patrono da cadeira n. 1 da Academia Goiana de Letras e da n. 20 do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

A REINCARNAÇÃO DOS PLANOS E DO ARROJO

José Vieira Couto de Magalhães morreu no fim do século passado (1898) e 4 anos depois, logo no início de nosso século (1902) iria nascer outro diamantinense, Juscelino Kubitschek de Oliveira, que reincarnaria idênticos planos e o arrojo de seu visionário contrerrâneo, dando-lhes novas dimensões.

Como estadistas, ambos tiveram nítida visão dos maiores e mais instantes problemas nacionais. Ambos beneficiaram Goiás em todos os setores da administração. Mas destacaram-se ambos na mesma área, a dos transportes.

A TEORIA DE ADLER

Talvez isso não tenha sido por mero acaso. Na infância, ambos sentiram, individualmente, no isolamento do sertão diamantinense, a angústia da falta de comunicação com os grandes centros litorâneos. Disse Adler que "as mais importantes determinantes da estrutura da vida mental, da vida da personalidade, se originam nos primeiros tempos da infância" (Alfred Adler — A Ciência da Natureza Humana — Cia. Editora Nacional — 1945 — Pág. 21). Dir-se-ia que passamos a existência buscando completar o desenho cujo esboço fizemos na infância.

AS MESMAS IMPRESSÕES NA INFÂNCIA

É esta a idade em que mais se faz sentir a influência do meio. As predileções, os desejos, ambições, o plano de vida e os ideais de cada pessoa são projeções do ambiente, filtradas pela sensibilidade individual. As impressões do meio, vindas da paisagem física e humana, das amizades, das tradições, dos usos e gestos, dos problemas do dia-a-dia, das leituras, dos exemplos e modos de vida, das diversões, danças e serenatas, sim, das palavras e mesmo dos silêncios e das privações, tudo, tudo contribui para amoldar a personalidade, dando-lhe consistência e forma.

A HORA E A VEZ

Por outro lado, é incontestável que as condições do momento histórico-social é que fornecem os meios e os modos de atuação de cada pessoa, marcando-lhe a hora e a vez. No século passado, Couto de Magalhães, tentando a ligação Norte-Sul do Brasil, iniciou a navegação fluvial (Araguaia-Tocantins). Cem anos depois, com o mesmo objetivo, Juscelino construiu a Estrada Belém-Brasília, à qual deu o nome de Rodovia Bernardo Sayão. A obra de um parece ser, providencialmente, a complementação do plano do outro.

Juscelino conseguiu fazer por rodovias, um século depois, o que Couto de Magalhães tentou fazer por hidrovias: a ligação Norte-Sul.

PENSARÃO QUE HOVE ERRO TIPOGRÁFICO . . .

Tão importante para o País é a Rodovia Bernardo Sayão, que em breve futuro, ninguém acreditará que ela só foi aberta em 1959. Não acreditarão que levamos mais de quatro séculos para realizar uma obra tão vital para a economia e tão essencial para a

segurança nacional. Pensarão que deve ser erro tipográfico: em vez de 1959 deve ter sido construída em 1659, pensarão os nossos descendentes. . .

SÓ ELE CONSEGUIU ADIANTAR O RELÓGIO DA HISTÓRIA

Só ele, somente Juscelino conseguiu romper as muralhas geográficas que oprimiam o Brasil no litoral e logrou dominar as distâncias históricas que nos mantinham no passado. Só ele, somente ele, com o poder do seu gênio e o calor daquele entusiasmo irradiante, pôde fundir a chave mágica com que conseguiu adiantar o relógio da história, fazendo, realmente, o Brasil progredir "cinquenta anos em cinco".

Mas falar sobre a vida e a obra de J. K. seria fazer outra conferência. Outras páginas, muitas outras, seriam necessárias para discutir qual o maior de seus feitos: as rodovias, as usinas elétricas, a industrialização, a mudança da capital, ou, mais do que tantas obras materiais, os gestos de magnanimidade, de coragem e de grandeza, ou as lições práticas de democracia e a transfusão do seu otimismo, da alegria de viver, quando todo mundo tinha fé no futuro e orgulho de ser brasileiro.

REFERÊNCIAS

- Memória sobre o Descobrimento, Governo, População e Causas da Capitania de Goiás — Cônego Luiz Antonio da Silva e Souza, in Revista Inst. Hist. Brasil, t. XII.
- Memória Estatística da Província de Goiás etc. — Cônego Luiz Antonio da Silva e Souza. Tip. Nac., Rio de Janeiro, 1832.
- Vida e Obra de Silva e Souza — José Mendonça Teles; Prefácio de Colemar Natal e Silva — Editora Oriente, 1978 — Goiânia, Go
- História de Goiás — Zoroastro Artiaga — 1959 — Goiânia
- Presidentes e Governadores de Goiás — Joaquim Carvalho Ferreira — Edição da U.F.Go, Goiânia, 1980.
- Vila Boa de Goiás — Tom Maia-Bernardo Élis — Thereza Regina de Camargo Maia — Cia. Edit. Nacional — Embratur — 1979.
- Memórias do Distrito de Diamantino da Comarca do Serro Frio — J. Felício dos Santos — Tipografia Americana, Rio.
- Viagem ao Araguaia — Couto de Magalhães — 1863.
- Dezoito Mil Milhas do interior do Brasil — Couto de Magalhães — 1872.
- A Ciência da Natureza Humana — Alfred Adler — Cia. Edit. Nacional, 1945.
- Lugares e Pessoas — José Trindade da Fonseca e Silva — Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo — 1948.

À MEMÓRIA DE LUIZ DO COUTO *

Goiandira do Couto

Imaginemos a criação sem o homem. Sem sua presença dinâmica e transformativa, capaz de forjar culturas, de criar hábitos, de gerar costumes, de fazer história.

Imaginemos o tempo se repetindo sobre uma paisagem vegetativa, sem referências que só a inteligência humana poderia criar e oferecer.

Porém, por menos que entendamos os designios de Deus o homem aí está. Nas suas mãos, um mundo para ser construído e edificado.

E mesmo que, às vezes, se perca nos descaminhos das ambições desmedidas e das vaidades inúteis, o homem, vai, através dos séculos e dos milênios, na rotina dos dias e no vagar das horas erigindo o mundo e edificando a vida.

E como cada ser humano é único na sua essencialidade — seus caminhos não se repetem, embora possam coincidir, da mesma forma, que os ideais acalantados se diferem no encanto das alegrias geradas, tanto quanto na mágoa das frustrações sofridas.

Uns se encarregam da construção do mundo, porque o fascínio de seu cérebro e de sua mente são as ciências tecnológicas.

Seus caminhos são as concreções de aço e de cimento, a caminhada dos asfaltos, as rotas aéreas que já ensaiam o interplanetário.

Mas outros nascem com a vocação de edificar a vida.

São os intelectuais. Os homens das humanidades, os homens do pensamento, os homens da palavra.

* Palestra proferida dia 9 de novembro de 1984 em comemoração ao XV aniversário da AFLAG. Homenagem da Entidade ao Magistrado e poeta Goiano LUIZ DO COUTO.

Os caminhos destes homens, são as abstrações do espírito, as razões da alma, os anseios do coração — às vezes — grandes demais para o curto tempo de uma vida.

Porém, uns e outros fazem a cultura.

Uns e outros fazem a história.

Seus nomes autovivificáveis pela seiva do talento, que não morre, continuam vivos, mesmo quando seus rastros já são apenas memórias.

É por isto que, hoje, 100 anos depois de seu nascimento, o nome de Luiz do Couto, está sendo reverenciado, por aqueles, que, fazem culto da ciência como humanismo, e, da palavra, como o mais hábil instrumento de arte.

E, como de Luiz do Couto, eu não trago apenas o sangue e o nome, mas também uma sincera admiração pelo homem-arte-cultura, que conheci tão de perto.

Permitam-me, ilustres amigos, rastrear, na saudade, os caminhos que ele percorreu edificando a vida.

Tudo quanto fez, em termo de cultura e profissionalidade, o fez por este nosso Estado de Goiás, de cuja grandeza presente, a Cidade de Goiás — berço de Luiz do Couto — foi célula mãe.

Luiz do Couto amava este chão, como se tivesse nascido de suas próprias entranhas.

Aqui nasceu, aqui viveu.

De norte a sul, conheceu quase todos peraus goianos, em longa peregrinação judicatória, levando na alma a crença na lei, e na mala do viajor a toga do Juiz incorruptível.

E quando era obrigado a ausentar-se de seu Estado, como o teve de fazer, em busca do título de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, sua alma sensível respondia com versos aos nostálgicos apêlos do coração saudoso.

Se ser poeta sempre foi fácil para quem tem talento, difícil, naquela época, era ser um poeta editado. Atestado destas dificuldades enfrentadas, então, por aqueles que buscavam na arte uma expressão de vida, é o fato de "Violeta" ter tido sua única tiragem, feita na Europa, mais precisamente em Portugal, onde as realizações culturais viviam uma plenitude alcançada, através de séculos de evolução.

Foi em Goiás, que Luiz do Couto, encontrou o grande amor de sua vida. Uma pintora, que se tivesse tido chance de expandir seu talento, talvez, tivesse feito registro nas agendas das ar-

tes plásticas goianas. Seu nome Maria Ayres Cavalcante, uma beleza inquieta, e personalidade forte, traços principais das mulheres do norte do Estado.

No meu pai o que mais me encantou, foi a sua grande capacidade de amar.

Amou apaixonadamente sua companheira. No dia do seu aniversário, longe do lar por força de comissionamentos profissionais enviou a minha mãe, de Anápolis, onde se encontrava, a ternura deste poema:

Por mais que os anos passem, nossa vida
É sempre clara primavera em flor...
Tem a frescura da manhã florida
Abençoada pelo nosso amor!

Do céu nos sorrirá sempre a ventura,
Aventura sem par dos peitos francos...
Eu beijarei a tua face pura,
Tu beijarás os meus cabelos brancos!

Quando fores velhinha, minha amiga,
Eu velhinho estarei sempre a teu lado...
Cantarás para mim uma cantiga,
Uma doce cantiga do passado !

E ao som da tua voz, a mocidade
Dos meus outrora verdejantes anos,
Transformará em linda claridade
Do meu viver os tristes desenganos!

E juntinhos nós dois, já bem velhinhos,
Abraçados num sonho encantador,
Eu embalado pelos teus carinhos,
Tu aquecida pelo meu amor!

Aos seus 12 filhos, dedicou infinito carinho. E eu me sinto privilegiada por ter sido a segunda na cronologia dos nascimentos e a primeira das meninas. Isto permitiu-me alcançá-lo mais na juventude.

Nos requintados saráus do Palácio Conde dos Arcos, e em ocasiões diversas, fui seu par para as valsas. Fui a intérprete prefe-

rida de seus poemas, num tempo em que a poesia imperava nos salões e era a mais bela expressão cultural. Participei ativamente de sua vida pública e me orgulho de haver sido discípula atenta de seus ensinamentos morais.

Mas, Luiz do Couto amou igualmente a vida, em si mesma.

Os plenilúnios goianos, tão presentes no lirismo de Joaquim Bonifácio, eram o fascínio de sua sensibilidade, e quando, noites veronais de Vila Boa, se orgulhava bilaquianamente na contemplação do céu, eu imaginava as estrelas como estilhas de suas explosões emocionais.

Havia também o violão, a voz bonita do seresteiro. Repetidamente os versos.

Às vezes, longos silenciosos perquiridores. Aí o poeta, o sonhador, cedia lugar ao mestre do Magistério Superior, a cujo quadro pertenceu, como professor da Faculdade de Direito de Goiás. Cedia lugar ao político Aristoteliano, sempre preocupado com a organização e os rumos sociais do Estado e do País.

Cedia lugar ao jornalista, profundamente preocupado com a verdade.

E cuja seriedade e talento lhe valeram insistentes convites de Assis Chateaubriand para integrar a equipe Associada, já a esta época, a mais importante rede de notícias do País.

Cedia lugar ao historiador, preocupado com a nossa identidade, com o registro correto dos nossos fatos mais significativos, a fim de que a nossa trajetória, como povo livre, não sofresse os acidentes de percurso, geralmente, provocados pelas distorções, propositadas ou não, de verdades e informações básica para a vida de um povo.

Cedia lugar ao conferencista, eclético nos conhecimentos, analisando valores, laboratorizando definições para situações políticas, econômicas, sociais e culturais já complexa em sua época e de dirimências impossíveis, sem a coragem dos caracteres fortes e ideologicamente bem formados.

Ilustres amigos, Luiz Ramos de Oliveira Couto, viveu 64 anos.

E para se ter uma idéia, ainda que vaga, da intensidade com que viveu esta existência de cidadão útil e preocupado com a edificação da vida — dentro destes 64 anos registram-se, pelo menos, 60 datas importantes, excluídos eventos particulares como casamento e nascimento de filhos.

O marco inicial é 6 de Abril de 1884.

Permitam-me, prezados amigos, uma rápida retrilhagem deste caminho entre o ponto de partida e o marco de chegada, com algumas paradas referenciais nos pontos que me for dado considerar como os mais significativos:

1892 — Matricula-se na escola primária.

1897 — Conclusão do curso primário, com distinção, em exame presidido pelo Delegado Literário, Manoel Lopes de Carvalho Ramos.

1898 — Ingressa no Liceu.

1903 — Escriturário da Secretaria de Finanças do Estado.

1904 — Ingresso na Academia de Direito de Goiás.

1905 — Publica "Violetas" (versos).

1906 — Bacharela-se em Direito sendo o orador da turma.

1907 — Instala e assume a Comarca do Rio Palmeiras, com sede em São José do Duro.

1912 — É nomeado Juiz da Comarca do Rio Paranaíba, com sede em Catalão.

1913 — Publica a obra "Lilazes" (versos)

1914 — Descobre no município de Catalão a "Cruz do Anhanguera".

1915 — Colou grau de Bacharel na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, tendo sido aprovado com distinção em todas as matérias.

1916 — Promove a primeira reunião para a fundação de uma Faculdade de Direito, em Goiás.

1916 — Profere o discurso oficial na instalação da Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais de Goiás.

1918 — Implantação da "Cruz do Anhanguera", na cidade de Goiás.

1921 — Aposenta-se na Magistratura.

1922 — Como principal orador, discursa na Festa do Centenário da Independência.

1922 — É designado lente de História Universal e do Brasil do Liceu de Goiás.

1922 — Torna-se co-fundador do Instituto dos Advogados de Goiás.

1924 — Publica com grande sucesso o poemeto "Moema".

1927 — É nomeado Procurador Geral do Estado.

1931 — Em Anápolis, fala em nome da municipalidade inaugurando a primeira linha do Correio Aéreo Nacional.

1932 — É nomeado lente da cadeira de Direito Internacional Privado, da Faculdade de Direito de Goiás.

1933 — Membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

1934 — É designado lente da Cadeira de Direito Comercial da Faculdade de Direito.

1939 — Torna-se membro fundador da Academia Goiana de Letras, cabendo-lhe a cadeira n. 21 patrocinada por Egerineu Teixeira.

1940 — A Congregação da Faculdade de Direito presta-lhe significativa Homenagem.

Membro da Associação de Imprensa do Brasil Central.

Membro da Ordem dos Advogados do Brasil.

Membro correspondente da Academia de Letras do Piauí.

Membro da Sociedade de Homens de Letras do Brasil e França.

Membro correspondente do Instituto Genealógico e Arqueológico de São Paulo.

Colaborou em jornais do Rio, São Paulo e Minas Gerais, sendo em Goiás, diretor da sucursal dos "Diários Associados".

Membro da Academia Catalana de Letras.

Victor de Carvalho Ramos deixou expressa sua admiração pelo jornalista, pelo orador, pelo advogado e pelo homem de letra que foi Luiz do Couto.

E Claro Godoy, numa longa carta publicada pela imprensa em 14/07/1940, fez comovente apologia do valor desse vilaboense e de sua atuação decisiva no aprimoramento da cultura goiana.

Prezados Acadêmicos, a data de 20/06/1948, está em sua lápide no Cemitério São Miguel em Vila Boa. Porém, assinala apenas o fim de uma vida física.

Para além do finito, Luiz do Couto, continua vivo.

Em forma de saudade, no coração de seus familiares, como esta sua filha, e dos amigos que lhe sobrevivem.

Continua vivo no respeito e na admiração dos que medem os valores humanos pelos parâmetros da cultura, da moral e do civismo.

Vive em memória, o nome cultuado por organismo como a Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás.

Aliás, permitam-me, queridas confreiras a colocação que faço: — Luiz do Couto, merece esta deferência da inteligência feminina goiana, que dele se lembra, tão magnificamente, no ano do 1o. centenário do seu nascimento, e exatamente no dia de hoje, 9

de novembro, quando comemoramos o décimo quinto aniversário da AFLAG.

Luiz do Couto sempre valorizou a mulher. Quando no fim da década de 20, surgiu o primeiro movimento feminista, cuja bandeira era o direito de participação da mulher nas decisões nacionais, através do voto, Luiz do Couto, deu-lhe irrestrito apoio, na pessoa de Berth Lutz, líder nacional do movimento, inclusive, prestando-lhe assistência jurídica.

Hoje, o Brasil mudou e Goiás também.

Inteligente e consciente, a mulher goiana conquistou o seu próprio espaço como bem atesta a própria Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás.

Entre a luta da mulher pelo direito de voto e as conquistas atuais, se vão longos e tumultuados capítulos de uma história admirável, nos seus lances e resultantes.

Senhores acadêmicos, o muito obrigado que lhes devo pela expressividade desta homenagem aos 100 anos de Luiz do Couto, mais do que um agradecimento — é uma prece para que Deus povoe de luz o espírito de cada um, a fim de que possamos todos atravessar o tempo como Luiz do Couto atravessa este seu primeiro século. Muito obrigada por mim, pelos meus irmãos, com uma referência especial a Goiás do Couto. Muito obrigada pelos demais familiares.

Muito obrigada pelo meu pai, que na luminosidade de seu espírito imortal, em recente data, nos mandou, psicograficamente um poema, onde mais uma vez, fala do seu amor pelo seu berço terreno, a Cidade de Goiás, e de onde extraí este trecho:

Goiás de nossa gente,
Que eterniza nos marcos históricos
a esperança do progresso entre
os homens.
É a prata do luar reluzindo
num céu sem fim.
Derramando bordados de luz
Numa noite que precede ao dourado
Sol.
É o luar de prata refletindo
No manto tranquilo das águas as silhuetas
seculares, trazendo cada uma,
Uma história a contar.

História que esconde, num sacrário bendito,
Os corações daqueles que fizeram grande
O berço secular
Onde nasceu a cultura e a civilização
De um povo.

Um povo que esconde numa moldura antiga
Imagens que eternizarão
Um presente e um futuro
E banhado pela luz desta lua,
Fiz a sonata ao luar.

Um luar que nunca morre.
Pois o luar de Goiás é o próprio coração
De seu povo.

E louvo a minha terra.
E a ela rendo e entronizo homenagens
De um simples filho da terra
De Vila Boa.
Desta Vila Velha.
De meu Goiás.

LUIZ RAMOS DE OLIVEIRA COUTO (Luiz do Couto)
1884 — 1984

Regina Lacerda

Caros confrades, dois motivos me levam a pedir a atenção dos nobres companheiros para uma pálida homenagem que desejo prestar hoje ao poeta Luiz do Couto (nascido Luiz Ramos de Oliveira Couto) no transcurso do centenário do seu nascimento.

O primeiro motivo será um dever de justiça lembrar a figura de um homem que participou da história da vida cultural da nossa terra. O segundo será de ordem afetiva e, por que não dizer, de respeito, como fala o poeta A. G. Ramos Jubé no seu poema "Os velhos poetas": "Sob o luar dormem os velhos poetas/ enquanto vão passando as gerações..." Em outra estrofe: "Dormem os velhos poetas pela terra jaz um estro roto/ mas as noites de lua ainda povoa/ a serenata, a ternura/ de Bonifácio, de Constâncio e Luiz do Couto/ alma sentimental de Vila Boa". Finalmente Jubé poeta: "Silêncio, agora, ó alma comovida!/ Dobra o joelho no chão. os olhos cerra/ e reza, eles dormem."

Amiga da família, colega de Goiandira, menina ainda, frequentei a casa de Luiz do Couto onde era recebida com muito carinho. Mesmo distante intelectualmente do velho, era por ele distinguida com gestos afetuosos e palavras amáveis. Como prova, guardo um exemplar da plaqueta "MOEMA" (2a. edição) com delicada dedicatória.

Ao prestar-lhe esta modesta homenagem não irei traçar-lhe a biografia nem analisar sua obra literária, pois muitos já o fizeram. Em traços rápidos lembrarei a figura do autor de "VIOLETAS" e "LILAZES" que nasceu na cidade de Goiás, em 6 de abril de 1884 e faleceu lá mesmo, quase ao sopé da Santa Bárbara, no dia 20 de junho de 1948.

Conheci-o já idoso, porém, ficou-me na lembrança a figura do doutor e do poeta sempre bem vestido, de postura elegante e atitudes fidalgas. Era de ver-lhe a maneira como dirigia um cumprimento a uma senhora ou mesmo a uma senhorita. Sempre com um sorriso franco, uma frase gentil, galante, lisongeiro.

A nota que a nós jovens mais nos chamava a atenção na sua pessoa era o anel de gráu rebrilhando sempre no indicador da mão direita, uso pouco comum naquela época.

Homem festivo e festeiro. Em sua residência, com certa solenidade e muita alegria, recebia a visita das "Folias do Divino" com farta mesa de doces e licores oferecida aos foliões, aos acompanhantes, aos músicos da banda que, do lado de fora, na rua, executavam, em sua homenagem, peças que sabiam do seu agrado.

Com a mesma disposição alegre com que acolhia aquela manifestação popular, abria suas portas para grandes recepções com bailes animados por refinada orquestra. Promovia ou participava também de festinhas de aniversários dos filhos, quando predominava a "fauna" infantil. Cultivando o velho costume dos sarás literários, nessas ocasiões cantava-se e se declamavam poesias. Para dar oportunidade às crianças menores, (no palco improvisado) escrevia pequenas quadras graciosas, às vezes humorísticas, de fácil memorização, especialmente para aquelas que nem mesmo eram alfabetizadas.

Nos grandes bailes da elite, o exímio dançarino não resistia ao ritmo da música. Com ligeira mesura convidava uma dama e rodopiava, charmosamente, pelos salões, onde introduziu, muito jovens suas filhas que, nos seus braços valsavam e valsavam com graça e leveza.

Luiz do Couto, pelo que se sabe, não teve infância fácil já que não nasceu de família abastada, entretanto fez seus estudos com regularidade. Ao lado dos cursos regulares, frequentou aulas particulares do melhor professor de Português, do seu tempo, Manoel Caiado.

Minha amiga D. Amélia Xavier de Almeida (96 anos hoje) lembra-se da presença de Lulú do Couto na escola de Neco Caiado. — Abro aqui um parêntese para falar desse professor. Contou-me o Sr. Elizeu Taveira, que foi também seu aluno, que Neco Caiado fazia sempre uma advertência aos seus estudantes: "Estudem meninos, estudem bastante, porque do contrário, vão todos acabar sendo deputados".

Luiz do Couto teria ouvido os conselhos do mestre, pois

não foi deputado, dedicou-se às letras, fez seu curso de Direito, ingressando na magistratura, depois de exercer vários cargos públicos na administração do Estado e de ter publicado "VIOLETAS".

Iniciou sua carreira jurídica no arrarial do Rio Palmeiras com sede em São José do Duro. Em Dianópolis casou-se com D. Maria Aires Cavalcante, de tradicional família nortense. D. Mariquinha, como era tratada na intimidade, era bonita, trigueira, de fina educação, mãe dedicada e dotada de grande sensibilidade artística. Possuía algumas experiências nas artes plásticas como proavam quadros por ela pintados e que ainda se encontram nas paredes da casa da rua de Trás d'Abadia onde vive Goiandira, entre pinéis e areias coloridas recriando paisagens e sonhos vilaboenses.

Em São José do Duro (Dianópolis) nasceu seu filho Goiás do Couto que foi também magistrado.

Depois da Comarca de Dianópolis passou Luiz do Couto para a Comarca de Rio Paranaíba que tinha como sede Catalão. Por esse tempo publicou LILAZES, livro mais avantajado não só em volume como em técnica no qual Gastão de Deus reconhece "um progresso decisivo" (G. M. Teles — A Poesia em Goiás).

Vivendo em Catalão descobre, nas suas redondezas, uma carcomida cruz que é atribuída à Bandeira do Anhanguera. O nosso Juiz dá início a uma verdadeira novela ao propor a remoção daquele precioso achado, considerado símbolo da conquista das terras goianas, para a Capital do Estado. Nas disputas que se desenvolveram sobre a legalidade da pretensão, foi necessário um ato do Presidente do Estado, autorizando o transporte da Cruz que, com grandes festejos, foi colocada num pedestal sobre quatro colunas, à margem do Rio Vermelho onde se encontra até hoje, protegida por caixa de vidro, vigiando a casa de Cora Coralina.

Passa o poeta a Juiz da Comarca de Bela Vista e mais tarde, aposenta-se. Retorna a sua cidade natal onde foi professor na Faculdade de Direito de Goiás, no velho Liceu e depois Procurador do Estado. Reconhecidos seus dons oratórios, era sempre convidado a falar em ocasiões importantes como o fez nas festas do Centenário da Independência e em tantas outras cerimônias cívicas.

Participa da fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, da Ordem dos Advogados de Goiás e desta Academia.

O nosso homenageado de hoje, "o mais devotado romântico do seu tempo", não terá sido um poeta "nitente" como eram os dias e os sóis que o encantavam, pois como disse A. G. Ramos Jubé "há no seu lirismo uma ingenuidade, uma simpleza casimiria-

na, principalmente na poesia amorosa". Mas é o próprio crítico Jubé, em seu livro "Síntese da História Literária de Goiás" (pg. 36) quem faz esta colocação: "... é de justiça afirmar que, em espontaneidade e pureza ganha do seu companheiro Bonifácio; era sua poesia mais variada, mais rica e fluente".

Nestas poucas palavras com que procuramos registrar o centenário do poeta, lembrando sua atividade de incentivador da cultura em Goiás, queremos relatar um fato que hoje se tornou rotineiro, mas que, na época, terá sido pioneiro e, porque não dizer, exemplo primeiro e de grande efeito educativo.

Quando era Secretário de Educação do Estado o Dr. José Honorato da Silva e Sousa, Luiz do Couto lançou na Escola Normal (hoje Instituto de Educação) um concurso literário. O tema foi "A morte de um pássaro" e as exigências que fez para a redação se restringiam a originalidade e simplicidade de estilo.

Realizado o concurso, julgado na própria Secretaria de Educação, saiu vencedora minha irmã Maria das Dores Lacerda com um trabalho sob o título "A morte do rouxinol". O prêmio foi entregue com solenidade em uma sessão cultural, das que se realizavam mensalmente no estabelecimento, quando um conferencista devia falar aos estudantes e convidados. Naquela noite, lembra minha irmã, o conferencista foi o Prof. Alfredo de Faria Castro e o tema "A mulher na sociedade moderna".

Cumprir notar que Dr. Donizetti Martins de Araújo, professor que naquela Escola regia a cadeira de Português, purista que sempre foi, discordou da premiação por ter encontrado na redação um erro de colocação de pronome.

Como o Professor não fazia parte da comissão julgadora, prevaleceu o critério dos encarregados do julgamento já que a proposta inicial fora atendida: havia na página originalidade e simplicidade no estilo.

A iniciativa do Dr. Luiz do Couto foi tão bem recebida que logo a Secretaria de Educação lançou novo concurso mais abrangente, aberto a todos os estabelecimentos de ensino da Capital, isto é, Colégio Santana, Liceu e a Escola Normal. Nesta nova promoção venceu a Srta. Ninfa Moraes, hoje Sra. José Sêneca Lobo.

Mais de cinquenta anos são passados. As premiadas estão entre nós, mas falta o incentivador que, no cemitério de São Miguel, dorme em paz.

Poeta, Luiz do Couto está em "Páginas Goianas", de Gastão de Deus, no "Almanaque" do Professor Ferreira, em "A Poesia

em Goiás" de Gilberto Mendonça Teles, em "Síntese da História Literária de Goiás" de A. G. Ramos Jubé, em Vitor de Carvalho Ramos, em Humberto Crispim e outros.

Luiz do Couto espalhou versos nas páginas dos jornais, declamou-os nos salões literários por onde andou e, musicados por seu amigo Joaquim Santana, foram cantados em memoráveis serenatas nas ruas de Vila Boa.

Ouçamos em gravação João Dimas L. Galvão, cantando "Se tu me pedes um canto":

* Se tu me pedes um canto
um canto não posso dar
O meu padecer é tanto,
não canto, só sei chorar.

O meu tristonho lamento
ouvir não hás de querer
Quem vive de sofrimento
alegre não pode ser.

Quem vive do lar ausente
quem vive longe do amor
quem é do mundo descrente
só pode falar de dor.

Por isso não peças um canto
Não peças, não sei cantar.
O meu viver é tristonho
Não canto, só sei chorar.

Ficam dele a lembrança dos seus versos e a memória que nesta data reverenciamos.

Goiânia, 20 de setembro de 1984
Sessão Ordinária da Academia Goiana de Letras.

Regina Lacerda

* O poema é de autoria de Luiz do Couto com música de Joaquim Santana.

HEROÍNA GOIANA

Luiz do Couto

Dominada pela Serra Dourada, dentro do sertão imenso, na aldeia de Mossâmedes, erguia-se a verde colina de Santa Maria, a seis léguas desta Vila-Boa, sôbre cujo cimo o General Sobral de Carvalho construíra o palácio de estilo colonial-mourisco para descanso do Governador, enfeitando as fraldas dos outeiros vizinhos com parques e jardins, e plantado ao sopé dessa colina, casinhas brancas, cheias de beleza e de frescura, com os seus pomares, as suas rosas entre os seus cristalinos regatos descendo em cascatas sussurantes para o leito do córrego **Fartura**, sinuosa serpente azulada, coleando, medrosa, no vale soberbo sob o verde olhar das matas e o bizarro cantar dos pássaros multicores.

Era em 1830.

Governava Goiás o General "Miguel Lino de Moraes! Os **caiapós** interceptavam o comércio de S. Paulo e minas de Cuiabá. As **Bandeiras** eram dizimadas, e Goiás se isolava no coração da nacionalidade nascente.

Ferozes, os **caiapós** dominavam os sertões. Impunha-se a reação contra os índios, não a ferro e fogo como nos tempos do Conde de Serzedas, mas pelo amor, pela bondade e pelo carinho, chamando-os a civilização como irmãos e construtores da obra humana e cristã organizada no alvorecer do Primeiro Império.

Damiana da Cunha, filha adotiva do outrora Governador, General Cunha Menezes, de quem tomara o nome na pia batismal, era a mulher indicada para a penosa e árdua missão de se entender com os filhos das selvas e trazê-los ao convívio de uma sociedade cujos fundamentos eram ainda indecisos.

Além dos demais anteriores era mais um sacrifício imposto

à nobre heroína que tão assinalados serviços, em excursões arriscadas, prestara ao Governo Imperial e antes à Capitania.

Damiana, embora alquebrada pelas lutas, não recusou a missão, e a 27 de maio de 1830 partiu para as terras de longe, para as distantes plagas de Camapuan, levando em sua companhia os índios Luiz e Maria, seus companheiros inseparáveis na conquista dos seus irmãos do sertão, e o seu marido, Manoel Pires da Cruz.

Longos meses se passaram.

Um dia o General Lino de Moraes teve notícias de sua volta e aproximação. Vila-Boa engalanou-se. O Presidente, as mais altas autoridades, a população em pêso, os índios evangelizados, todos radiantes, irreprimível alegria (os sinos repicando festas), foram ao encontro da mulher missionária.

Era a 21 de janeiro de 1831.

Foi a última vitória da evangelizadora.

Carregada nos braços de dois índios, fez Damiana a sua entrada triunfal, não mais como a linda mulher que vencera, mas como a sombra de uma vencedora que agonisa.

A febre dizimara o seu organismo; o cetinado de sua pele perdera o brilho; queimadas as suas mãos pelas ardentias; o seu corpo ferido pelos combates nas agressivas florestas; curvo o seu busto outrora altivo como os buritís das várzeas, sem um riso, perdida toda a sua antiga beleza, entrou Damiana em Vila-Boa, sob a aclamação de um povo fascinado pela mulher admirável, embora intimamente angustiado pelo seu destino.

Não era a mesma mulher que voltava do campo de uma batalha civilizadora; era a heroína que caminhava para a morte; a mulher mártir que dera a vida pelo seu povo.

Somente a luz dos seus olhos, já ensombrados pela fria noite do sepúlcro, lançava os últimos raios de uma vida que se extinguia.

Dias depois, no seu modesto quarto, sob a bênção de um povo agradecido, ela, a Missionária, o Anjo do bem, entrava em agonia.

E passou, então, pelas suas retinas subjetivas, toda a sua vida de mulher predestinada.

O quadro dos seus primeiros anos, nítido, como um filme, desenrolou-se.

Era o sertão e era o deserto. Era a sua infância feliz, à margem do seu rio onde nas areias brancas se erguia a sua taba e cres-

cia descuidosa, a sua gente, vivendo da caça e pesca, e se divertindo depois, nas noites enluaradas, à roda das fogueiras e ao som dos inimbés quebrando na melancolia das suas notas o silêncio do largo sertão amigo, sob o olhar macio das estrelas indiferentes.

Era a inocência protegida pelos astros de Deus nas alturas.

E o rio cantava, na sua harmonia, estranhas endeixas... e os pássaros perdidos nas entranhas das florestas, sobre a frança das árvores, ou à beira dos seus ninhos cromatizavam românticas baladas dentro da noite adormecida . . .

E ela via e sentia, na evocação de uma alma que procura o azul na dolorida saudade do último adeus, na suprema recordação de uma infância que se sumia nos longes dos tempos venturosos, toda cena de sua humilde mocidade tapuia.

E Damiana viu ainda, à sombra de sua choça, à sombra das árvores amigas, um dia, chegar o homem branco, mais companheiros, carregados de sedutores presentes para os seus irmãos das matas, de fala doce e meigo olhar.

E o homem branco, o soldado Luiz que o Governador Cunha Meneses mandara, recebeu a hospitalidade do seu avô, o Cacique.

E depois de duas luas o avô, com grande parte de sua tribo, partira, levando-a já moçoila, com um irmãozinho às costas, para terras de longe, muito de longe, no país do capitão branco...

E a bugrezinha despediu-se do seu rio, das suas praias de areias brancas, das suas árvores banhadas pela luz da manhã, cobertas de verde, orvalhadas pelas lágrimas da madrugada que surgia para os lados côr-de-rosa do Levante; despediu-se da sua choça, dos seus brinquedos, dos seus pássaros que vinham pelas manhãs claras alimentar-se nas morenas conchas de suas mãos, e à noite adormecer nos galhos do cajueiro bravo, à beira da sua porta guardada pelos guerreiros da sua tribo...

E Damiana no seu leito de morte, ela que fôra uma das maiores heroínas do Brasil, via tudo isso passar pelo seu espírito já enublado pelas sombras da morte, combalida por infinita saudade.

Depois as longas caminhadas pelo deserto; as noites indormidas, os grandes caudais, as chuvas, o desbravamento das florestas virgens pelo passo humano; o uivo das feras nas caladas da noite constelada de estrelas palpitantes desmanchando-se em poeira de prata, coroando de luz a copa das árvores solitárias dominadoras do sertão...

E vieram os dias ardentes e as noites tranquilas, e os infindá-

veis campos cobertos de flores silvestres vitoriosas à luz do sol tropical.

Continuava a gonia... Continuavam as visões do seu passado.

Depois a sua chegada e dos seus à Vila-Boa. Troaram os canhões, repicaram os sinos. Cunha Menezes, as autoridades abriram-lhe os braços enquanto as fanfarras e os clarins, numa aleluia sem par, celebravam a entrada dos filhos das selvas no convívio das civilização...

E Damiana, ao despedir-se da vida, tudo via no delírio dos últimos momentos...

E a sua volta, por diversas vezes, à procura dos caiapós, numa peregrinação dignificante que a história registra, ela cheia de anseios, de dores, de sacrifícios, de esperanças e sofrimentos?

Continua o delírio...

E o Cacique, seu avô, de que era a flor do ipê com o perfume da coriba roxa crescida à margem dos regatos, que vive um dia e morre numa noite depois de enfeitar os cabelos da noiva índia nas horas de amor, nas silenciosas caladas da lua cheia?

Damiana aproxima-se da morte.

O seu magro corpo soergue-se um pouco; o suor frio que lhe corre pela fronte tapuia empasta-lhe os lisos cabelos já embranquecidos; os olhos perdem a sua côr, e as pupilas vão descendo mansamente... um véu fechando a derradeira cena do drama de uma existência...

Fora, três mil filhos das selvas evangelizados e perto de cinco mil reinós e bandeirantes e filhos de Goiáz, de joelhos, num só murmúrio de prece, partido do íntimo da alma, pedem a N. S. Santana, a Padroeira, que Damiana viva...

Ao lado do leito mortuário, o Padre Nunes, trêmulo, comovido, deposita suavemente o crucífero em uma das mãos da moribunda, o Governador, Marechal Lino de Moraes coloca em outra mão a vela cuja mortiza chama parece querer se apagar juntamente com aquela existência que expira...

Sacerdote e Governador prostram-se de joelhos...

Damiana olha em torno; o seu olhar já não vê... e se vê é de além túmulo.

Lentamente o seu corpo desce sobre o leito reclinando a cabeça, e os olhos se fecham para nunca mais se abrirem...

Fora, ajoelhado, o povo soluça. A tarde cinzenta morria

MANOEL DA CUNHA RORIZ

Por Gelmires Reis

Podemos garantir, sem medo de errar, que o tronco genealógico mais importante de Santa Luzia veio da freguesia de Santa Maria de Corvilho, bispado do Porto, Portugal, com o casal Manoel da Cunha Teles e dona Antônia Maria de Mendonça, que transferiu sua residência para esta maravilhosa Terra, logo depois de seu descobrimento e conseqüente povoamento. — Desse feliz consórcio aqui nasceram os seguintes filhos: Joana Teles de Mendonça, Serafim da Cunha Teles, Bernardino Teles de Mendonça e Manoel Barbosa de Mendonça. Vamos seguir o primeiro galho, que se ramificou em uma legião numerosa de descendentes, que se destacam como médicos, farmacêuticos, advogados, políticos, funcionários públicos, comerciantes, industriais, fazendeiros e operários, todos concorrendo para o progresso e desenvolvimento deste nosso cespede abençoado. — Deixemos de lado os três últimos filhos do importante casal, para prosseguirmos com o de dona Joana Teles de Mendonça, que se casou com Gabriel Fernandes Roriz, tendo os seguintes filhos: Manoel da Cunha Roriz, Maria da Glória Roriz, José de Mendonça Roriz, Joaquim Teixeira Roriz, Gabriel Fernandes Roriz Júnior, João Teixeira Roriz, Josefina da Silva Roriz e Augusta de Mendonça Roriz. — Sigamos a linhagem do primeiro, que é titular desta crônica. Casou-se com dona Maria Cândida Roriz, tendo os seguintes filhos: Laudimiro Adonório Roriz, Benedito Roriz, Etelvina Roriz, Juvenal Roriz e Nazareno Roriz. — O primeiro se casou com dona Eufresina Rodrigues Barbosa, tendo os seguintes filhos: Rodovalho Roriz, Djalma Roriz, Maria Carlinda Roriz, Epaminondas Roriz, Gutemberg Roriz, Cristóvão Roriz, Luvena Roriz, Emanuel Roriz e Walter Roriz. — Nossos prezados leitores contam com ótimos elementos, para continuarem a gene-

alogia de Manoel da Cunha Roriz. — Homem ilustrado e profundamente religioso, gostava de dirigir grupos amantes de teatros. Vamos encontrar, nas páginas brilhantes de nossa História este registro significativo: — “11 de novembro de 1902 — A Sociedade de São Vicente de Paulo da Capital agradece a Manoel Roriz os dramas que levou à cena em benefício do Azilo”. — Em 3 de agosto de 1908, exercia o cargo de agente do correio local. Valoroso auxiliar da nossa paróquia, construiu-o sobre-soalho da nossa vetusta matriz, cobrindo as campas antigas. — Quando o imperador do Divino, cel. Herculano de Campos Meireles, realizou a melhor festa do século, em 22 de maio de 1913, o entusiasmado conterrâneo foi o diretor dos artistas contemporâneos, que levaram à cena o drama “Cavaleiro de Alcacerquibir” e o drama “Trinta Botões”, com admirável sucesso. — A perversidade dos anos começou a enfraquecer um organismo forte e prestimoso, minando-lhe a preciosa existência. — Faleceu, serenamente, na velha Capital de Goiás, cercado dos carinhos da família e confortado com as bênçãos da religião católica, em 19 de fevereiro de 1917, deixando um belo exemplo de amor ao próximo, que, felizmente, tem sido seguido, por seus ilustres descendentes. — Nesta crônica, de fundos históricos e genealógicos, queremos tributar nossas sinceras homenagens à memória desse benemérito, que soube cumprir seu dever de homem público e de amoroso pai de família, em Santa Luzia e Goiás.

GELMIRES REIS O PATRIARCA DE SANTA LUZIA

José Dilermando Meireles (*)

11 de novembro de 1983.

Precisamente nesse dia, despediu-se de nosso convívio a figura ímpar de cidadão, intelectual e amigo, que foi o inolvidável professor Gelmires Reis.

Durante quase um século a comunidade de Santa Luzia conviveu com aquele que acabou por tornar-se um dos seus filhos mais ilustres, um dos seus maiores líderes, um dos seus mais lídimos exemplos de grandeza humana.

Tão destacada foi a liderança intelectual e humana de Gelmires Reis, no meio em que viveu e em que desenvolveu o seu apostolado, que só um título lhe cai de modo a abranger-lhe a plenitude da personalidade: o de Patriarca de Santa Luzia.

“A vida — pregou o verbo inflamado e grandiloquente de Rui Barbosa — não tem mais que duas portas: uma de entrar, pelo nascimento; outra de sair, pela morte. Ninguém, cabendo-lhe a vez, se poderá furtar à entrada. Ninguém, desde que entrou, em lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída. E de um a outro extremo, vai o caminho, longo, ou breve, ninguém o sabe, entre cujos termos fatais se debate o homem, pesaroso de que entrasse, receoso da hora em que saia, cativo de um e outro mistério, que lhe confinam a passagem terrestre . . . Em tão breve trajeto, cada um há de acabar a sua tarefa”.

Quantos não desperdiçam o sacrossanto dom da vida na dissipação de suas energias, no esbanjamento de suas potencialidades, sem sequer se dar conta da grandeza da missão que nos cabe?

Com dois elementos conta o homem para o bom desempenho de sua missão na terra, di-lo ainda o grande Rui: “Com os

(*) — .Alocução feita durante a posse no Inst. Hist. e Geog., em Goiânia, no dia 11.12.1985.

que herdou e os que cria. Aqueles são a parte da natureza. Estes, a do trabalho. A parte da natureza varia ao infinito. Não há, no universo, duas coisas iguais”.

E prossegue:

“Mas se a sociedade não pode igualar os que a natureza criou desiguais, cada um, nos limites da sua energia moral, pode reagir sobre as desigualdades nativas, pela educação, atividade e perseverança. Tal a missão do trabalho. Os portentos de que esta força é capaz, ninguém os calcula. Suas vitórias na reconstituição da criatura mal dotada só se comparam às da oração”.

E arremata:

“Oração e trabalho são os recursos mais poderosos na criação moral do homem. A oração é o íntimo sublimar-se da alma pelo contato com Deus. O trabalho é o inteirar, o desenvolver, o apurar das energias do corpo e do espírito, mediante a ação contínua de cada um sobre si mesmo e sobre o mundo onde labutamos”.

Oração e trabalho, eis as armas secretas com que o Patriarca de Santa Luzia burilou o seu espírito e apurou o seu prodigioso intelecto, desde o despertar de sua adolescência, aos 13 anos, até o fechar definitivo dos olhos, aos 90, deixando para trás uma extensa folha de serviços prestados à causa de Deus, da Pátria, da Família e da Comunidade.

A grandeza de Gelmires Reis tem que ser medida em face do meio incipiente em que viveu.

Dele, podemos dizer o que disse Joaquim Gilberto ao analisar a vida e obra de Evangelino Meireles, em memorável conferência feita por ocasião do cinquentenário do seu falecimento:

“Aqui, podemos imaginar o drama psicológico vivido pelo jovem estudante. De um lado, a ânsia de conhecer e saber, o espírito indagativo; de outro, as influências mesológicas, a cidade pequena, a ausência de centro de cultura, a falta de roda literária, onde pudessem haver debates e intercâmbio de idéias, mas, ao contrário, vivendo sempre no convívio com gente simples, a conversa quase que girando sobre o quotidiano, o dia a dia, as influências do tempo, a pequena atividade do comércio, as festas religiosas, os bate-papos nas lojas e à porta da igreja. As manifestações de vida artística, na ocasião das festas religiosas, consistiam em assistir ou representar pequenas peças de comédias ou dramas, corridas de cavalhadas, serestas, as procissões à noite

para levantamento do mastro subindo ou descendo o ROSÁRIO como uma enorme serpente ou cobra grande com dorso iluminado por milhares de luminárias acendidas em mechas de algodão no azeite, em cumбуquinhas de cascas de laranja da terra. Tudo rescendia ao cheiro do azeite de mamona e ao rolo queimado besuntado de cera de abelha.

Por fim, a banda de música tocando, o mastro, com bandeira do Divino, levantando-se com o crepitar das fogueiras, o foguetório, girândolas e busca-pé. Da meia noite em diante, o baile sempre se iniciando com número de quadrilhas”.

Eis o ambiente em que se plasmou a personalidade de Evangelino. Eis a atmosfera em que se modelou a personalidade de Gelmires Reis.

Gelmires Reis e Evangelino Meireles são vultos que se complementam na história cultural do Planalto. Tal é o vínculo de interdependência entre eles, que talvez não tivessem, nem um nem outro, atingido a dimensão que atingiram, isoladamente.

Gelmires Reis confessa-se discípulo de Evangelino, de quem era 13 anos mais moço.

Fundaram, juntos, e o mantiveram por cinco anos, o semanário “O Planalto”, que surgiu em 6 de agosto de 1910 e circulou até 1915, completando 187 números do melhor jornalismo produzido no interior do Brasil.

Juntos organizaram o “Almanach de Santa Luzia”, do ano de 1920, para muitos considerado a melhor revista editada no interior do Brasil, naquela época.

Evangelino, não obstante na flor da idade, começou a manifestar graves problemas de saúde, que o levariam à morte aos 40 anos, em 1922.

Gelmires foi o braço forte e o pulso firme com que Evangelino contou para a execução de um trabalho que escapava às suas forças prematuramente debilitadas pela doença.

Em ambos, a mesma chama de entusiasmo, o mesmo idealismo, o mesmo ardor pelo culto das letras e das artes, que transformou Santa Luzia em caixa de ressonância de fatos nacionais, através de um terceiro nome, que se tornou cabeça de ponte entre esta cidade e a Capital da República.

Esse terceiro nome é Americano do Brasil, de formação acadêmica, brilhante intelectual e parlamentar notável, obstinado defensor da idéia de interiorização da Capital da República.

A presença de Luziânia no cenário político brasileiro da

época é marcante, através, sobretudo dos três nomes citados: Americano do Brasil, Evangelino Meireles e o jovem Gelmires Reis. E tinha como ponto comum de luta, a mudança da Capital, em torno da qual gravitavam os ideais da época.

Em 1922, faleceu Evangelino e Gelmires continuou a batalhar nas letras literárias, no jornalismo e no magistério.

Restou Americano que, indo para Luziânia no final da década de 20, ali tragicamente faleceu no início da década de 30.

E Gelmires Reis prosseguiu, incansável, a sua luta. Novos companheiros e alguns discípulos a ele vieram juntar-se, como Joaquim Gilberto, Antonio Marco, Benedito Melo, Joaquim Machado de Araújo, Alarico Verano, Germano Roriz e seu mano Baltazar dos Reis.

Em 1960, concretiza-se a mudança da Capital da República para o Planalto Central do Brasil. Daquele pugilo de combatentes iniciais, resta apenas o já sexagenário Gelmires para testemunhar o feito glorioso, cantar a sua apoteose e contar a sua longa e triunfante história.

Em 1976, forma-se ao lado daqueles que decidiram pela fundação da Academia de Letras e Artes do Planalto e é eleito o seu primeiro Presidente, dando a esse sodalício a dimensão de sua própria grandeza, o exemplo de sua própria vida laboriosa e fecunda e o brilho de sua própria bem-aventurança.

Gelmires Reis rejuvenesceu, na companhia de tantas figuras ilustres com que o nosso Planalto se viu enriquecido, após a criação de Brasília. A Academia marcou, para ele, um fastígio na senectude.

À sombra amiga e benfazeja dessa nova epopéia de sua existência, apagou-se a vida daquele que, como o bom varão, na terra só praticou o bem.

Guimarães Lima diz que "Sua vida é um Evangelho, pela bondade e pela honradez". E é verdade, porque foi pobre e manso de coração; sentiu fome e sede de justiça; foi misericordioso e pacífico. Por isso, dele é hoje o reino dos céus.

MONSENHOR FLEURY

Antônio Brasil

Monsenhor Manuel Fleury Curado, natural da cidade de Corumbá de Goiás, Estado de Goiás, onde nasceu a 18 de fevereiro de 1.888, descendente de tradicional família católica, filho do cel. Luiz Fleury de Campos Curado que se casou, em segunda núpcias com a sua prima, dona Maria Joaquina de Faria Lobo.

A sua infância vivida na lendaria Corumbá de Goiás, foi comum à de todas as crianças daquele tempo, na cidade e na fazenda Rasgão, do seu pai, farta de brincadeiras e traquinices.

Chegara, porém, a época de estudar. O seu pai não descuidando do dever de educar os seus filhos, deu-lhe condições para ter uma educação aprimorada. Mas, aos 16 anos de idade, já se manifestava nele, como uma áurea divina, o pendor sacerdotal, sendo obediente ajudante do vigário da paróquia, nos atos litúrgicos.

Nascia daí o desejo ardente de ir para o Seminário, no que encontrava oposição do seu irmão José da Trindade que, vindo a falecer, permitiu que o seu pai lhe desse permissão para internar-se no Seminário. A visita pastoral do Bispo de Goiás, D. Eduardo Duarte Silva, que tanta influência teria em sua vida sacerdotal, ocorrida em setembro de 1.900, foi decisiva para que a sua vontade se tornasse realidade, quando sentiu que a vocação daquele menino, por amor à causa de Deus, era digna de estímulo e proteção. Nasceu, desse abençoado encontro, a promessa solene de D. Eduardo de cuidar do seu ingresso no Seminário e, melhor ainda, de levá-lo um dia para Roma.

Deixando a cidade natal, a 21 de abril de 1.903, a caminho de S. Paulo, foi matriculado no Seminário da Luz, graças à proteção do Reitor, Monsenhor Pereira Barros. Era o começo de uma vida, agora a serviço de Deus, pois no dia 27 de junho de

1.903 se matriculava para no dia 29 seguinte receber a batina na Capela do Seminário da Luz.

D. Eduardo, já com a sede do governo diocesano transferida de Goiás para Uberaba, em Minas Gerais, por feliz acaso encontrou-se com o noviço seminarista Manuel e, recordando da promessa que fizera ao seu pai, consultou-o se ainda desejava ir para Roma. A resposta foi afirmativa.

Saindo do Seminário da Luz com D. Eduardo, dirigiu-se para o Rio, onde morava o seu irmão, general João José. Esse tudo fizera para impedir o seu embarque para Roma, mas sem obter sucesso, pois no dia 16 de abril de 1.904, embarcou o seminarista no vapor francês de nome "Amazone".

Depois de longa viagem, quando teve que utilizar-se de transporte ferroviário, chegou a Roma no dia 3 de maio de 1.904.

No dia 9 do mesmo mês já estava matriculado no Colégio Pio Americano, mas antes de fazê-lo percorreu a capital do Cristianismo e o Vaticano, deixando-se dominar pelo encanto, arte e beleza que oferecia a terra romana.

No Colégio Pio Americano, após os cursos preparatórios, frequentou as aulas da Universidade Gregoriana, onde se matriculou em 1.906, nos cursos filosófico e teológico, preparando-se para a sagrada missão sacerdotal, lutando, na expressão feliz de Oliveira Melo, "contra barreiras da família que o desejava militar da Pátria e não de Deus".

O ordenando Manuel Fleury Curado, fiel à sua vocação de servo de Deus, sentiu-se dominado por forte emoção quando a 6 de março de 1.909, na comovente cerimônia realizada na igreja de São João de Latrão, lhe foi conferido o primeiro grau de clericalato, também chamado prima tonsura, para entrar no estado eclesiástico.

A 27 de março e 10 de abril de 1.909, recebeu as ordens menores de Ostiário e Leitor, Exorcista e Acólico, na citada igreja e na de Santon Apolinário, respectivamente, e, após a santa peregrinação que os cursos lhe impunham, a 28 de outubro de 1.910 recebeu as ordenas sagradas do sacerdócio, na igreja de São João Berckmans, do Colégio Austro-Germânico.

No dia seguinte, na clarinada festiva que fizera pulsar o seu coração agradecido, celebrava a sua primeira missa solene, sobre o túmulo de Santa Cecília, nas Catacumbas de São Calixto, como escolhera em homenagem aos primeiros cristãos que sofreram implacável e impiedosa perseguição, sem jamais se abaterem.

Preparado para o santo exercício sacerdotal, pensava na hora de poder voltar à Pátria distante e saudosa, de onde partira um dia de sua longínqua Corumbá de Goiás, decorridos oito anos.

O seu regresso no Brasil se deu, exatamente, no dia 14 de julho de 1.912, sendo recebido antes, em audiência, pelo Papa Pio X, para chegar à sua terra natal, depois de longa e cansativa viagem, continuando a marcha a cavalo de Anhanguera a Corumbá, no dia 26 de setembro de 1.912, quando recebeu justa e entusiástica recepção como fora preparada pelos seus familiares e pelo povo corumbaense.

O seu estado de saúde abalado por uma rebelde febre, paratifo agravada pela longa viagem sob sol causticante, inspirava sérios cuidados, ameaçando a sua própria vida, o que forçou o seu imediato recolhimento ao recesso do lar dos seus velhos pais. Esse fato causou, como era natural, profundo pesar à população corumbaense, orgulhosa e feliz, em receber a volta do filho dileto à terra natal.

Recebendo tratamento especial e carinhoso, pôde celebrar, no dia 1o. de janeiro de 1913, embora ainda convalescente, a primeira missa em solo goiano, de que guarda a mais grata recordação.

O VIGÁRIO EM ARAGUARI

D. Eduardo não esquecia do filho dileto, sendo responsável pela sua iniciação na vida sacerdotal, o que muito influenciou para que em junho de 1.913 o novel vigário recebesse um aviso do Vigário Geral da Diocese de Uberaba, de ordem do Bispo, para seguir viagem até a cidade de Uberaba. Ao chegar em Araguari, havia instruções para seguir imediatamente para a cidade de Uberabinha — hoje Uberlândia — e, logo a seguir, viajar para Uberaba.

Ali, foi designado para exercer o posto de auxiliar da Secretaria do Bispado, sendo depois provisionado, em 13 de agosto de 1.913, como coadjutor do vigário de Araguari, cônego Joaquim Augusto de Amorim. Quando o cônego viajou para a Terra Santa e outros lugares da Europa, coube ao padre Fleury substituí-lo.

No dia 1o. de janeiro de 1914, era ele nomeado Vigário de Araguari, continuando com ele o cônego Amorim, depois do seu regresso de sua peregrinação pela Europa.

O povo de Araguari se exultou, com justificada euforia, quando teve a grata notícia de sua nomeação para a paróquia de N. S. Bom Jesus da Cana Verde:

A 7 de setembro de 1.914, recebia o vigário Fleury o honroso título de Cônego Honorário do Cabido de Uberaba e a 23 de setembro do ano seguinte, na escala ascensional, era elevado à dignidade de Cônego Efetivo do mesmo Cabido.

Afeito à luta, como fiel servidor de Cristo, teve pela frente, já no início do seu sacerdócio, a reconstrução da matriz, cujo estado precário reclamava providências em regime de urgência.

Planejada essa reconstrução, cujo orçamento superava, e muito, os minguados recursos da paróquia, põe-se em campo, sem temer à grandeza da obra.

Da tribuna, com a dignidade sacerdotal que o caracteriza, além de ministrar os sábios conselhos ao seu rebanho para torná-lo fiel e obediente a Deus, buscava despertar na alma dos cristãos o sacrifício do dever que lhes exigia o templo divino ameaçado de ruir-se.

Os seus apelos não foram em vão. O povo católico aragua-rino se uniu, submisso à humildade das súplicas do santo padre, que se dispunha a executar o projeto da reforma da igreja.

Em pouco tempo, a matriz que tinha aparência de prédio abandonado, pela ação do tempo e desamor dos cristãos, apresentava aspecto de elegância, graça e distinção, atestando que não fora inútil a sublime missão a que se entregou, de corpo e alma, o cônego Fleury.

O preço do seu desvelo e carinho consumidos na magnífica missão que acabava de realizar, sem jamais deixar abater-se pelas dificuldades que foram muitas, foi a eterna gratidão do povo araguarino que se exultou, orgulhoso e feliz, em possuir um templo à alta das tradições católicas da família cristã.

Cônego Fleury, como digno representante de Deus, não fugia à luta. Gostava dela. Não experimentava o sabor da derrota ou do desânimo, porque na esteira da fé cristã encontrava sempre força suficiente para não abater-se.

A sua meritória ação e a sua atuante presença, somando esforços em prol da sua paróquia, se faziam sentir e eram reclamados em todos os setores de atividade que consultassem o progresso e a grandeza do município e seus munícipes.

Em todos os distritos, por mais distantes que fossem, aos seus fiéis ministrava os santos ensinamentos e sacramentos divinos. Os atos religiosos, consoante a tradição de cada lugar, onde houvesse uma igreja ou uma capela humilde que fosse, eram realizados pelo cônego Fleury, mesmo com sacrifício de sua própria saúde.

A vocação em servir a Deus, na beleza de sua humildade, lhe era inata, como uma dádiva divina. Daí o seu natural orgulho, na pureza dos seus sentimentos, em admirar, feliz e extasiado, a nova igreja de N. S. Bom Jesus da Cana Verde.

Terminada essa difícil tarefa, o seu espírito de luta e o seu poder realizador, demonstrados na onerosa reconstrução da Matriz, forçaram a sua eleição, que tanto procurou evitar, para o cargo de Vice-presidente da Diretoria Construtora da Santa Casa de Misericórdia de Araguari.

É interessante acentuar que o major Moreira Ribeiro no lançar o projeto da construção da Santa Casa, no seio da Maçonaria, no ano de 1.916, se lembrou dos nomes do cel. Lindolfo Rodrigues da Cunha, Cônego Fleury e muitos outros, para chamarem a si a responsabilidade de tão importante empresa que nascia inspirada no desejo de amparar e proteger os pobres e humildes.

O insucesso adiará sempre, com profundo pesar para os seus idealizadores, o início da sonhada obra de sentido social. Basta lembrar que a reunião marcada para o dia 7 de maio de 1.916, a realizar-se no Cine Araguari, não logrou o resultado que se esperava, quando os convidados alí não compareceram.

Nessa reunião, não obstante a decepção dos patrocinadores, cuidou-se da organização de uma comissão que se incumbiria de redigir os estatutos sociais e promover meios para angariar fundos.

No exercício do seu cargo, Cônego Fleury prestou os mais relevantes serviços, destacando-se, entre eles, a feitura dos estatutos sociais da Santa Casa, com a prestimosa colaboração do farmacêutico Moisés Rodrigues Alves, que se prestaria ao seu filantrópico destino, quando concluída a evangélica obra.

Na excelente obra de Oliveira Melo — O JUBILEU — Cônego Fleury pôde revelar que a comissão de posse de estimável fundo angariado por ele e pelos cidadãos, cel. Lindolfo Rodrigues da Cunha, Lindolfo França Dofico, Joaquim Rodrigues de Carvalho e Moisés Rodrigues Alves, e com o terreno já doado por dona Mariquinha de Godoy Rodrigues da Cunha, tratou de levantar a planta do prédio, para o que se encarregou o hábil construtor Alberto Passos.

Depois de tantas lutas e trabalhos insanos que os patrocinadores souberam superar, tocados da grande vontade de doar a cidade de Araguari de tão importantes obra de cunho social, mobi-

liada a Santa Casa, a sua inauguração se deu no dia 8 de agosto de 1.918.

As solenidades que marcaram esse memorável acontecimento, contou com uma missa celebrada pelo cônego Mário Coelho de Mendonça, Secretário do Bispo D. Eduardo Duarte Silva e, à tarde, deu-se a bênção das novas instalações, presentes o Bispo Diocesano e outras pessoas, entre elas, cônego Fleury, cel. Lindolfo Rodrigues da Cunha, cel. Adalardo Cunha, Agente Executivo Municipal, dr. Júlio Gorgulho, Juiz de Direito da Comarca, Lindolfo França Dofico, Alberto Passos, Paulista Louzada, Ricardo Paranhos, os quais compunham a mesa diretora.

Cônego Fleury em brilhante discurso, não escondendo a forte emoção que o dominava, ressaltou a importância da majestosa obra social, dando destaque, por uma questão de justiça, aos nomes dos que tanto colaboraram para que a Santa Casa fosse uma realidade.

A seguir, sob aplausos dos presentes, anunciou a primeira diretoria da Santa Casa que assim ficou constituída:
Provedor: cel. Adalardo Cunha; Vice-Provedor: Cônego Manuel Fleury e demais membros, secretário, tesoureiro e membros do Conselho Consultivo.

Em 1916, Araguari estava engolfada em grave luta política, pondo em risco a paz social e a ordem pública, onde vidas preciosas poderiam ser ceifadas. Era iminente o rompimento de elementos que integravam os partidos políticos que se digladiavam, em clima tenso, em disputa do cargo eletivo de 3o. Juiz de Paz, quando foi lembrado o nome do Cônego Fleury, como elemento de conciliação capaz de serenar os ânimos que dividiam a família araguarina.

Em Boletim Eleitoral, largamente difundido, as forças políticas em litígio fizeram a indicação do Revdmo. Cônego Fleury Curado para disputar o cargo de Juiz de Paz, com o elevado intuito de evitar consequências graves que ameaçavam conturbar o clima político reinante, com risco de vida e agravando a administração pública em prejuízo da coletividade.

Esse manifesto, datado de 6 de agosto de 1.916, continha as assinaturas de todos os chefes políticos e demais membros dos partidos em conflito.

Cônego Fleury, após celebrada a missa no domingo, recebeu defronte a casa paroquial uma grande comissão que, representada pelo advogado Joviano de Moraes, dirigiu-lhe veemente apelo

para aceitar a sua candidatura para o cargo de Juiz de Paz, como única solução capaz de pacificar a família araguarina.

Cônego Fleury ao agradecer a manifestação que tanto o comovera, inspirado na sua firme vontade de sempre servir à comunidade araguarina, declarava naquele solene instante de que tudo faria para o bem estar do povo e que a sua resposta afirmativa ficaria adstrita à veneranda decisão de D. Eduardo Duarte Silva, Bispo de Uberaba.

Para alegria e tranquilidade dos araguarinos, não tardou chegar a alvissareira notícia de que o Bispo, levando-se em conta o fim a que se buscava com a indicação em lide, autorizou que o Cônego Fleury se candidasse.

Feriu-se, logo depois, o renhido pleito. Cônego Fleury elegeu-se com absoluta maioria. Estava superada a crise. A paz voltara a reinar na comunidade araguarina.

Havia, na cidade de Araguari, o desafio de outras obras. Cônego Fleury, ainda não cansado pelo muito que fizera pela terra araguarina, teve a despertar-lhe o tino de aguçado pelejador, a idéia de dotar a cidade de um colégio destinado à mocidade feminina, de há muito reclamado pelas famílias que sentiam a falta de um educandário onde as suas filhas pudessem estudar, o que não ocorriam com os moços que iam estudar fora.

Diante desse quadro desolador, não vacilou. Daria início imediato à construção do já hoje tradicional Colégio Sagrado Coração de Jesus. A primeira fase para cimentar o seu ideal de construir o colégio, foi tentar obter o concurso de Irmãs para dirigirem os seus destinos. Inúteis foram muitas as tentativas. Obstinado pela almejada fundação do educandário, não se deixou vencer. Continuou, lutando. Ao dirigir-se diretamente ao Núncio Apostólico, Monsenhor Bavona, recebeu desse a promessa de que, um dia, poderia atender ao seu apelo. Não tardou muito, recebia o Cônego Fleury um telegrama da Nunciatura, consultando-o se ainda desejava o concurso das Irmãs. Não vacilou. Procurou entrar em contato com o cel. Lindolfo Rodrigues da Cunha, Lindolfo França Dofico, Quinca Mariano, Marciano Santos e muitos outros, os quais se prontificaram em auxiliá-lo para que ele levasse ao bom termo a sua empresa que viria alargar os horizontes do ensino a favor da mocidade feminina de Araguari e das cidades goianas. Isso ocorreu em setembro de 1.918 e já, no começo de outubro, chegavam à cidade as Irmãs Maria Berchmans e Maria Madalena que

cientes que o Colégio tornar-se-ia uma realidade, regressaram ao Rio de Janeiro.

Estas Irmãs que pertenciam à Congregação do Sagrado Coração de Maria, fundada na Bélgica, em Berlaer, Antuérpia, já desde o ano de 1.907 moravam em Minas Gerais.

No início de dezembro do mesmo ano — 1.918 — recebia Cônego Fleury a grata notícia da Irmã Berchmans, anunciando a sua chegada, com mais sete Irmãs, à cidade de Araguari. Cônego Fleury, contando com a colaboração do seu coadjutor, Cônego José de Melo Rezende, cuidou da recepção e hospedagem das Irmãs, além do convite geral às autoridades e ao povo para que fossem à estação da Cia. Mogiana para recepcioná-las com merecido carinho e atenção.

Vieram oito Irmãs e quatro Noviças, sendo todas localizadas na Casa Paroquial, indo o Cônego Fleury para a Escola Paroquial.

Não havia agora como parar no caminho. Era continuar a luta. Cuidou o Cônego Fleury de comprar um prédio, adaptando-o para o seu fim educacional, embora isso lhe custasse pesados sacrifícios pessoais. Existia uma casa velha e espaçosa, situada à rua Boa Vista, pertencente ao sr. Valério Brandão que se mudara para o Rio. A localização e o tamanho da casa se prestavam à sua finalidade, o que levou o Cônego Fleury a escrever-lhe sobre a venda que acabou se concretizando pelo preço de dez contos de réis, em dois pagamentos, no prazo de um ano.

Cônego Fleury, em companhia do cel. Lindolfo R. da Cunha, Dofico França, Quinca Mariano e Moisés Rodrigues Alves, continuou o seu exaustivo trabalho de percorrer todás as casas da cidade e dos distritos à busca de donativos para as obras do Colégio que já iam bem adiantadas.

No dia 13 de abril de 1.919, data que ficou perene na história de Araguari, presentes as autoridades e pessoas grandes da cidade, Cônego Fleury realizou a bênção solene do Colégio, celebrando a missa, para depois manifestar a sua imensa alegria e a gratidão àqueles que colaboraram em tão difícil e meritória empreitada.

Quando já estava instalado o Colégio, as Irmãs Berchmans e Maria Madalena, Diretora e Vice-Diretora, foram chamadas à Casa Mãe, em Belaer, não mais voltando a Araguari, embora o desejo de ambas era o de reassumir a direção do educandário.

Assumia a direção do Colégio, nomeada como fora, a Irmã

Blandina que logo de início, para o seu imenso pesar, viu-se às voltas com sérias dificuldades em virtude de o Cônego Fleury, vencida pela doença e estafa, ser obrigado a retirar-se da cidade de Araguari, sendo substituído pelo padre Laureano Peixoto. O seu substituto, desalentado com o conjunto de dificuldades que teve de enfrentar, teve a infeliz idéia de fechar o educandário para transformá-lo em hotel, no que foi apoiado por maus elementos, mas sentiu o peso da reação da população local. Não foi, destarte, bem sucedido na sua malsinada pretensão. A sua passagem, por motivo de doença, foi breve em Araguari, deixando a paróquia.

Mediante o contrato existente, dez anos depois, as Irmãs recebiam a doação do prédio por parte da paróquia que passou no domínio pleno das Irmãs da Congregação do Sagrado Coração, perdurando essa situação até os dias de hoje.

A Madre Blandina, a exemplo do Cônego Fleury, por tudo que fizera pelo progresso cultural de Araguari e de toda a região, com desvelo e carinho, permanece viva na gratidão da comunidade araguarina.

Aí está o majestoso educandário prestando relevantes serviços à causa do ensino e que, fruto de sua notável iniciativa, tem sido grandemente melhorado pelo espírito realizador das revdmas. Irmãs, pioneiras anônimas a serviço de Deus e do ensino.

Quando o município de Araguari foi atacado pela terrível epidemia da gripe espanhola, coube ao Cônego Fleury, coadjuvado por outros homens de boa vontade, prestar os primeiros socorros aos doentes, dedicando-se à obra de caridade com carinho, amor e desvelo, que o tornaram, mais uma vez, credor da gratidão do povo.

Nessa missão cristã, não pensou em conflito de religião ou de credo. Basta significar que, nessa tormentosa fase da vida araguarina, o Cônego Fleury operou de comum acordo com o Revdmo. Teodomiro Emerick, Ministro Protestante, nos recursos para minorarem os sofrimentos de uma população terrivelmente golpeada pela epidemia que tantas vidas ceifou. Muito se destacou, nessa cruzada cruciante, o farmacêutico Moisés Rodrigues Alves que foi incansável na assistência aos doentes.

A meritória campanha do Cônego Fleury não se restringiu à população urbana. Ela se estendeu, também, às capelas e às fazendas, que lhe impunha o sacrifício de viagem, muitas vezes distante, a cavalo, o que lhe valeu o reconhecimento e a gratidão de todos.

Em Araguari, como um benemérito e incansável batalhador, fundou, ainda, as capelas de Amanhece e Piracaíba, além da construção do Asilo de N. S. do Rosário.

Com o falecimento do vigário de Patos de Minas, ocorrido em novembro de 1.919, ficou vaga a paróquia que seria ocupada pelo Cônego Fleury Curado que, obediente à decisão do Bispo, aceitou a sua indicação.

Deixou a cidade de Araguari, triste e penalizado, mas deixou em cada araguarino um amigo que o venera e o admira, mas é preciso dar relevo, como remate do ciclo de sua vida frente à paróquia de N. S. Bom Jesus da Cana Verde, que D. Eduardo, Bispo Diocesano, em visita pastoral a Araguari, do púlpito, perante grande assistência, depois de realçar as admiráveis virtudes do Cônego Fleury, eleva-o ao alto cargo de Cônego Catedrático, como recompensa à sua grande obra evangelizadora e nos inestimáveis serviços prestados à comunidade araguarina.

A 15 de fevereiro de 1.920, foi provisionado Vigário de Patos de Minas, onde chegou no dia 28, tomando posse solene no dia 29, dada por Monsenhor Tiago dos Santos, Vigário de Patrocínio, por delegação que lhe conferiu o Bispo Diocesano.

Em Patos de Minas, permaneceu durante 27 longos anos, quando foi colhido com a sua transferência para a paróquia de Sacramento, em 6 de setembro de 1.947, o que causou profundo pesar à família patense.

Em Sacramento permaneceu pouco tempo, pois a 22 de março de 1.949 era removido novamente para a cidade de Araguari, para ser vigário de N. S. de Fátima, mas a sua permanência ali foi curta, pois a 21 de outubro do mesmo ano era nomeado Capelão do Colégio Nossa Senhora, de Uberlândia, onde permaneceu até 28 de julho de 1.951, para ser transferido, outra vez, para a cidade de Araguari, como vigário da paróquia de N. S. Bom Jesus da Cana Verde.

Daí é transferido, novamente, para a paróquia de S. Antônio de Patos de Minas, onde é recebido a 27 de agosto de 1.952, com alegria e satisfação da população.

O virtuoso sacerdote vem legando, ao longo de toda a sua devotada vida, o seu amor e desvelo a Deus e aos seus paroquianos, fazendo da sua sagrada missão sacerdotal uma grande seara onde cultivava o bem, o amor e a caridade para distribuir na sua caminhada evangelizadora.

Um admirável exemplo de sacerdote que, renunciando à

vida material, penetrou no campo espiritual para viver o seu sacerdócio que lhe oferece tesouro inexaurível para praticar o bem social, levando a mensagem de Deus, farta de graças, aos seus fiéis paroquianos e à comunidade onde vive, sem distinção de credos.

Há uma frase do Monsenhor Fleury, que é uma jóia de rara beleza e humildade, que bem define o que tem sido a sua vida devotada ao exercício sacerdotal, como um dos grandes servos de Deus. Ao completar 90 anos de idade, onde sulcos acentuados denunciam tantos sacrifícios e fadigas consumidos ao longo de sua virtuosa vida, ao manifestar a sua gratidão ao povo patense, afirmou:

“Não posso, nem devo dizer que hoje eu faço os “meus” 90 anos. Não, porque, estes 90 anos vividos por mim, não eram e nem são meus, pois eu os vivi para Deus e para todos os meus queridos irmãos dessa imensa irmandade da Igreja de N. Senhor Jesus Cristo, da qual me honro de ser um humilde membro”.

oOo

Este capítulo que compõe o segundo livro do autor, ainda inédito, e que ora é publicado nesta preciosa revista, deveria trazer a tarja preta, significando triste e pesado luto, pelo falecimento desse virtuoso representante de Deus, que deixou esta vida no dia dois de julho de 1981 — quinta-feira — às nove horas da manhã, em Patos de Minas, depois de uma pertinaz pneumonia que o vitimou.

A sua morte que abre lacuna irreparável no Grêmio da Igreja, ora duramente golpeada com a perda desse santo monsenhor, cuja vida rica de virtudes e bondade consagrada à lei divina, foi profundamente sentida pela sua tradicional família goiana e pelo vasto círculo de amigos que soube conquistar ao longo de sua preciosa existência.

CALUNGA-KALUMBA : UNIVERSO CULTURAL

Mari de Nasaré Baiocchi

Saindo de Goiânia, capital do Estado de Goiás, após 30 horas, usando o carro e o cavalo como meios de transportes, por estradas pavimentadas ou não, transpondo serras, chegamos a região denominada Calunga. Reserva biológica da região, apresenta flora e fauna ricas.

Situa-se no município de Monte Alegre, Goiás — a mais de 500 km² da capital do Estado, Goiânia.

A pesquisa bibliográfica não fornece dados contundentes, apenas alusões.

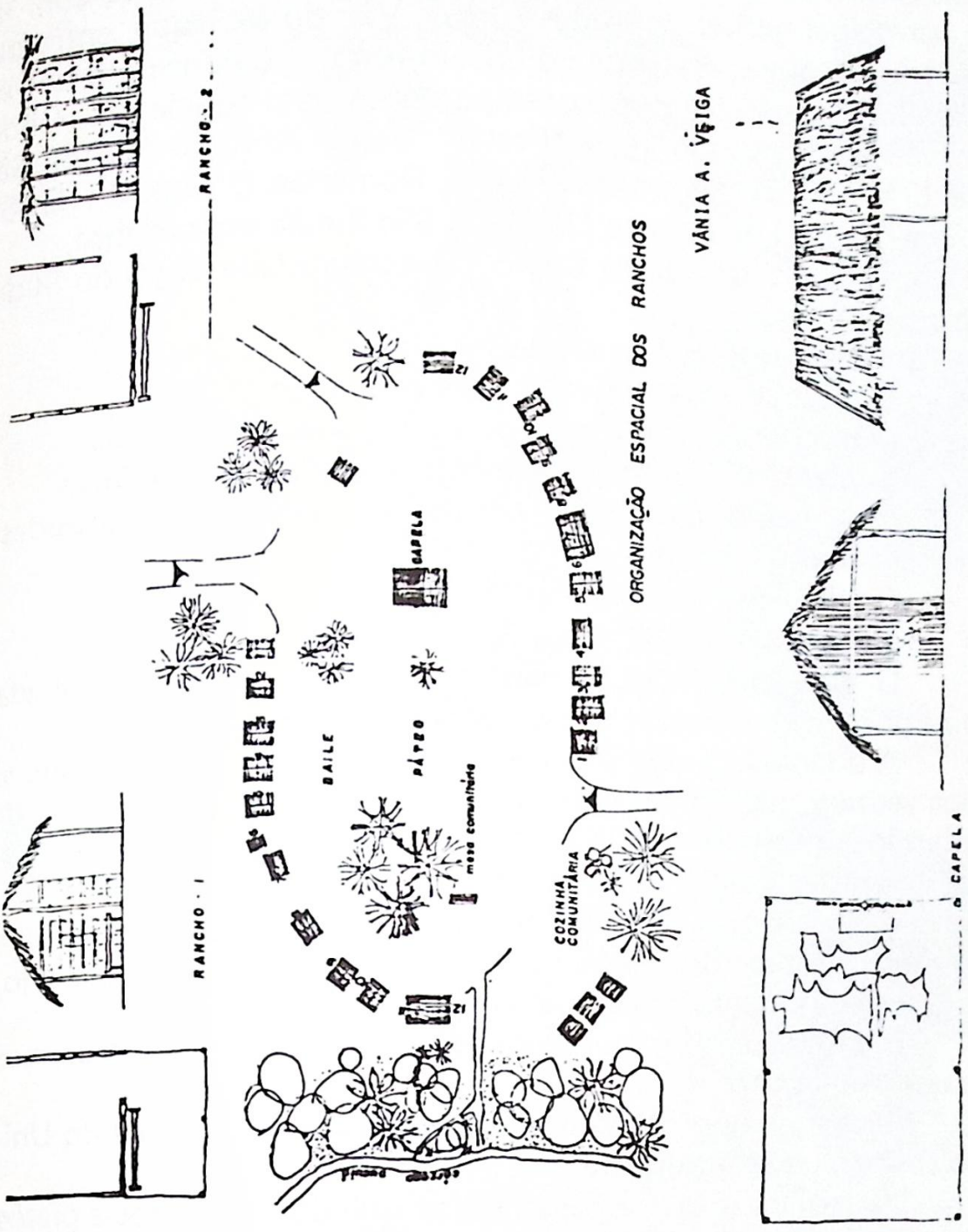
Calunga, até agora, não se situa no espaço e no tempo em Goiás. A Geografia e a História não conhecem esta região apesar de ser extensa e conter de 500 a mais indivíduos. "Dizem", sermos nós — o grupo de pesquisa — os primeiros estranhos a chegar lá.

Este isolamento é ajudado pelo Rio Paranã e seus afluentes, que, em boa parte do ano inundam a única via de acesso, pois Calunga encontra-se em platôs e vales de serras à esquerda desse mesmo rio.

A economia de Calunga repousa na agricultura de subsistência e criação de gado que já nem todos possuem. Trabalham a terra em grupos, plantando e colhendo o arroz, o feijão e a mandioca entre outros. Da mandioca fazem "excelente" farinha que vendem nas fazendas, povoados e garimpos das redondezas, e, que junto ao arroz e feijão corresponde a todo seu comércio. Do produto compram "sal, querosene, alguma roupa".

O tempo tem duas marcas para a comunidade de Calunga — 1940 e 1960 (Inauguração de Brasília). Anos que representam mudanças nem sempre agradáveis, haja vista a saída de pessoas, o que antes não ocorria.

* Antropóloga Social, Professora titular na U.F.G. e Presidente da Comissão de Etnografia e Arqueologia do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.



ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DOS RANCHOS

VÂNIA A. VÊIGA

Calunga não só representa uma região, como insere-se em um espaço maior que abriga outras comunidades onde a maioria de seus habitantes são negros ou mestiços, (cruzamento com índio, principalmente). Vão das Almas, Vão do Moleque, entre outras, são comunidades que compõem junto a Calunga um universo maior, e que, até pouco tempo, eram auto-suficientes e indepassáveis, preservando suas "Festas": Santo Antônio (13/06) São José (24/06), São Sebastião (20/07), Romarias: D'Abadia (15/08), da Senhora do Livramento (15/09) e São Simão em outubro.

Calunga, difere do Cedro (1) comunidade negra do Sudoeste goiano:

- a) São posseiros (mais de 100 anos)
- b) Trabalham coletivamente a terra
- c) Mantêm contato com outras comunidades negras
- d) Mantêm sua identidade étnica, da qual se orgulham
- e) A mulher não sai da comunidade, a não ser em ocasiões muito especiais
- f) Não é um "bairro rural"
- g) Mantêm suas "Festas".

O que apresentamos não constitui uma pesquisa acabada. São as primeiras reflexões de uma pesquisa em início.

A quantidade de informações acumuladas em uma pesquisa básica reúnem um painel empírico como um leque que se abre, dificultando ao pesquisador análise mais profunda e mesmo a arriscar-se a inverter e falsear conclusões.

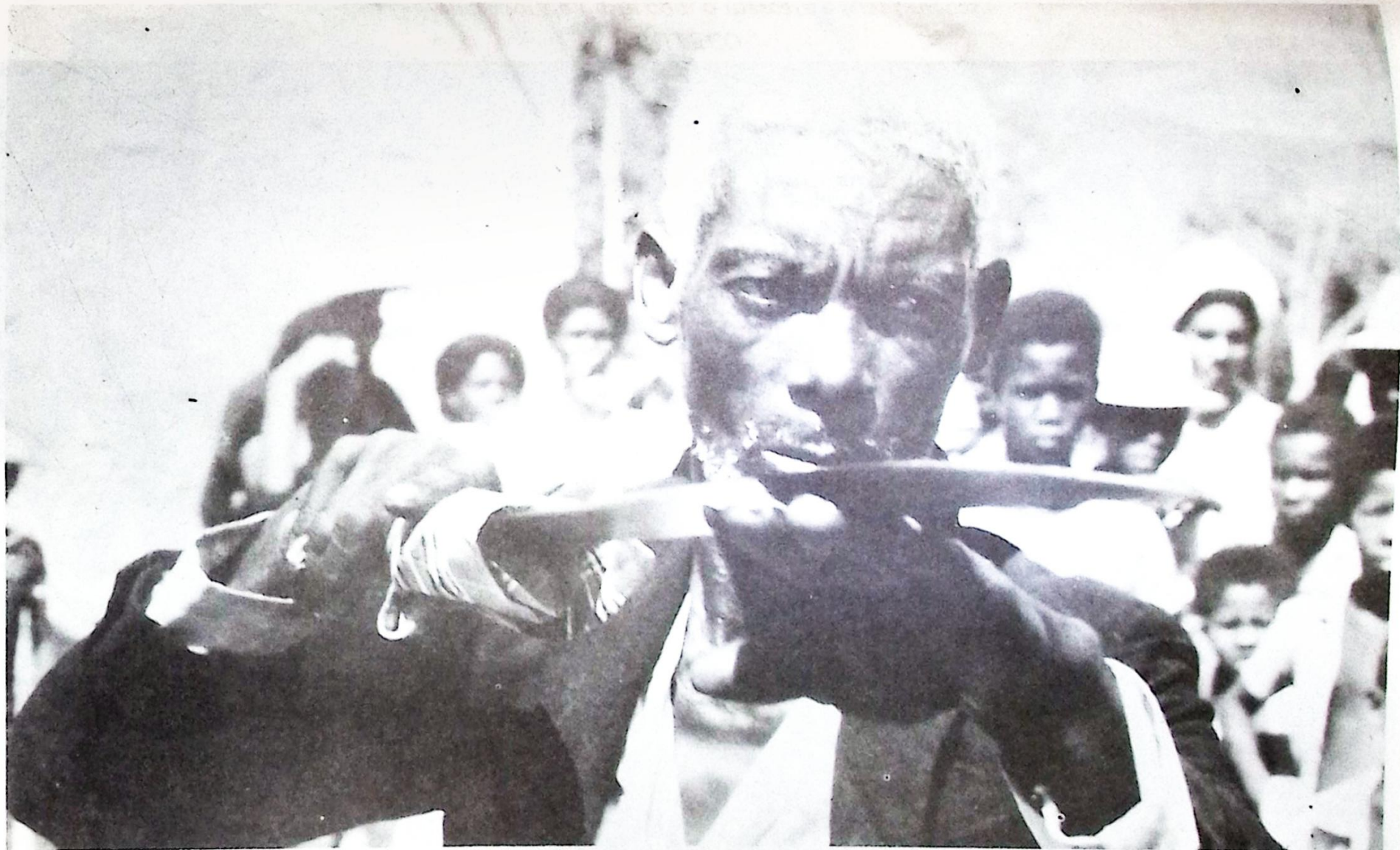
O que se apresenta a "olho nú" primitivo, rústico ou simples, muda de repente. Sua amplidão será o pano de fundo e colocará preceitos e conceitos em julgamento.

É interessante o que aconteceu, porém não abordaremos agora estas questões.

Restringiremos esta comunicação a alguns aspectos do Universo Cultural dos Agrupamentos.

Na realidade os "agrupamentos isolados" nos vãos e platôs serranos, constituídos de negros, mulatos e cafusos, embora uma comunidade rural camponesa, guarda ainda em sua distribuição territorial e comportamentos o que é comprovado pela história oral.

* Esta comunicação foi apresentada em São Luiz — MA, no Seminário de Estudos Afro-Brasileiros: "Religião e Negritude e Colóquio Internacional: "Sobrevivências Religiosas Africanas na América Latina e Caribe". De 18 a 28/06/1985.



RITUAL DO IMPÉRIO

Foto: Luiz Elias



BUTECO

Foto: Luiz Elias

O Imperador da Festa com o mascate e suas bruacas



Foto: Luiz Elias

IAIÁ GRACIEMA
Matriarca das Contendas

A história da comunidade é contada pelo Sr. Servino e outros moradores que se distribuem por Calunga: "Existe uma mina de ouro, alí bem perto (próximo a Calunga), nesta mina trabalhavam muitos escravos. O nome da mina é Boa Vista, fizeram um rêgo grande para levar água até a mina. Eram maltratados, o trabalho era por demais"... "Dizendo ser esta a história dos Calungueiros, não afirmam que todos os que ali vivem sejam da mina "Boa Vista", o que leva-nos a pensar na existência de um processo migratório posterior ao alojamento dos calungueiros no "entre serras".

Os "agrupamentos" em questão ocupam espaços à direita e esquerda do rio Paranã nos municípios de Monte Alegre e Cavalcante respectivamente, denominam-se:

| | | |
|------------------|-----------------|---|
| Contenda | Boa Sorte | à margem direita do Rio Paranã, na região entre a Serra da Contenda e o Rio Bezerra. |
| Barra | Bom Jardim | |
| Riachão | Areia | |
| Sucuriú | São Pedro | |
| Curral de Taboca | Faina | |
| Saco Grande | Olho D'Água | |
| Tinguizal | | |
| Vão de Almas | Vargem | à margem esquerda do Rio Paranã, na Região entre o Rio das Almas e o Rio dos Bois. |
| Caiçara | Ribeirão | |
| Jataroba | Fazendinha | à margem esquerda do Rio Paranã, e tendo-o como limite norte, ao sul o Rio das Almas. |
| Tarumã | Taboca | |
| Paraná | | |
| Saco | Taboca | |
| C. Mochila | Fazendinha | |
| Boa Vista | Maiadinha | |
| Lagoa | Morro | |
| Volta do Canto | Buriti Comprido | |
| Cór. Terra Verm. | Córrego Fundo | |
| Redenção | Vargem Grande | |
| Congonhas | Boa Sorte | |
| Altamira | Guarió | |
| Varge da Capela | | |

ASPECTOS GEOGRÁFICOS E GEOLÓGICOS DA REGIÃO DOS AGRUPAMENTOS

Os agrupamentos "isolados" assentam-se em duas microrregiões homogêneas do Estado de Goiás: Serra Geral de Goiás

(349) e Chapada dos Veadeiros (351) — propriamente nos municípios de Monte Alegre e Cavalcante. Sendo que o município de Monte Alegre limita-se com os municípios de Arraias, Campos Belos, Galheiros, São Domingos; e o município de Cavalcante limita-se com os municípios de Minaçú, Nova Roma, Alto Paraíso de Goiás, Paranã e Niquelândia. O Rio Paranã separa Monte Alegre de Cavalcante, dividindo as comunidades.

POPULAÇÃO DAS MICRORREGIÕES

| | 1970 | | |
|-----------------------|--------|--------|---------------------|
| Serra Geral de Goiás | | | 87.402 hab. (total) |
| Chapada dos Veadeiros | | | 42.356 hab. (total) |
| | 1980 | | |
| | Urbana | Rural | Total |
| Serra Geral de Goiás | 36.615 | 81.684 | 118.299 |
| Chapada dos Veadeiros | 13.977 | 44.070 | 58.047 |

A microrregião Serra Geral de Goiás (349) situa-se no leste goiano, abre-se para oeste como um anfiteatro na direção do Vale do Rio Tocantins. Na década de 70/80 o crescimento da população rural e urbana foi, respectivamente, 14,38% e 126,97% respectivamente. A agricultura é realizada em espaços reduzidos (em média, 3 hab. por estabelecimento). Principais cultivos, entre as lavouras temporárias, o arroz, a mandioca e a cana-de-açúcar. A Banana representa o cultivo permanente e importante.

A microrregião Chapada dos Veadeiros (351) é pouco povoada e de pequena expressão econômica. Alí a criação de gado é extensiva e para corte. Agricultura de subsistência.

O setor mineral é de suma importância, possuindo importante jazida de níquel (Niquelândia) Cassiterita (Monte Alegre), ouro entre outros. A partir de 1960 a região passa a contar com as "frentes pioneiras" e "frentes econômicas" que promovem a sua ocupação e exploração.

A PONTE DO PARANÃ — OS SISTEMAS

A ponte do Paranã construída em início da década de 60 representou um marco para os agrupamentos serranos até então

isolados. A Ponte propicia a ocupação e uso das terras além do Rio, a mineração desencadeia um processo de "desenvolvimento" Projetos particulares e oficiais — Combinado Agro-URBANO de Arraias, Projeto Alto Paraíso entre outros, instalam-se na região.

Indiferentes até certo ponto ao que acontece, as comunidades negras/cafusas seguem sua trajetória: Nascendo sem registro, casando na fogueira e na morte a terra abençoada os recebe sem mais formalidades.

Há 150 anos ou bem mais, alí estão nos vales que se tornam férteis ao receber os sedimentos das serras, do Rio Paranã nas enchentes anuais e de seus pequenos afluentes (Alminha, Calunga, etc).

A vida nos "agrupamentos isolados", flui de três sistemas que a princípio chamarei de econômico, social e de festas. O sistema de "festas" ressalta como de importância fundamental para o estudo das sobrevivências africanas e a religiosidade.

A análise dos sistemas, aqui colocados como parte de uma realidade maior, ainda não revelada, grosso modo apenas inicia.

Nesta preocupação foi que levantamos a Festa de São João, aqui apresentada em vídeo-cassete, sob o título: Kalunga — Povo da Terra.

1. Habitat
2. História
3. Romaria do Sucuriú
4. Cidadela

A Festa de São João é mais que uma "simples cerimônia".

Em seus rituais e simbologia revive a África, corporifica-a, utilizando um "sincretismo original" praticado por toda a comunidade. Chamamos de "sincretismo original" todo o processo que acompanha a "Festa de São João", santo católico cultuado em diversas regiões brasileiras, alí empresta seu prestígio para a recriação da mãe África.

O processo formal da "Festa de São João" inclui:

01. **ORGANIZAÇÃO ESPACIAL:** Construção de uma aldeia constando de moradias, casa do santo ou capela, cozinha comum, mesa comum, casa do Imperador, para abrigar um pouco mais de 300 pessoas. (Vide anexo)
02. Novena — nove 09 (nove) dias de rezas
03. Festeiros em número de 12 (doze)
04. Cerimônia maior, 03 (três) dias de duração

05. Práticas Rituais (Batismo)
06. Folia do Cipó
07. SUSSA (02) a dança sagrada. Nos cânticos são expressos um "desrespeito autorizado" e "indecência" por palavras e gestos o que faz lembrar o "Wubwong'u (3). Na Sussa cantam improvisos maliciosos, suscitando controvérsias quanto a fidelidade masculina ou feminina.

Acreditamos que a análise dos "sistemas" econômico, social e de festas contribuirão para que se defina o universo cultural dos povos serranos dos municípios de Cavalcante e Monte Alegre, dos povos dos Vãos: "Da Contenda", "de Almas" e "do Moleque".

A análise dos "sistemas" centrarão as pesquisas que continuam, pois ainda faltam-nos muitos dados que completarão o referencial necessário para a compreensão das comunidades negras — cafusas "isoladas" dos municípios de Monte-Alegre e Cavalcante no Estado de Goiás.

NOTAS

01. Baiocchi. Mari de Nasaré. Negros de Cedro — estudo antropológico de um bairro rural de negros em Goiás. Ática. 1982.
02. Lacerda. Regina. Papa Ceia. Gráfica Oriente. 1968. Goiânia-Goiás.
03. TURNER. Victor W. O Processo Ritual. Vozes. Petrópolis. 1974. p. 99.

RELEMBRANDO A INAUGURAÇÃO DA FACULDADE DE MEDICINA DE GOIÁS — Discurso pronunciado a 21-04-60 pelo

Dr. Altamiro de Moura Pacheco

Encontramo-nos, ninguém o contestará, eu sei, em face de um espetáculo majestoso na forma e sublime na essência.

Vivemos o ano histórico em que se delineia o gigantesco e verdadeiro vulto da Nação até aqui mergulhada na espessa névoa da incerteza e avaliada, até então, pelas conjeturas da hipótese.

Vivemos a hora decisiva em que se desperta um povo ao chamamento de um comandante que lhe entrega, despida do manto da rotina e coberta com o véu da glória, a Pátria estremecida e embalada pela esperança que já é certeza de dias melhores.

Vivemos o momento em que vastos e novos horizontes se nos descortinam, num propiciar cuja extensão não se mede, de oportunidades ao trabalho em campos múltiplos, à ciência em ambiente adequado, às artes em fontes de inspiração e à indústria em mercado que se amplia.

E, assim, vivendo o ano, a hora e o momento em que, num ranallete de realizações, se enfeixam vitórias das iniciativas de uma administração federal que, felicitando o povo, dignifica o País, podemos, com orgulhosa satisfação, neste recinto transbordante de fé nos destinos de Goiás e de entusiasmo pela grandeza do Brasil, divisar dois extremos que se tocam, duas épocas que se distanciam, assinalados pelo marco indelével de Brasília.

Sonho de gerações e ambição de patriotas, filha diletta de Juscelino Kubitschek — o estadista —, Brasília surge e cresce, desafiando a exigüidade do tempo; aformoseia-se e domina o palco das atividades administrativas do universo, sem encontrar competidora à altura de seus méritos de menina e môça.

Nascida ontem e hoje adulta, princesa que não conheceu infância e rainha sem adolescência, seduz pela beleza, impera pelo prestígio e empolga pela transcendência da missão que lhe é privilégio, estimulando iniciativas e espalhando benefícios.

E dessa faina benfazeja, — sem limites nem restrições, com decorrência que se não pode negar, coroando a conjugação de esforços do governo de Goiás e da classe médica, — desponta o que constitui objetivo desta festa que se soleniza, desta reunião histórica, onde se inicia o ensino médico, em terras do Anhangüera.

Haverá, no setor educacional de Goiás, ocorrência de mais alta significação?

Haverá, para a questão sanitária do Estado, empreendimento que mais engrandeça o governo e mais beneficie o povo?

Educação e saúde, duas condições que se harmonizam num todo que é a aspiração máxima da humanidade civilizada ou que procura civilizar-se.

Saúde e educação, duas prerrogativas que valorizam um governo e enobrecem um povo, criando o corpo forte para a mente sadia.

Representam, não há discutir, dois fundamentos indispensáveis e insubstituíveis à felicidade coletiva, sempre sonhada e raramente atingida, em todas as épocas e em todas as latitudes.

São dois requisitos que simbolizam credenciais satisfatórias e não susceptíveis de impugnação, para que Goiás, delas possuidor como cousa sua e não por empréstimo resgatável em tempo limitado, ingresse no concerto dos Estados mais desenvolvidos da Federação.

São o índice de que Goiás, acompanhando com interesse patriótico a atuação do Presidente Kubitschek que tudo faz pela melhoria geral das condições de vida e do ambiente de trabalho do brasileiro, com ele colabora, na medida de suas possibilidades, criando instituições culturais e científicas de elevado porte.

Com a Universidade Católica funcionando e a Federal em andamento e já em fase final de organização; aparelhando-se para o grande impacto do afluxo populacional que será a cauda flamejante do cometa que é Brasília, essa estrela que, fixada no Planalto Central, iluminará toda a vastidão semi-continental brasileira, — Goiás, valorizado e engrandecido, não se omite em face da missão de coadjuvar no progresso geral e magnificência do País.

A Faculdade de Medicina de Goiás que hoje dá os primeiros passos na larga senda científica que se lhe abre, sob os mais promissores augúrios, assinala, de modo indelével, o desabrochar do Novo Brasil, do Brasil, após Brasília, do Brasil que se firma na solidez, que se reforça de novas bases para uma estrutura econômica mais vigorosa e compatível com as aspirações nacionais.

Surpreende-se a si mesma surpreendendo a esfera social goiana com a instalação de seus trabalhos, em meio às esperanças de uns e às descrenças de outros, satisfazendo, porém, ao desejo de todos.

Esmalta-se sob o facho alucinante de uma idéia que havia de medrar e se coroa com o triunfo que, sendo fruto da boa-vontade do Dr. José Feliciano, da colaboração do Dr. Peixoto da Silveira, da perseverança do Dr. Francisco Ludovico de Almeida, do senso compreensivo da Associação Médica do Estado, da cooperação da Diretoria do Ensino Superior na pessoa do Dr. Jurandyr Lodi e do adjutório dos Drs. Átila Gomes, Hélio Lôbo, Rodovalho Mendes e tantos outros brasileiros de elevada estirpe, é, sobretudo, reflexo do nunca desmentido patriotismo do Presidente Kubitschek.

Por isso, na qualidade de presidente da Sociedade Faculdade de Medicina de Goiás, eu os proclamo beneméritos, sim, de uma entidade cultural didática que, no mais delicado setor da ciência, entre pesquisas e experimentações que se não limitam, nem se findam, ensina como altruística objetivação, e aperfeiçoa como precípua finalidade a difícil arte de curar, a cujo progresso se deve o alto e expressivo aumento da média da longevidade humana, índice máximo e indisputável da civilização hodierna.

E, então, para que não houvesse dissonância na harmonia do ensino médico-universitário do País, a criação desta Faculdade obedeceu a um plano que não é ensaio, inspirando-se em experiências que ainda não falharam, e seguindo os métodos adotados pelas mais bem organizadas e mais eficientemente dirigidas no País, onde o exemplo norte-americano teve influência ponderável.

A primeira, grande e decisiva etapa está vencida, e vencidas, estou certo, serão as demais, que se lhe seguirem, para se completar uma obra, necessária a Goiás, vantajosa ao Brasil e imprescindível às gerações vindouras que, dela orgulhosas e tomando-a como brasão dos educadores da geração atual, a incluirão, com destacado relêvo, no portentoso acervo de benefícios da gloriosa época do batismo cultural de Brasília.

Filha de pais novos: de Goiânia, que é moça e moça catita, e do Brasil renovado através de Brasília, frutificará com o vigor das idéias que encerram predestinação.

Crescerá no conceito de suas irmãs.

Firmar-se-á, com boa reputação, nos centros culturais e científicos do País, porque não surgiu senão para cumprir, com

austeridade e em perfeita consonância estatutária, a missão insigne, porém árdua, a que não podem faltar o apoio dos governos, a ajuda dos médicos e a colaboração patrioticamente fiscalizadora do maior interessado — o povo.

Blindada com um programa rígido e encouraçada com a honestidade de propósitos que lhe norteiam as diretrizes, inaugura-se, já devidamente equipada com relação ao primeiro ano e equipando-se, em marcha contínua, para os demais de que se constitui o curso médico-cirúrgico dos tempos atuais.

Dos tempos atuais e do futuro, porque não se deve fazer obra estacionária, mas susceptível de, em ampliações, evolver, acompanhando a expansão vertiginosa da ciência que, cada vez mais dominante, imprime surpreendentes e constantes modificações no ritmo da vida contemporânea.

Com um olhar em retrospecto que se aprofunde por duzentos e vinte séculos, à cata dos fundamentos da Biologia, então lançados pelos gregos, na época auroral da ciência, quando Aristóteles — o príncipe dos filósofos — já afirmava que “onde termina a filosofia começa a medicina”, — vemos mais tarde proclamar-se como ciência das ciências e que, no dizer facundo do grande Vieira, é a “ciência da segunda árvore da vida”.

Com um exame, através da história, sobre a evolução, a princípio morosa e difícil, da arte de curar, percebemos que, somente aos poucos, valiosíssimas descobertas se entrelaçaram, identificando-se como novas ciências que, posteriormente, se filiariam ao majestoso e empolgante todo que é a medicina da atualidade.

E, agora, rica de meios propedêuticos e fecunda de recursos terapêuticos, nos deixa lóbrigar a possibilidade de, permeabilizando-se o futuro, adivinhar e sentir, compreender e avaliar a egrégia importância deste campo de atividade científica, fertilizando-se com o trabalho dos professores e inundando-se do talento dos jovens, esperançosos e cheios da ambição de saber.

E, assim, sob o vexilo da esperança, desfraldado com a sublime potência da fé, caminhamos para o futuro.

E que o penhor de minha confiança, viva e indissipável, na marcha ascensional de nossa causa, a causa de todos nós, se contrabalance com este pujante empreendimento, avigorando e fazendo

permanecer a doce e agradável emoção deste instante na lembrança de todos nós que comungamos com o vitoriar da glória do Brasil de novecentos e sessenta.

Salve, Goiás!

* * *

(Transcrito de "DISCURSOS" — pág. 95-101)

CRONOLOGIA HISTÓRICA DE GOIÁS

H. CRISPIM Borges

1590 — Parte de São Paulo para o sertão, a explorar a terra e a caçar o gentio, uma bandeira chefiada por Domingos Luís Grou Antônio de Macedo, este filho de João Ramalho, alcançando, possivelmente, o rio Araguaia. Mesmo batidos pelos silvícolas, alguns remanescentes da expedição retornam a Piratininga com prisioneiros. — Em sua Memória, escrita em 1812, Silva e Sousa, baseado na tradição, diz ter sido Manoel Corrêa o primeiro sertanista a atingir o território dos Arraés (rio Paraupava ou Araguaia). O referido desbravador, vivo em 1581 e identificado por Manoel Rodrigues Ferreira — “Manoel Corrêa, mas seu sogro Gil Fernandes e outros, foram multados em duzentos réis cada um, por não terem comparecido à Procissão de Santa Isabel”, pela Câmara Municipal da vila de São Paulo —, era homem da plebe, sem recursos e sem liderança para encabeçar uma entrada. Ele, como Sebastião Marinho, a quem Americano do Brasil dá o título de descobridor de Goiás, por uma legenda contida em esboço cartográfico, talvez seja sobreviventes da expedição Grou — Macedo, como já se conjeturou. Da penosa jornada, segundo consta, Manoel Correa trouxe dez oitavas de ouro (35,86 g), transformando-as numa coroa para Nossa Senhora do Pilar de Sorocaba e, de acordo com Antunes da Frota, deixou “papéis escritos de sua mão”, à guisa de roteiro, tudo muito confuso. Demais a mais o dito historiador oferece, como data da bandeira, o ano de 1719, que lhe tira a prioridade da descoberta, enquanto a opção do barão do Rio Branco é pelo ano de 1647, José de Sousa

Azevedo Pizarro e Araújo 1670 e Southey 1738, em posições variadas. (Carvalho Franco — **Dicionário dos Seretanistas e Bandeirantes**. — **Americano do Brasil — Súmula de História de Goiás**. — Manoel Rodrigues Ferreira — **As Bandeiras do Paraupava**. — Antunes da Frota — **História da Capitania de Goiás**).



1596 — Sai de São Paulo, rumo ao sertão, a bandeira de Domingos Rodrigues — João Pereira de Sousa Botafogo (José Geraldo Salvador nega-lhe o último sobrenome, conforme artigo publicado no "Suplemento Literário do Estado de São Paulo" de 8 de agosto de 1971). Por ordem régia, João Pereira é preso em julho de 1597, em plena campanha, e levado para Piratininga. A expedição, dirigida por Francisco Pereira, continua a arrancada e volve a São Paulo em dezembro de 1600, sob a chefia de Domingos Rodrigues, e traz índios da nação guoiá (guaiá ou goiás).



1598 — Desloca-se para a região do Paraupava a bandeira de Afonso Sardinha que atinge, como se confirmou mais tarde, através do inventário de Catarina Unhate, o território dos índios Pés Largos (baixo Araguaia — Tocantins).



1607 — Deixa São Paulo, em março, a expedição de Belchior Dias Carneiro, antigo componente da entrada Grou — Macedo, por ordem de Diogo Quadros, provedor das minas de São Paulo. Aos 26 de julho de 1608, na zona dos bilreiros (Araguaia — Tocantins), morre Belchior, ficando o agrupamento sob o comando de Antônio Raposo, que o traz de volta em 1609.



1608 — Em agosto, Martim Rodrigues Tenório de Aguilar parte de São Paulo para a "região dos bilreiros ou caiapós e quatro anos depois chegou ao povoado (São Paulo) a no-

tícia que havia perecido, com a totalidade de sua gente, nos fundos sertões onde se internara e que o cônego Roque Leme da Câmara afirmava ter sido na paragem do rio Pará, que o certo seria na célebre região do Paraupava". (Carvalho Franco— Ob. citada, p. 15).



1613 — Saindo de São Paulo neste ano, em fevereiro de 1615 a bandeira de André Fernandes já se encontra no rio Paraupava, quando se lavram os inventários de cinco sertanistas falecidos — Manuel Requeixo, Antônio de Oliveira, Manuel Rodrigues Góis, Matias Gomes e João Morzilhão, funcionando, como escrivão, Pedro Domingos. A expedição retorna a Piratininga em 1615.



1615 — Antônio Pedroso de Alvarenga, que estivera com o capitão-mor Lázaro Costa no território dos carijós (Santa Catarina), no regresso, chefiando parte da dita bandeira, rumo para o sertão do Paraupava, donde volta em 1618.



1619 — Diogo Pinto da Gaia, a mando de Bernardo Pereira de Berredo, governador do Maranhão, chefia uma entrada ao Tocantins e Araguaia. (Ferreira Rios — História do Amazonas).



1625 — Frei Cristóvão de Lisboa, capucho de Santo Antônio e comissário do Santo Ofício, visita as nascentes principais do rio Tocantins. (Con. José Trindade — Lugares e Pessoas, p. 36).



1636 — O primeiro jesuíta que adentra o território goiano é o padre Luís Figueira e, em segundo lugar, de conformidade

com Serafim Leite, vem o padre Antônio Ribeiro. (Afonso Taunay — *História das Bandeiras Paulistas*, v. II, p. 193).



1644 — “Bartolomeu Barreiros de Ataíde, saindo de Belém do Pará, subiu o Tocantins e já no rio Araguaia chegou a uma mina de ouro, nele existente. O fato importante desta bandeira de Bartolomeu Barreiro de Ataíde, é que ele denomina Araguaia o rio Paraupava.” (Manoel Rodrigues Ferreira — *O Mistério do Ouro do Martírio*, p. 267).



1653 — Em entrada missionária, deslocando-se de Belém, o padre Antônio Vieira e outros religiosos — Francisco Veloso, Manuel de Sousa e Antônio Ribeiro — sobem o Tocantins e ultrapassam as cachoeiras das Itaboca. (Antônio Vieira — *Cartas*, ed. Jackson, p. 143).



1655 — Seguindo de Belém, no início do ano, em trabalho de catequese, o padre Tomé Ribeiro chega ao Araguaia, com resultado satisfatório, como se depreende de correspondência enviada por Vieira a D. João IV: “... Chegaram a esta cidade do Pará (de volta) na oitava de Todos os Santos, com sessenta canoas carregadas desta gente (índios), em que vinham mais de mil almas, das quais no caminho foram algumas para o Céu; dos demais estão já batizados os inocentes, e os adultos se vão catequizando.” (A. Vieira — *Ob. citada*, p. 185).



1658 — Em companhia do sacerdote Ricardo Caréu, novamente o padre Tomé Ribeiro se embrenha pelo Tocantins, entrando em contato com os índios carajás.



1659 — Saindo de Belém, com numerosa expedição — 450 índios de arco e remo, e 45 soldados portugueses, comandados

por um capitão de Infantaria, de acordo com relato do padre Vieira a D. Afonso VI —, o padre Manuel Nunes alcança o rio Taquanhona e castiga a tribo inheiguaras, por impedir que os selvagens descessem para a igreja. Depois, metendo-se pelo Araguaia, toca na ilha dos carajás (Banal), rico viveiro de tartarugas, conforme o padre Manuel Mota.

●

1661 — Os padres Gonçalo Veras e Sebastião Teixeira, com 70 canoas e conduzindo índios catequizados, sobem o Tocantins e atingem, possivelmente, terras goianas, à cata de gente paulista nas aldeias aruaquis, gente que “no hace caso ni de las leys del Rey ni de Dios”. (Odorico Mendes — Rev. Oeste, n. 5, Goiânia — GO).

●

1668 — Neste ano, de conformidade com informação de Serafim Leite, os padres Gaspar Misch e o Irmão João de Almeida promovem uma entrada no Tocantins — Araguaia. (S. Leite — História da Companhia de Jesus no Brasil).

●

1669 — Manoel Brandão, sertanista do Pará, coadjuvado por Gonçalo Pires, chefia uma entrada no Tocantins e chegam ao rio Araguaia, quando descobrem e introduzem no comércio os frutos chamados castanha-do-pará. (Carvalho Franco — Ob. citada, p. 78).

●

1670 — Registra-se neste ano uma entrada de Bartolomeu Bueno de Siqueira, numa bandeira de resgate, até o íntimo sertão de Goiás. (Basílio Magalhães — Expansão Geog. do Brasil Colonial, p. 106).

●

1671 — Luís Castanho de Almeida, com os filhos e índios de sua administração, empreendem uma entrada nos sertões dos goiases; no ribeirão dos Guanicans (Anicans) recebe Cas-

tanho, do gentio amotinado, uma frechada e morre, "Os filhos se se defenderam dos seus administrados e inimigos domésticos, enquanto se consumiam as carnes do cadáver de seu pai, que, sepultado, lhe aplicaram fogo continuado em cima da sepultura, e produziu, que em 20 dias pudessem limpar e lavar os ossos do cadáver, que recolhidos em limpo lençol, e metidos em um caixote, se animaram os quatro irmãos, sem mais outra companhia, a penetrar tão vasto e inculto sertão", levando para São Paulo os despojos do pai, que foram enterrados na igreja de Nossa Senhora do Rosário. (Pedro Taques — Nobiliarquia, v. I, p. 261).

1671 — Entrando para a região dos goiases o sertanista Antônio Pais se encontra com os filhos de Luís Castanho de Almeida que, de regresso do sertão, conduzem os restos mortais do genitor. Pais continua a jornada estabelecida e falece em paragem remota, sendo seu inventário aberto em S. Paulo em 1675.



— Partindo de S. Paulo e já no baixo Tocantins, Sebastião Pais de Barros escreve ao rei, dando-lhe conta do empreendimento; e El-rei, via do padre Antônio Raposo, manda-lhe uma carta em 1674: "... Tendo-se me dado parte de que assistis nesse distrito com vossa gente, havendo aberto estradas desse sítio à vila de S. Paulo e sendo-me juntamente verdade de que entre a gente que aí governais, alguma dela tem descoberto minas de ouro e outros mine-rais e drogas desse sertão, ... vos hei por bem recomendado examineis a certeza desta notícia tão importante, e me aviseis logo..." Desastradamente, quando Raposo chegou ao local indicado, a bandeira havia sido destroçada e Pais de Barros era morto. (Carvalho Franco — Dicionário, p. 60).



— Manuel de Campos Bicudo faz uma entrada no território goiano, atingindo, possivelmente, os Martírios, identifi-

cado por Manoel Rodrigues Ferreira no baixo Araguaia. (Expedição aos Martírios, 1973).

1673 — “Pascoal Paes de Araújo, mestre-de-campo paulista, chefe de uma bandeira, desce o mesmo rio (Tocantins), com o fim de cativar índios”. (Rev. IHGB, t. esp., v. 2o., p. 414).

1682 — Com o filho ainda adolescente, Bartolomeu Bueno da Silva (I) penetra as terras de Goiás em busca do gentio e lá se encontra com Manuel de Campos Bicudo e o jovem Antônio Pires de Campos (I), então com 14 anos. Informado do sítio em que se achava a nação indígena, da qual Bicudo trazia boa parte, Bueno retoma a marcha e aprisiona índios bastante para “povoar uma cidade.” E não satisfeito, na presença dos silvícolas teria queimado aguardente numa vasilha e ameaçado fazer o mesmo com a água dos rios — a prioridade desse feito, relatado por Pedro Taques, coube a Francisco Pires Ribeiro, sobrinho de Fernão Dias Pais, que o pôs em prática no Tieté; assustados, os índios apontam-lhe o local donde haviam retirado as folhetas de ouro, usadas por suas mulheres e deram-lhe o apelido de Anhanguera, que significa Diabo Velho. — Acerca desta bandeira não existe documentação oficial, apenas roteiros, que além de contraditórios, são por demais confusos. Bartolomeu Bueno da Silva, que tinha por atividade predileta à escravidão do gentio — “forte, valente, com um olho furado, a fisionomia terrível” —, não deu valor à descoberta de ouro efetuada. Também os expedicionários que o acompanhava, deslumbrados com as minas de Sabará, Mariana e Ouro Preto, nas Gerais, esqueceram o ouro do longínquo Goiás. — É essa, mais ou menos, a versão da maioria dos historiadores, quanto a data e ações acima discriminadas. Entretanto, com base em peças relevantes, a entrada Bueno — Bicudo pode ser colocada entre 1670 e 1673, conforme as informações que se seguem:

1a. — De acordo com Antônio Prado de Siqueira (Rev. IHGB, v. 6, p. 319), Antônio Pires de Campo (I) faleceu em 1749, com 90 anos de idade; e como orçava ele pelos 14 anos, quando do encontro histórico, a dita expedição deve ter ocorrido em 1673;

2a. — Aos 14 de agosto de 1736, através de representação de pessoas notáveis de S. Paulo, endereçada a D. João V, os requerentes pediam a transformação do recolhimento de S. Tereza em mosteiro e, entre os argumentos alegados, diziam: "... O talento e constância de dois paulistas, Bartolomeu Bueno da Silva (II), com setenta anos (grifamos), e seu genro João Leite da Silva Ortiz, a todo o risco, venceu as dificuldades e saíram à luz com seus descobrimentos (grifamos), depois de desamparados de outros de sua companhia, que se retiraram para o Maranhão e para esta cidade onde publicaram seriam os dois cabos acabados..." Como a redescoberta do ouro de Goiás se deu em 1725 e nesta data Bueno ia pelos 70 anos, então nascera entre 1655 e 1660, daí concluímos que a entrada Bicudo — Bueno se realizou nos primeiros anos da década de 1670;

3a. — Em carta dirigida por Bartolomeu Bueno da Silva (II) ao monarca português, datada de 23 de fevereiro de 1735, relatava o descobridor: "... como acumulava os cargos de regente, superintendente, provedor dos ausentes e guarda-mor (de Goiás), tinha requerido várias vezes, aos ouvidores gerais da comarca que, atendendo à sua incapacidade, falta de experiência e avançada idade de 80 anos (grifamos), o substituíssem..." , como de fato foi substituído por Gregório Dias da Silva, através de carta-régia de 29 de outubro de 1733. Da presente transcrição, efetuada a dedução) 1735 — 80 — 1655 — vemos que de novo se repete o provável anos de nascimento de Bueno e o recuo da data de entrada da bandeira Manuel de Campos Bicudo e Bartolomeu Bueno da Silva (I), de 1682 para 1670 ou 73.

Como se perdeu o caderno da Nobiliarquia Paulistana, de Pedro Taques, relativo aos Buenos, e os anos iniciais da História de Goiás estão "inçados de erros e contradições", adotamos o parecer de Washington Luís, vazado nos seguintes termos: "Bartolomeu Bueno da Silva teria, pois,

nascido entre 1658 e 1661, realizando a primeira entrada aos Martírios entre 1670 e 1673, com 12 anos, partindo em 1722 com 64 ou 67 e morrido em 1740 com 82 ou 85 anos, mais moço assim que o seu êmulo Antônio Pires de Campos que faleceu aos 90 anos." (Capitania de São Paulo, 2a. ed., p. 184).



1700 — No abrir do século XVIII várias bandeiras, das quais não há registros oficiais, estiveram no território goiano. Assim, mercê da notícia deixada por Urbano Couto Meneses — narrando lembranças da arrancada de 1722-25, empreendida na companhia do Anhanguera II —, temos conhecimento das entradas de Manuel Peres Calhamares, sem precisão de data, conforme a transcrição que se segue: "... e pelo meio se vê sinal de correrem dois rios ou ribeirões, tudo faz barra nos Araés, onde estão 14 pilões e uma antiga tapera que foi do cunhado do Anhanguera, Manuel Pereira Calhamaro, que quando andava ao gentio aí fazia escala, por ter roça e ajuntava o gentio para ir para São Paulo... Neste lugar da tapera, onde se acham os 14 pilões, é o legítimo rio dos Araés, onde fazem barra os ribeirões que se vêm da Torre de Babel... Neste mesmo rio, disse o Anhanguera ao seu irmão Simão Bueno, que era onde seu cunhado Calhamaro tinha achado numa parede de pedra alta os Martírios de Cristo, que todos ouviram. E este é o legítimo rio dos Pilões, mas seu nome próprio é Araés...". (Alencastre — Anais, 1979, p. 36).



1716 — Antônio Pires de Campos, o velho, desgostoso com o mau sucesso da guerra dos emboabas, resolve tornar à região dos Araés, onde já estivera com seu pai, Manuel de Campos Bicudo. FEitos os preparativos, ingressa na zona do baixo Mato Grosso, via natural para Goiás. Todavia, na perseguição do indígena Aripoconés, desvia-se de rota e sobe o rio Cuiabá. (C. Franco — Ob. cit., p. 97).



1717 — Escudado em Élis Júnior, Americano do Brasil menciona

a passagem da bandeira de Amador Bueno da Veiga pela região dos bilreiros, no sudoeste goiano.



1720 — Aos 13 de janeiro, assinado pelos sertanistas Bartolomeu Bueno da Silva II, João Leite da Silva Ortiz e Domingos Rodrigues do Prado, é enviado a D. João V — com apoio do Senado da Câmara de São Paulo — um requerimento, solicitando-lhe uma provisão “para poderem ir ao sertão da América, a fim de descobrirem minas de ouro, prata e pedras preciosas, diligência esta que se propõe levar a efeito para poderem merecer as honras e prêmios que o Rei quizer conceder-lhes. Dizem ser já conhecodres dos referidos sertões que se acham povoados por índios de várias raças como: Caiapós, Caraiaphitanguás, Arachás, Quirichás, Guoiás, Barecis e Caraiahumas, que primeiro terão que pacificar.” — Segundo Calógeras, o inspirador da dita iniciativa foi Bartolomeu Pais de Abreu — irmão de João Leite da Silva Ortiz —, que pobre e esquecido, faleceu em 1738. (Rev. IHGB, t. especial, v. 1, p. 135. — Calógeras — As Minas do Brasil, p. 91).



— A 14 de junho, sobre o pedido anterior, o Conselho Ultramarino emite um parecer, “segundo o qual (D. João V) deve encarregar o governador que nomear para o governo (da Capitania) de São Paulo, da escolha destes homens e dos mais que entender, para lhes confiar estes descobrimentos e que a estes lhes deve prometer em nome do Rei, as passagens dos rios que descobrirem, de juro e herdade, e os foros de fidalgos e hábitos. Deve-se recomendar ao mesmo governador tenha cuidado em que estes descobrimentos sejam feitos em terra pertencente à coroa portuguesa, evitando-se os encontros com os vassallos de Castela, para se não dar uma guerra. Diz ainda que é escusado esperar-se a informação do governador, porque, da oferta daqueles homens, só pode vir proveito, e nunca prejuízo para a Fazenda Real e para a Coroa. Ao Dr. João de Sousa parece que não se deve deferir este

caso sem o governador informar primeiramente sobre a capacidade e possibilidades destes homens e utilidades dos seus descobrimentos." (Rev. IHGB, t. especial, v. 1, p. 136).

●

1721 — Através de carta-régia, de 14 de fevereiro, endereçada ao governador e capitão-general de São Paulo, D. João V manda a referida autoridade informar sobre a capacidade e cabedais dos signatários da petição de 13 de janeiro de 1720 (Bueno, Ortiz e Prado), bem como da utilidade da empresa, e, caso tudo seja favorável "ajusteis com eles, segurando-lhes a mercê que pedem das passagens dos rios que dependem de canoas em duas ou três vidas sujeitas a lei mental:*, dizendo-lhes que eu atenderei ao serviço que me fizerem..." (Documentos Interessantes para a História de S. Paulo, v. XII, p. 61).

●

— Ocorre em São Paulo, em 5 de setembro, a posse do capitão-general Rodrigo César de Meneses, a quem o Rei deu a incumbência de verificar os requisitos e conceder aos sertanistas as vantagens do alvará de 14 de fevereiro de 1721.

●

— Em 10 de setembro, após contato com Bartolomeu Bueno da Silva — já que Ortiz e Prado se encontravam no sertão —, Rodrigo César informa ao Rei sobre as posses e folha de serviço do Anhanguera II, acrescentando, ademais, ter ajustado com o mesmo, para junho do ano vindouro, a data da partida da bandeira.

●

1722 — Aos 30 de junho, após longos preparativos, a bandeira do Anhanguera II — tendo por sócios João Leite, Pais de Abreu, Simão Bueno, Antônio Ferraz de Araújo, Manuel

Peres Calhamares e outros, recebe do capitão-general de S. Paulo um regimento em 14 artigos, que além de ameaças — pagamento de dois mil cruzados e degredo, se por ventura o descobrimento ocorresse em terras da Espanha —, determinava ao capitão, em linhas gerais, que: antes de partir para o sertão mande confessar toda a gente que o acompanhar, para irem em graça; que estas mesmas pessoas lhe obedecam e, caso o não cumpram, sejam castigados; que faça guardar respeito aos dois religiosos, da ordem de S. Bento, que acompanham a expedição, como capelães, e que devem tentar converter os índios que aparecerem, combatendo os que não quiserem recebê-los em paz, e protegendo os que se mostrarem amigos, pois é de toda conveniência a sua conservação; determina ainda que não façam descobrimento algum em terras da coroa de Castela; nem entrem em seus domínios e que, todo aquele que o fizer, irá degredado, por toda a vida, para a ilha de São Tomé; que nas minas que se descobrirem, nomeie por guarda-mor João Leite da Silva Ortiz, e por escrivão, Antônio Ferraz de Araújo; que quando encontrar minas de ouro, prata ou pedras preciosas e quizer passar adiante, faça um roteiro com a sua situação bem indicada, para facilmente se tornarem a encontrar; que havendo rendimento nas minas, nomeie um tesoureiro e um escrivão que arrecade os quintos reais. Recomenda que em qualquer caso que necessite da sua resolução, o informe logo para resolver o que for conveniente, e que todos vivam em boa harmonia, e muito especialmente que, se os rendimentos forem muito, tenha zelo na sua arrecadação e que os remeta à cidade (de São Paulo) por pessoa idônea. Termina dizendo que, como não se pode prever todos os casos que surgirem, deixa a sua resolução ao dito capitão Bartolomeu Bueno da Silva que em tudo agirá como lhe parecer mais acertado, com o seu costumado zelo e competência. (Rev. IHGB, 1956, t. especial, v. 1, p. 220). — Quanto ao dia de saída da bandeira do Anhanguera II, 30 de junho para Afonso Taunay, Barão do Rio Branco, Pandiá Calógeras, Azevedo Marques, Washington Luis, Alencastre e outros, e 3 de julho para Rodolfo Garcia, Carvalho Franco, Americano do Brasil e diversos historiadores, que se apoiam no roteiro do alferes José Peixoto da Silva Braga,

escrito em 1734. A notícia de Braga, acérrimo inimigo de Bueno, dá margem a outras polêmicas, das quais citaremos três: Pedro Taques, na *Nobiliarquia*, diz que João Leite organizou um troço (corpo) de 500 homens para a dita entrada; Rodrigo César, em documento oficial ao Rei, de 20-11-24, diz que a expedição tinha perto de trezentas armas; e Peixoto escreve que ia na arrancada apenas 152 armas, 3 religiosos, 1 baiano, 5 ou 6 paulistas — dado contestado por Taunay como inverídico —, 20 índios das aldeias reais, vários portugueses e 39 cavalos. O número de animais também padece contestação pois em dezembro de 1725, dois meses após o regresso, João Leite, em documento ao governador de S. Paulo, dizia ter entrado em 1722 com 38 cavalos de sua propriedade. Assim, a dar crédito na matemática de Braga, que a bandeira possuía 39 animais, ficamos a matutar sobre a nenhuma contribuição de Bueno, Simão, Antônio Ferraz, Calhamares, Peixoto, Urbano do Couto, Tomar, os religiosos, etc., em cavalgadas, na jornada de 1722. (Doc. Inter, v. XX — Carvalho Franco — Ob. cit., p. 368 — Alferes Braga — *Notícia Prática*). — Talvez o efetivo registrado por Peixoto fosse apenas do grupamento Bueno, já que o pessoal de Ortiz, conforme o aludido roteiro, depois de mais ou menos um mês, é que alcançou a gente do Anhanguera. — Devemos considerar também a hipótese do pesquisador Moisés Santana de que João Leite, em vez de deslocar-se de Curral Del Rei para S. Paulo e dali para o sertão, seguiu de Minas para o rio das Velhas, que entra no Paranaíba, onde encontrou os expedicionários de Bartolomeu Bueno. (Humberto Crispim Borges — Moisés Santana, p. 237).



- Aos 3 de setembro, em correspondência dirigida ao Rei, Rodrigo César de Meneses assim se expressava: "Informando-me, como Vossa Majestade foi servido mandar-me, da capacidade e posses dos capitães Bartolomeu Bueno da Silva, João Leite da Silva Ortiz, achei serem homens dos principais desta Capitania, com cabedal e grande conhecimento do sertão, principalmente o capitão Bartolomeu

Bueno da Silva, o qual tem larguíssima experiência de todo aquele sertão dos Guaiases...". Vemos, que da referida citação, foi excluído o nome de Domingos Rodrigues do Prado, às voltas com a justiça pelo seu envolvimento no levante de Pitangui — MG, entrando em seu lugar, como procurador da bandeira e residência na vila de São Paulo, Bartolomeu Bueno Pais de Abreu. (Doc. Inter., v. 32 — C. Franco, Obr. cit., p. 309).



1723 — Urbano do Couto Meneses, em seu roteiro, escrito mais tarde, faz referência a descoberta de ouro, já no território goiano, por João Leite da S. Ortiz, no lugar denominado as Palmeiras, no Mato Grosso de Goiás.



— Em 16 de outubro, através de carta-régia ao governador de São Paulo, D. João V acusa o recebimento das informações sobre os bandeirantes, louva o regimento (instruções) dado à bandeira e reafirma que atenderá aos serviços que lhe forem prestados.



1724 — Em correspondência endereçada ao Rei, a 20 de novembro, Rodrigo César alude, em pequeno tópico, à bandeira do Anhanguera II: ". . . Do descobrimento que mandei fazer no sertão do Norte, chamado goiases, há mais de dois anos, até aqui não tenho notícia alguma, antes, pela dilação receio mau sucesso, por causa do muito gentio que há por aquelas partes, sem embargo, que a tropa que mandei constava de perto de trezentas armas." (Doc. Inter., v. 20, p. 130).



1725 — Em 1o. de abril, o capitão-general de S. Paulo, por notícia que teve do marquês de Abrantes — recebida do governador do Maranhão, João Maia Gomes —, acerca de apareci-

mento de gente da bandeira Anhanguera em Belém — conduzida pelo alferes José Peixoto da Silva Braga —, lança um bando convocando sertanistas para socorrer Bueno, “numa tropa que se há-de expedir, dando aos que forem pobres pólvora e munição para a dita jornada.” (Doc. Inter., v. XIII, p. 59).



1725 — Em 10 de abril Rodrigo César dirige correspondência a Francisco Vaz Muniz pedindo-lhe que chefie, com Bartolomeu Bueno de Siqueira, um socorro que se organizava em benefício de Bueno e seus companheiros. A mencionada expedição não chegou a deslocar-se de S. Paulo. (Jarbas Jaime — *Esboço Histórico de Pirenópolis*, 1971, v. I, p. 63).



— O capitão-general de S. Paulo, a 24 de abril, escreve ao Rei a seguinte carta: “Sr.: Passa de três anos que o capitão Bartolomeu Bueno da Silva, por ordem minha e pela que teve de V. Majestade, foi por cabo de uma tropa ao sertão dos Guiasés, a fazer o descobrimento de ouro a que se havia oferecido, sem até aqui haver outra notícia dele mais que a que me participou o marquês de Abrantes, havendo-a por lha dar o governador do Maranhão, ao qual lha participaram cinco homens que se haviam apartado, obrigados pela necessidade em que se viam, como exasperados por não atinarem em todo aquele tempo com o que buscavam, e como depois de eu receber esta notícia chegaram doze índios fugidos, de vinte que lhe havia dado para o acompanharem, e o que dizem se ajusta com o mesmo que o marquês de Abrantes me participou, acrescentado mais que o cabo dizia que ou descobrir o que buscava ou morrer na empresa, me resolvo pelo que ouço aos melhores sertanistas de segurarem que naquele sertão não há só ouro, mas prata, a mandar socorrê-los com gente e pólvora para que possam continuar na diligência de fazer os descobrimentos, mas a salvar-lhes as vidas que estão arriscadas pela força do gentio, que é muito, e a com que se

acha o cabo não passam de setenta homens, e porque a resolução que tomei se encaminha não só a se dilatarem os domínios da coroa de V. Majestade, mas ao aumento de Sua Real Fazenda, me parece terá a Real aprovação de V. Majestade, que Deus guarde muitos anos. — São Paulo, 24 de abril de 1725. — Rodrigo César de Meneses." (Doc. Inter., v. XXXII, p. 120).



- Através de Carta-régia, de 25 de setembro, D. João V elogia as medidas do governador de S. Paulo para socorrer Bueno, mandando-lhe que o faça recolher "pois não convém que ele persista em seu descobrimento em que o seu trabalho seja infrutuoso". (Doc. Inter., v. XVIII, p. 168).



- Depois de mais de três anos de sertão, aos 21 de outubro, Bartolomeu Bueno da Silva e seu pessoal retornam a vila de S. Paulo, anunciando a descoberta das minas dos goiases.



- Rodrigo César de Meneses, em documento de 27 de outubro, leva ao Rei a notícia do regresso de Bueno: "Senhor. — Havendo dado conta à Vossa Majestade da forma em que tenho estabelecido as novas minas de Cuiabá, estando para despedir a via, chega o explorador dos descobrimentos dos Goias, Bartolomeu Bueno da Silva, que mandei no ano de 1722 àquele sertão, em o qual andou três anos e dois meses sem poder acertar com a paragem que buscava, por haver quarenta anos que tinha visto, de cujo dilatado tempo se seguiu dificultar-se o que a fantasia lhe facilitava, e sem embargo de se ver diminuído de forças, por lhe haver morrido e desertado a maior parte da gente que o acompanhava, não afromxou na diligência, porque, como valoroso, constante e leal vassalo de V. Majestade, desprezou evidentes perigos que trazia diante dos olhos, assim pela multidão de gentio bárbaro que continua-

mente se avizinhava com ele, como pela grande esterilidade que experimentava do necessário para alimentar-se, asentando consigo que não havia de aparecer perante mim sem satisfazer o de que se havia encarregado, e mais fácil seria perder a vida; e constando-me do estado em que se achava e da sua firmeza, procurei socorrê-lo, não só para dar-lhe calor à dita diligência, mas ainda para salvar-lhe a vida e aos seus companheiros, e ao mesmo tempo que me applicava com todo o fervor e cuidado para mandar-lhe o socorro, chega no dia 21 do corrente muito satisfeito por haver conseguido o que com tanto trabalho havia buscado; de cujos descobrimentos segura iguais grandezas aos de Cuiabá, com a mesma permanência e com alguma vantagem por não serem os ares tão contagiosos. E porque esta notícia tem tantas circunstâncias em utilidade do serviço de Vossa Majestade e de sua Real Fazenda, a não dilato, pondo justamente na presença de Vossa Majestade, o préstimo e a lealdade dos paulistas, que se em algum tempo se diz a não tiveram, em o do meu governo tem destruído de tal sorte aquela opinião, como acredita a obediência e a sujeição em que se acham..." (Azevedo Marques — **Província de São Paulo**, 1980, t. I, p. 112).

o0o

* — Fernando H. Mendes de Almeida, em **Ordenações Filipinas**, 2o. vol., p. 109, assim nos elucida acerca da lei mental: "À eleição de Dom João I, houve contendias sérias, em que se viu que a nobreza seguiu o partido de Castela. Então o rei Eleito despojou-a, em revide, de seus haveres e honras. Reconheceu, a par com isso, que lhe era necessária outra nobreza e se deu, efetivamente, a criá-la, começando em sua própria casa. A seu filho Henrique conferiu o título de duque de Viseu, e a Pedro o de duque de Bragança. Mais adiante instituiu, na 1a. classe de nobres, os títulos de marquês, vice-conde, conde e barão; na 2a. classe, incluiu os doutores e letrados, distribuindo largamente, ainda, os bens da Coroa, para aliciar correligionários a fim de garantir a subsistência de seu Reinado. Tão desatinada liberalidade levou logo o rei a considerar que, com os sobejos dela dificilmente lhe seria possível acudir às despesas de Estado. Foi então aos conselhos de João das Regras, e este lhe sugeriu uma lei que não fosse escrita, mas apenas sabida de

memória, a fim de, assim, não provocar discórdias, a qual contivesse um meio de fazer reverter à Coroa, o que dela saíra em razão da liberalidade acima referida. E tal meio foi o de não admitir à sucessão nos bens da Coroa senão aos filhos primogênitos do sexo masculino, legítimos, excluídos dela os filhos desde o segundogênito em diante, as mulheres, os ascendentes e os colaterais. Foi como logrou ver revertidos os bens à Coroa, quando não dispensava, de expresso, o cumprimento dessa lei que ele tinha de cor. — Em 1434, Dom Duarte publicou a Lei Mental, que, daí para frente, portanto, deixou de ser lei não escrita. Mas não se limitou a isso. Aditou-lhe um regulamento que lhe possibilitasse a execução, no qual, aliás, ampliou as restrições originárias... — A Lei Mental foi revogada em Portugal pelo Decreto de 13 de agosto de 1832.”

(Continua no próximo número)

GABINETE LITERÁRIO
GOIANO (II)

RELAÇÃO DOS LIVROS
EXISTENTES NO GABINETE
LITERÁRIO GOIANO ATÉ A
PRESENTE DATA. *

1875

Obras em portuguez

Armazem de conhecimentos uteis
nas artes e officios por F. S. Constan-
cio 1 volume

Aventuras de Tolemaco (as) 1 vo-
lume

Arco de Sant' Anna (o) pelo visconde
de Almeida Garret — 2 volumes

Almanak civil de 1865, de Laemmert

* Atendendo a solicitação de V.S.
encaminho a relação dos livros que existi-
am no Gabinete Literário Goiano publi-
cada / desde a sua fundação 1864 até
1887 pelo Correio Oficial.

Sabemos que de posse desse mate-
rial V.S. dará continuidade ao trabalho
que vem desenvolvendo, publicando-o na
Revista do Instituto Histórico e Geografi-
co de Goiás, complementando a materia
sobre o Gabinete, publicada na revista
nº 10.

O presente trabalho é uma pesqui-
sa desenvolvida pela Organização Vila-
boense de Artes e Tradições. O.V.A.T
em prol da memória cultural de nossa
cidade.

Na oportunidade, reitero protestos
de estima e consideração.

ELDER CAMARGO DE PASSOS

— 1 volume

Auxiliador da industria nacional-
relativo aos annos de 1865, 1859,
1861, 1862, 1863, 1865 — 7 volumes

Amaury — romance por Alexandre
Dumas — 1 volume

Adelina e Theodora ou Abbadia de
Saint-Clair — 4 volumes

Amanda e Oscar, ou historia da fa-
mília de Dunreath, traduzida por
A.V. de C e Souza. — 3 volumes

Amôr de salvação — romance por
Camillo C. Branco — 1 volume

Alma de justo (a) — 1 volume

Alguns fructos de leitura e de expe-
riencia-por José Silvestre Ribeiro —
2 volumes

Anna de Geierstens n8 0 1 a donzella
do nevoeiro-novella de Sir Walter
Scoll — 1 volume

Assucena d'Israel-por Anna Maria —
2 volumes

Amores de Artagnam (os) por Albert
Blaignet — 1 volume

Almanak historico de lambranças
brazileiras, por Cezar Augusto Mar-

- ques, dos annos de 1862 e 1863 — 2 volumes
- Almanak popular do Correio Mercantil do anno de 1866 — 1 volume
- Amigo das mulheres (o) romance — 1 volume
- Agricultura do Brazil — 1 volume
- Analyse sobre o projecto da lei do elemento servil — 3 volumes
- Anuario industrial — 1 volume
- Annaes da Assembléia Provincial do Ceará — 5 volumes
- Brahamanes (os) — 1 volume
- Breve notícia das madeiras do Brazil — 2 volumes
- Breve indice alphabeuco da legislação brazileira — 1 volume
- Brazil (o) na exposição da Vienna — 1 volume
- Brazil (o) em 1870-estudo postico de A. A. de Souza C. — 1 volume
- Barba-de milho por Augusto de Castro — 1 volume
- Beneficios de Crhistiamemo (os) pele Abbade Verdenal — 1 volume
- Biblia Sagrada (s). Tradução do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, publicada sob os auspicios do Eminentissimo Sr. Cardeal Patriarcha de Lisboa — 3 volumes
- Bravo (o) romance de Fenimore Cooper — 1 volume
- Bem e o mal (o) romance por Castello Branco — 1 volume
- Baixa de Mathias(a) — ordenanes do Conde dos Arcos por Luiz Alves de Azambuja Suzano — 1 volume
- Brasileiras celebres (as) por J. Norberto do S. S. — 1 volume
- Bocaneiros (os) por Paulo Duplessis — 2 volumes
- Bug Jargal — romance historico por Victor Hugo — 1 volume
- Bom negro (o) — 1 volume
- Conde de Camora (o) romance po Octavio Feuillet — 1 volume
- Carrasco d'Amsterdam (o) — 1 volume
- Curso de phlosiphia — 1 volume
- Cultura do cafézeiro e historia do mesmo — 2 volumes
- Coregraphia do Brazil pelo Dr. Joaquim Manoel de Macedo — 2 volumes
- Cultura da canna de assucar — 5 volumes
- Cabras de Cachemira e de Angora — 1 volume
- Cathecismo de agricultura — 2 volumes
- Catalogo dos productos naturaes e industria da exposição nacional de 1861. — 1 volume
- Cacáu na exposição de 1867. — 3 volumes
- Consultas da secção de guerra do conselho de estado. — 1 volume
- Compendio de desenhos geometrico — 1 volume
- Colleção das provisões do conselho supremo militar — 1 volume
- Confederação dos Tamoyos (a) poema do Dr. Domingos J. G. Magalhães — 2 volumes.
- Correspondência trocada entre o Governo Imperial do Brasil e o da Republica Argentina — 1 volume
- Carteira de meu Tio (a) pelo Dr. J. M. de Macedo — 1 volume
- Codigo commercial, por Josino — 1 volume
- Campanha do Paraguay. Descrição em forma de diario — 1 volume
- Cão d'agua (o) por Laboulaye — 1 volume
- Condessa de Charny, romance por Alexandre Dumas — 8 volumes
- Carolina, historia polaca, traduzida

- por D. Violante Vellasco — 1 volume
- Canticos de José da Silva Mendes Leal Junior — 1 volume
- Camões do Visconde Almeida Garret — 1 volume
- Collecção de Proverbios adagios, por P. Perestrella da Camara — 1 volume
- Canticos de Gonsalves Dias — 1 volume
- Corina ou a Itália, por Mme Sttel Holstem — 1 volume
- Cinco minutos a viuvinha, romance de J. M. d'Alencar — 1 volume
- Cartas selectas do P. Vieira — 1 volume
- Consneto 1a. parte por Jorge Sand — 1 volume
- Compendio de orthographia portugueza, por Julio Teixeira Cabral de Mendonça — 1 volume
- Catalogo dos productos naturaes e industriaes que figurarão na exposição nacional inaugurada na corte do Rio de Janeiro no dia 2 de Dezembro de 1860 — 1 volume
- Compendio d'escripturação mercantil por partidas dobradas e simples, composto pelo inspector da thesouraria de Minas Gerais, José Innocencio Pereira da Costa — 1 volume
- Consultas do conselho de estado, sobre os negócios ecclesiasticos — 1 volume
- Collecção das leis do Imperio, dos annos de 1827, 1828, 1820, 1836, 1837, 1839, 1841, 1842, 1843. — 9 volumes
- Collecção das leis da provincia de Goyaz, de 1871. — 1 volume
- Compendio de arithmetica, por Candido Baptista de Oliveira — 1 volume
- Consultor civil, por Carlos Antonio Cordeiro — 1 volume
- Consultor criminal, por Carlos Antonio Cordeiro — 1 volume
- Consultor Orphanologico por Carlos Antonio Cordeiro — 1 volume
- Codigo commercial do Imperio do Brasil — 1 volume
- Calor da rainha(o), memorias de um médico — 2 volumes
- Cecilia ou o vestido de noivado, romance por Alexandre Dumas — 2 volumes
- Cartas politicas de Erasmo ao Imperador — 1 volume
- Cruz nos dous mundos (a) ou a chave da sciencia, pelo padre Rossely de Lorgues — 1 volume
- Conferencias de Nossa Senhora de Pariz, pelo padre Henrigues Domingo Lacordaire — 1 volume
- Curso elementar de litteratura nacional, pelo conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro — 1 volume
- Conselhos à minha filha, por J.N. Bonelly — 1 volume
- Clotilde e Ursina, ou a virtude premiada — 1 volume
- Contos militares por Vicente Pereira — 1 volume
- Codigo do bom tom, ou regras de civilidade, por J. I. Roquette — 1 volume
- Contos fluminenses, por Machado de Assis — 1 volume
- Cavalleiros da noite (os) por Poson du Terrail — 1 volume
- Carregador de Burgos (o) por André Brasset e Julio Couvain — 1 volume
- Ciumes d'uma Rainha(os) romance, traducção de Marianno J. Cabral — 5 volumes
- Clamores d'agricultura no Brasil pelo Dr. Francisco de Paula Candido — 1 volume
- Camões e os Luziadas, por Joaquim Nabuco — 1 volume
- Codigo criminal do Imperio do Brasil, pelo Dr. João B. Pereira — 1 volume

lume

Constituinte perante a historia (a) por F. Ignacio Marcondes de Mello — 1 volume

Causas espantosas, romance por Camillo C. E. — 1 volume

Carlota Corday, por Afonso Esquiros — 1 volume

Compedio de geagri, Pompeu — 1 volume

De Caliz a Tahger e Temis, por Alexandre Dumas — 1 volume

Diccionarios francez-portuguez e vice-versa — 2 volumes

Diccionario historico e geographico, por Bueillet — 2 volumes

Diccionario historico e geographico do Brasil, traduzido pelo Dr. Caetano L. de Moura — 2 volumes

Caetano L. de Moura portuguez, por Constancio — 1 volume

Caetano L. de Moura latim, portuguez e vice-versa por Fonseca — 1 volume

Caetano L. de Moura portuguez, de Lacerda — 1 volume

Caetano L. de Moura theologico, traducção do Abbade D. Prospero — 5 volumes

Discussão de lei do elemento servil, pelos deputados e senados — 2 volumes

Descobrimento d'America — 1 volume

Decisões do governo geral, de 1.864 e 1865 — 3 volumes

Dissertações juridico pratico de Lobo — 1 volume

Delfina, de Mme Stael, tradução de D. Anna Henriqueta Fromont da Matta e Silva — 1 volume

Divindade de Jesus, por C. Castello Branco — 1 volume

Derradeiro moricano (o) por Feni-

more Cooper — 4 volumes

Discursões parlamentares de J. M. Pereira da Silva — 1 volume

Dama de Monsorean (a) por A. Dumas — 3 volumes

Deus dispõe, por A. Dumas — 2 volumes

Doze proposições sobre a legitimidade da verdadeira tolerancia dos cultos, por Ephraim — 1 volume

Diva um perfil de mulher, romance, por G.M. (em duplicata) — 2 volumes

Diabo a quatro — 1 volume

Dous cadaveres (os) traducção de Francisco Maria Gomes de Souza — 1 volume

Eva, refutação do Homem — mulher — 1 volume

Exposição sobre a largura das estradas de ferro do futuro — 1 volume

Estudo sobre o melhoramento do porto de Pernambuco — 4 volumes

Estudo botanico dos vegetais seculares — 2 volumes

Ensaio sobre a regeneração das raças cavalhares — 1 volume

Eurico (o Presbitero) por Alexandre Herculano — 1 volume

Educação das mães de familias, traducção do bacharel Joaquim Maria da Silva — 2 volumes

Espião prussiano (o) romance por V. Valmont — 1 volume

Elisa-ou o modêlo da piedade filial — 1 volume

Estrellas funestas — romance por C. Castello Branco — 1 volume

Propicias — romance de C. Castello Branco — 1 volume

Estrella do norte — periodico religioso, publicado na capital do Pará — 2 volumes

Ermitão do Muquem (o) ou historia da fundação da romaria do Muquem

- na provincia de Goyaz, por Bernardo Guimarães — 1 volume
- Ensaio critico sobre a viagem ao Brazil em 1852 — de Carlos B. Mansfield — por A. D. Pascual (só existe o 1º vol.) — 1 volume
- Elementos de algebra — por C. Benedicto Ottom — 1 volume
- Elementos d'arithmetica — por C. Benedito Ottom — 1 volume
- Elemento servil Parecer da commissão especial apresentado a Camara dos Deputados em sessão de 30 de junho de 1871 — 1 volume
- Emma ou a filha do desgosto — 2 volumes
- Espumas fluctuantes — poesias de Castro Alves — 1 volume
- Ensaio sobre o direito administrativo — pelo Visconde de Uruguay — 1 volume.
- Espirito da Biblia ou moral universal christam, tirado do antigo e novo testamento, traduzido do hespanhol por Luiz Gonsalves dos Santos — 1 volume
- Esboços biographicos, por Homem de Mello, 1ª parte de Maio de julho — 3 volumes
- Expositor popular do systema metrico — 1 volume
- Filhos do Capitão Grant — 3 volumes
- Falhas do throno — de 1823 — 1872 — 1 volume
- Frade (o) romance — 1 volume
- Freira (A) romance — 1 volume
- Filho do pescador (o) romance brasileiro original por A. G. Teixeira Souza — 1 volume
- Família dos Borgias (a) por A. Dumas — 1 volume
- Filha do Arecediago (a) por C. C. Branco — 1 volume
- Flores e fructos, poesias de Bruno Seabra — 1 volume
- Flores entre espinhos, contos poeticos, por J. Norberto dos SS. — 1 volume
- Familia ingleza, (ama) por Julio Diniz — 1 volume
- Flos Sanctorum — 2 volumes
- Fonte de Santa Catharina (a) — 2 volumes
- Filha do homicida (a) por Xavier de Montepin — 1 volume
- Forasteiro (o) romance do Dr. J. Manoel de Macedo — 1 volume
- Favos e travos, romance por Rozendo Muniz — 1 volume
- Genio do Christianismo (o) por Chateaubriand — 2 volumes
- Gaicho (o), romance por Senio — 2 volumes
- Guia do deserto (o) por Paulo Duplessis — 1 volume
- Guarany (o), romance brasileiro, por J. M. d'Alencar — 2 volumes
- Garcia de Rezende Excerptos seguidos d'uma noticia sobre sua vida e obra, um Juizo critico, apreciações bellezas e defeitos e estudos da lingua — por Antonio Feliciano de Castilho — 1 volume
- Garimpeiro (o) romance do Dr. Bernardo Guimarães — 1 volume
- Grammatica latina — pelo Dr. Castro Lopes — 1 volume
- Portugueza — por Sotéro dos Reis — 1 volume
- Franceza — por Burgain (novo methodo) — feita o 2º vol. — 1 volume
- Guerra do Paraguay — pelo Tenente C.C. Jourdam (em duplicata) — 2 volumes
- Guia do ensino gymnastico — 1 volume
- Homem — mulher — 1 volume
- Historia do Brazil — por Pinheiro — 1 volume

- Historia desde seu descobrimento em 1500 até 1810 — 1 volume
 Historia por Roberto Southey — 1 volume
 História da fundação do imperio brasileiro — por Pereira da Silva — 1 volume
 Historia Universal — por C. Cantú — 6 volumes
 Historia da Bastilha — por J. Liberato Freire de Carvalho — 1 volume
 Historia dos Stuarts — por A. Dumas — 2 volumes
 Historia Napoleão Bonaparte — pelo Dr. Caetano Lopes de Moura — 2 volumes
 Historia d'America Septentrional Meridional — 1 volume
 Historia da Rendição de Uruguayana e da Ilha Carvalho, acompanhada das respectivas gravuras — 2 volumes
 Historia do descobrimento d'America — 1 volume
 Historia Geral do Paraguay — desde a sua descoberta até nossos dias.
 Historia Da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal, por Roberto Herculano — 2 volumes
 Historia da guerra do Brazil contra as Repças do Uruguay e Paraguay — 4 volumes
 Historia Sagrada por J. I. Roquette — 2 volumes
 Historia d'Elrei D. João VI, por L. L. — 1 volume
 Historia d'Um crime celebre, por Emilio Gaborian — 2 volumes
 Historia para gente alegre, por L. Guimarães Junior — 1 volume
 Historico da Companhia Industrial da estrada de Mangaratiba, por S. F. Soares — 1 volume
 Harmonias da criação ou considerações sobre as maravilhas natureza, pelo D. Lopes de Moura — 1 volume
 Hand' Islantia, R. por Victor Hugo — 3 volumes
 Homem Que Ritto — 2 volumes
 Instrucção publica, por Hipeant — 1 volume
 Ivanhoe, R. por Sir Walter Scott (em duplicata) — 4 volumes
 Inças (os) ou a destroição do imperio do Perú, por Marmontel — 2 volumes
 Iracema, romance, por J. d'Alencar — 1 volume
 Illusão, Experiencia e Desengano, maxims e pensamentos — 1 volume
 Imperio do Brazil (o) considerado em suas redações politicas — 1 volume
 Inquisição e o Rei (a) romance historico por D. Florencio L. Parreno — 2 volumes
 Investigações historicas e scientificas sobre o museu imperial e nacional do Rio de Janeiro, pelo Dr. Laillau Netto — 1 volume
 Importação dos trabalhadores chins — 3 volumes
 Tnnocencia, romance — 1 volume
 Indicador da legislação militar — 4 volumes
 Informações do P. D. G. Paes Lemes, sobre uma memoria do Dr. Fryer — 2 volumes
 Judia no Vaticano — 4 volumes
 Jogada morte (o), por Paulo Feval — 1 volume
 Jesuitas (os) historia secreta da fundação desta ordem, por D. A. Raiol — 1 volume
 Joana de Napoles, por Gentilhome — 1 volume
 Judea de Verona (o) romance historico pelo P'Antonio Brisciani — 2 volumes
 Jornal das Familias, diversos annos — 111 volumes

- Juleu Erante (o) por É. Sue — 7 volumes
- Joaquim Dich, R. por P. Duplessis — 1 volume
- José Balsamo (memoria d'um medico) — 3 volumes
- Livraria romantica (falta o 2º vol.) — 5 volumes
- Lições elementares de poetica nacional — por Francisco de Carvalho — 1 volume
- Livro indispensavel (o) ou novissima collecção de receitas concernentes às artes, officios &, pelo Dr. Caetano Lopes Modra — 1 volume
- Livro negro do Padre Diniz — romance em continuação aos mysterios de Lisbôa, por C. C. Branco — 1 volume
- Lelia — por George Sand (romance) — 2 volumes
- Luneta magica (a) pelo Dr. J. M. de Macedo — 2 volumes
- Luz (a) jornal litterario e instructivo (uma collecção) — 1 volume
- Lendas e romances — por Bernardo Guimarães — 1 volume
- Luciola — um perfil de mulher — 1 volume
- Loba (a) romance por Paulo Fivel — 1 volume
- Lusiadas de Camões (os) — 1 volume
- Lyrical Nacional — collecção de poesias de poetas brasileiros — 1 volume
- Livro do Povo (a) pelo bacharel Antonio Marques Rodrigues — 1 volume
- Louco de Pelveux — romance — 2 volumes
- Maldito (a) — 1 volume
- Mappa geographico do Brasil — pelo Dr. Candido Mendes — 1 volume
- Manuel Mercantil — por D. H. dos Santos Carvalho — 1 volume
- Methodo d' escripturação mercantil por partidas simples e dobradas — 1 volume
- Methodo facil de escripturar os livros por partidos simples e dobradas, por Mr. Edmond de Granges — 1 volume
- Martyres (os) ou tryampho dareligião chistan — poema — 1 volume
- Morte Moral (a) novella por A. D. Pascual — 4 volumes
- Misanthropo (o) por Walter Scott — 1 volume
- Mysterios de Pariz, por Eugenio Sue — 2 volumes
- Monge de Cister (a) por A. Hereulano — 2 volumes
- Memorias do sobrinho de meu tio, pelo Dr. Joaquim Manoel do Macedo — 2 volumes
- Moça perfeita (a) tratado e artigos collegidos e tradusidos para educação das moças, pelo Dr. Felipe Nery Collaçõ — 2 volumes
- Minas de prata (as) romance de J. d'Alencar — 3 volumes
- Motins politicos ou historia dos principnes acontecimentos politicos do Pará desde 1821 até 1835, por Domingos Antonio Raiol — 1 volume
- Memoria sobre a sericultura no imperio do Brasil, por José Pereira Tavares — 1 volume
- Manifesto politico — Apontamentos da vida politica dos Drs. Antonio Borges da Fonseca e Urbano Sabino Pessôa de Mello — 1 volume
- Manuel da cultura, colheita e preparação do tabaco — 1 volume
- Manuel do agricultor — 1 volume
- Manuel do aprendiz artilheiro — 1 volume
- Mappa do Brazil — 1 volume
- Mappa da proviacia do Piauhy — 1 volume
- Mappa do Paraguay — 1 volume
- Mappa historico da guerra do Paraguay (em duplicata) — 17 volumes

- Monographia do algodoeiro, pelo Dr. Frederico L. C. Burlamaque — 1 volume
- Marco Tullio, ou agente dos Jesuitas, romance historico original por Alfredo P. Hogan — 1 volume
- Memorias do coração, pelo mesmo — 1 volume
- Moço Loiro (o) romance pelo Dr. Joaquim Manoel de Macedo — 2 volumes
- Monsieur Dapont romance, por Paulo de Koch — 4 volumes
- Mulheres de Mantilhas (as) pelo Dr. Macedo, romance historico — 1 volume
- Modélos para os meniso — 1 volume
- Miseraveis d'aristocracia (os) romance social contemporaneo por A. Varella — 2 volumes
- Magico appoente ou revelação dos segredos dos pelotiqueiros — 1 volume
- Miseravies (os) de Victor Hugo — 5 volumes
- Memorias de marquez de S. Cruz, Arcebispo da Bahia — 1 volume
- Mocidade de Henrique IV, romance historico, pelo Visconde Ponson du Terrail — 4 volumes
- Mulher, o marido e o amante (a) por Paulo de Koch — 2 volumes
- Mysterios de Londres (os) por Sir Francis Trollope, traduc. J. Liberto F. da Cunha — 3 volumes
- Mocidade de D. João V. (a) romance historico por A. Rebello da Silva (em duplicata) — 3 volumes
- Mysterios de Lisboa, por C. B. — 1 volume
- Mez Marianno, extrahido d'uma obra do Padre Manoel Bernades dedicado a Maria SS. e seguido do mez de S. José — 1 volume
- Maria Santissima, a Heroína por excellencia, ou novo mez Marianno, pelo conego M. C. Honorato — 1 volume
- Manifesto do centro liberal — 1 volume
- Marilia de Dirceu, porsias — 1 volume
- Notas diplomáticas com o enviado argentino — 1 volume
- Notas sobre o rio Purús (um dos afhdentes do Amazonas) — 1 volume
- Notas estaticas sobre o producção agricola e ceresia dos generos alimenticios no Brasil, por Sebastião Ferreira Soares — 1 volume
- Navegação do interior do Brasil, por Eduardo José de Moraes — 1 volume
- Nova Heloisa (a) ou cartas de dous amantes (falta o 1 volume) 3 volumes
- Novo dictionario portatil das linguas portugueza e ingleza — 1 volume
- Novo mundo, periodico illustrado — 1 volume
- Novo secretariado portuguez on codigo epistolar, por José Ignacio Roquetie — 1 volume
- Neta do Arcediago (a) romance, por C. C. Branco — 1 volume
- Nebulosa (a) poesia do Dr. J. M. Macedo — 1 volume
- Noções sobre systema metrico decimal, por João Bernardo de Azevedo Coimbra — 1 volume
- Natachez (os) historia Americana pelo Visconde de Chateaubriand — 1 volume
- Nina romance pelo Dr. Macedo — 2 volumes
- Noites da casa dourada, ou episodios do tempo da regencia. O anjo do povo — 1 volume
- Namoradeira (a) romance do Dr. Macedo — 3 volumes

- Officios do conselheiro Galvão sobre as estradas de bitola estreita — 1 volume
- Obras completas do Dr. D. J. G. de Magalhães — 9 volumes
- Obras de J. Francisco de Lisboa — 4 volumes
- Obras completas do C. d'Abren — 1 volume
- O que fazem as mulheres? romance philosophico por C. C. Branco — 1 volume
- Operarios do mar (os) por Victor Hugo — 1 volume
- Origem das guerras entre a França e Allemanha — 1 volume
- Olho de Lyuce (o) por Luiz Noer. — 1 volume
- Piloto (o) por Cooper — 4 volumes
- Poesia de America Elysio (José Bonifacil de Andrade e Silva) — 1 volume
- Poesias de Alexandre Herentano — 1 volume
- Parnaso brasileiro, ou collecção das melhores poesias de poetas brasileiros — 1 volume
- Pariz a Cadiz (de) por Alexandre Dumas — 3 volumes
- Puritanos d'America (os) romance americano — 4 volumes
- Pata da Gazella (a) por Senio — 1 volume
- Partido liberal, seu problema e futuro — 1 volume
- Palacio de Niorres, por Capendu — 5 volumes
- Procesio do 1º mertyr da liberdade brasileira, Joaquim José Xavier, por antoasmasin o Tiradentes — 1 volume
- Prisão d'Edimburgo (a) por Walter Scott — 4 volumes
- Poesias completas de Bernardo Guimarães (Dr.) — 1 volume
- Pagem de Luiz 14 (o) romance por Pouson du Terrail — 2 volumes
- Paulo e o seu cão, romance por Paulo de Kock — 2 volumes
- Paraizo perdido, epopéa de João Milton — 2 volumes
- Passado (o) o presente e o futuro da republica por A. de Lamartine — 1 volume
- Poder da vontade (o) ou caracter, comportamento e perseverança, por Samuel Similes — 1 volume
- Provincia (a) estudo sobre a descentralisação do Brasil, por Tavares Bistos (conselheiro) — 1 volume
- Plantas toxicas do Brasil — 1 volume
- Pareceres do Conselho d'Estado sobre o elemento servil — 4 volumes
- Parecer da camara dos deputados sobre o mesmo — 4 volumes
- Pastoral do bispo do Rio de Janeiro — 6 volumes
- Questão religiosa — 1 volume
- Quem fez o mal que o pague — 1 volume
- Revista do instituto historico, geografico e ethenographico do Brasil, dos annos de 1839, 1840, 1842, 1843, 1844, 1845, 1846, 1847, 1848, 1849, 1850, 1851, 1852, 1853, 1854, 1855, 1856, 1857, 1859, 1860, 1861, 1864, 1865, 1866, 1867, 1868, 1869, 1870, 1871, 1872 — 30 volumes
- Recreações do homem sensivel ou collecção de exemplos verdadeiros e patheticos — 5 volumes
- Romance d'uma senhora, novella por E. Sue — 2 volumes
- Rei dos gageiros (o) por E. Capendu — 4 volumes
- Revista polythehnica, periodico mensal sobre a agricultura tropical e européa, criação de gado, industria, arte &, dos mezes de Outubro e De-

zembro de 1853 (em broch.) — 1 volume
 Relatorio geral da exposiçãõ nacional de 1864, na corte do Rio de Janeiro (broch) — 1 volume
 Relatorio do ministerio do imperio 2 de 1871 e 72 — 2 volumes
 Relatorio do ministerio da Guerra 2 de 1871 e 72 — 1 volume
 Relatorio do presidente desta provincia, do anno de 1872 — 1 volume
 Retiro d'um rei exilado, esboço historico e biographico (broch.) — 1 volume
 Rapazinho Pequillo Alliaga (o) por Eugenio Scrib — 5 volumes
 Rico e pobre (a) por Emilio Souvestre — 1 volume
 Ressurreiçãõ, romance por Machado d'Assis — 1 volume
 Revelações, poesias de A. Emilio Zalar — 1 volume
 Regulamento consular portuguez mandado executar pelo decreto de 26 de Novembro de 1851 — 1 volume
 Rainha das trincheiras (a) romance historico (continuaçãõ da Mocidade de Henrique 4 — rei da França — 1 volume
 Rio do Quarto romance do Dr. M. J. Manoel de Macedo — 1 volume
 Rozi, romance do mesmo — 2 volumes
 Reatorio da directoria geral d'estatistica — 1 volume
 Regulamento da lei do elemento servil — 6 volumes
 Resumo da historia moderna — 1 volume
 Relatorio do que he preciso para um estabelecimento agricola — 1 volume
 Relatorio sobre as colonias de S. Paulo, Blumensau e outras — 4 vo-

lumes
 Relatorio da exploraçãõ do rio S. Francisco — 1 volume
 Relatorio da exposiçãõ de 1861 e da de 1865 — 4 volumes
 Relatorio sobre o abastecimento d'água no rio de Janeiro — 4 volumes
 Sabios illustres (os) — 1 volume
 Scenas de viagem, por Dr. Alfredo E. Taunay — 16 volumes
 Suminario dos factos mais notaveis da clinica cirurgica — 1 volume
 Scenas e phantasias de nossos tempos, por A. P. Lopes Mendonça — 1 volume
 Stma ou a jovem Turca — 1 volume
 Sciencias dos costumes, ou etica resumida accommadada á cápacidade de todos e util á todo o estado de pessoas — 1 volume
 Serões de provincia, por Julio Diniz — 1 volume
 Salecta brasiliense ou noticias, por J. M. P. de Vasconcellos — 1 volume
 Synopsis de eloqencia e poetica nacional, por Manoel da Costa Honorato — 1 volume.
 Sombras e luz, romance do reinado de D. Manoel, por Bernardino Pinheiro — 1 volume
 Sagrado caminho da cruz (o) por Anna Barbosa de Lossio e Seibiltz — 1 volume
 Solitario (o) pelo Visconde s'Arincourt, — 2 volumes
 Supremacia da raça latina — 1 volume
 Salamandra (a) romance maritimo por E Sue — 3 volumes
 Seminarista (o) romance pelo Dr. Bernardo Guimarães — 1 volume
 Segredo d'um medico — 1 volume
 Systema representativo por J. d'Alençar — 1 volume

Sete peccados mortaes (os) por E. Sue
 — 7 volumes
 Senhora de preto (a) contos para a
 mocidade, por Pedro Carolino Duarte
 — 1 volume
 Traducções de Guimarães, poesias —
 1 volume
 Thereza Dunuyer, novella por E. Sue
 — 1 volume
 Talisman (o) ou Ricardo na Palistina
 por Sir Walter Scott — 3 volumes
 Tratado da fabricação do assucar
 (broch) — 4 volumes
 These do Dr. em medicina Joviano
 R. de Moraes Jardim — 1 volume
 Tres mosqueteiros (os) por A.
 Dumas — 2 volumes
 Trapeiros (os) romance, chronica do
 seculo 19 — 1 volume
 Thrsouro fatal — 1 volume
 Til, romance — 4 volumes
 Tronco de Ipê (o) — 2 volumes
 Torre velha — 4 volumes
 Tratado dos prefixos da lingua latina
 e sua synonymia, complião e tradu-
 ção — 1 volume
 Tambor da 32 brigada — 7 volumes
 Um homem de brios — 1 volume
 Ultima marqueza — 1 volume
 Um noivo para 2 noivas, romance —
 3 volumes
 Util cultirador instruido em tedo o
 manejo rural e scommodadoa qual-
 quer clima — volume
 Ultimo rei memorias d'um medico
 — 3 volumes
 Varões illustres — 2 volumes
 Viagens a minha terra — 2 volumes
 Viagem ao redor do mundo 1
 volume
 Viagem ao centro da terra — 1 vo-
 lume
 Vigario de Wakcfield (o) romance —
 2 volumes
 Variedades hiterarias — 2 volumes

Virgem da Polonia (a) — 1 volume
 Vicentina romance brasileiro — 3 vo-
 lumes
 Victimias algozes (a) quadro da esca-
 vidão — 2 volumes
 Vinte annos depois — 5 volumes
 Viagem ao rio Araguaya — 1 volume

Obras em lingua estrangeira.

Agriculture (ia)etida populationen
 1855 e 1856 — 1 volume
 Algébre elementaire, a l'usage des
 classes de lettrs — 1 volume
 Anneé scientitique (10) at indus-
 trielle par Louiz Figuier quinzie-
 meannéa 1870 1871 — 1 volume
 Brésil (de) contemporain — 1 volume
 Cours d'études par la secion des let-
 tres histoire id moyen âge - 1 vol.
 Cours de histoire moderne, — 1 volu-
 me
 Cours de philosophie — 2 volumes
 Cours elementaire de rhetorique et
 d'eloquence a l'usage des seminures
 et des colleges — 2 volumes
 Cours d'ecsnomie politique — 4 vo-
 lumes
 Contes noeturnes de Holfman, tradu-
 çion novella — 1 volume
 Contemplation scienufique — 1 volu-
 me
 Canserie de dundi — 1 volume
 Des moyens de gouvernement et d'
 opposition — 1 volume
 Dictionnaire universel d'histoire et
 de geographie — 2 volumes
 Diccionario critico burlesco delque se
 telula diccionario rosonado manual
 por inteligencia de ciertos escriptores
 — 1 volume
 Drameset Fantaistes, por Henri Hein
 — 1 volume
 Della philosophie de la nature, ou
 traite de morule pour le genre hu-

mam — 2 volumes

Dictionnaire universel de la langue française avec le latin et l'étymologie, extrait comparatif; concordance et critique de tous les dictionnaires — 1 volume

De l'esprit des lois, par Montesquieu (falta o 1o. vol.) — 3 volumes
Expedition dans parties centrales de l'Amérique du sud, sous la direction de Francis de Castelnau — 6 volumes
Eutropei breviarium, historid romand — 1 volume

Elements de mineralogie et de geographie, par A. Leymerie — 1 volume
Encyclopedie moderne — dictionnaire abrégé des sciences, des lettres, des arts, de l'agriculture et du commerce — 30 volumes

E methodique ou par ordre de matière. — 8 volumes

Elements d'arithmetique, par Guillemia — 1 volume

Economie rurale, considerée dans ses rapports, avec la chimie, la physique et la météorologie, par J. B. Bonisngault — 2 volumes

Historie universelle — 12 volumes

Historie des peuples de l'antiquité, par les Bas — 1 volume

Historie de moyen age — 1 volume

Historie moderne — 2 volumes

Historie romaine — 1 volume

Historie de la revolution française, par, Mr. Thiers. — 8 volumes

Historie des Gerondina, par Lamartins — 4 volumes

Historie comparée des systemes de philosophie considerée relative aux principes des connaissances humaines, par M. Degerand. — 4 volumes

Hygiene complete des cheveux et de la barbe par A. Dabay — 1 volume

Histoire litteraire française et étrangere, par Garault de Sanit-Tarjeau —

1 volume

Histoire de la vie et des écrits de Lord. Byron par Armand Mendot. — 1 volume

Hystory Greciee — Dr. Goldsmeth's — 1 (volume) Louis 14o. et son siècle — 12 volumes

Juif errant (le par Eugène Sue) — 6 volumes

La vie future sentant la foi et suivant la raison, par Th. Henri Martin — 1 volume

La plante et vie, leçons populaires de botanique, à l'usage des gens du monde, par M. L. Dr. J. S. Chleixden — 1 volume

Las ruinas ó meditation sobre las revoluciones de los imperios, par C. F. Wolney — 1 volume

Memores du cardinal Dubois — 5 volumes

Magnum Lexicon — 1 volume

Mohican de Pariz (les) par A. Dumas — 10 volumes

Memoires d'un médecin — Conte de Chanuy — 16 volumes

Manuel des Peuples, par D. Leri Alvares — 1 volume

Memors de Fleury de la comédie Française

Manuscrit de ma mère (le) par Lamartine — 1 volume

O Envres de Homère, avec des remarques précédées de reflexion Sur la Traduction des poëtes, par P. J. Beaubé — 2 volumes

Ceuvres Completes d'Alexis Piron — 2 volumes

Practical an Scientific treatise — 1 volume

Precis de l'histoire de la France de l'histoire des Etats Unis d'Amérique par Peled de la Lozère — 1 volume

Paul et Virginie, par Bernardin de Saint Pierre — 1 volume

Retraite de Lagune, par Mr. Taunay
 — 2 volumes
 Revue de denx mondes de 1872 — 24
 volumes
 Traité de la science de Dieu — 1 vo-
 lume
 The poetical Worhs of Lord Byron —
 1 volume
 Theorie de l'économie politique — 2
 volumes
 Rachel et la tragedie, par J. Janin —
 1 volume
 Voyage á Madagascar — 2 volumes
 Itineraire de Paris à Jerusalem, par
 Chateaubriand — 1 volume

Peças Theatraes

Mulheres de Marmore
 Judas em Sabbado d'Alleluia
 Meninas de meus olhos
 Segredo do Tio Vicente Carrasco d'
 Amsterdam
 O Sineiro de S. Paulo
 Trinta annos ou a vida d'um jogador
 Cynismo septicismo e crença
 O Louco d'Evora
 Gill Braz de Santilhana
 Fri Luiz de Souza
 O Mestre Francisco
 O Mestre Igreja
 Os dous Renegados
 O homem das Cautelas
 O primo da California
 O caixeiro da Taverna
 Quem casa quer casa
 Emilia ou o orgulho
 O que é o mundo
 Justiça
 O médico á força
 Scenas de familia
 Nova Castro
 Demonio familiar
 Supplicio de uma mulher
 O Phantasma branco

A Torre em concurso
 Lusbella
 Estalagem da Virgem
 Os desejos de minha mulher
 Misanthopia e arrependimento
 Um quadro da vida
 Quem portia meta caça
 Por causa de meia pataca
 O crime ou 20 annos de remorsos
 A torre do corvo
 O morgado de, Fafa em Lisbôa
 Fernando
 O consorcio de Lucrecia
 Ass azas d'um Anjo
 29, Honra e gloria
 A Harpa de Deus
 Mãi-Drama
 Morgadinha do Val d'amor, e Entre a
 flauta e a vidad
 Um conto ao serão
 Verso e reverso
 Gabinete Literario Goyano em 12 de
 Abril de 1874.

Relação dos livros novamente
 adquiridos para o Gabinete
 Literário Goyano.

OBRAS EM PORTUGUEZ.

Obras scientificas, litterarias
 e religiosas.

Algebra de Belegarde — 1 volume
 Amor, Mulheres — 1 volume
 Analyse das aguas mineraes de Bae-
 pendy e campanha — 1 volume
 Assembléas provinciaes — 1 volume
 Atala — 1 volume
 Brazil-Reino — 1 volume
 Casamento civil — 1 volume
 Defensor da religião — 1 volume
 Directorio — 1 volume
 Direito administrativo — 1 volume
 Direitos de familia — 1 volume

- Direito Publico — 1 volume
 Divorcio — 1 volume
 Economia politica — 1 volume
 Formulario do processo do conselho de disciplina da Guarda Nacional — 1 volume
 Geographia do Balbi — 2 volumes
 Geometria de Balbi — 1 volume
 Geometria de Ottoni — 1 volume
 Guerra dos Hollandezes por Vavishagen — 1 volume
 Guia medica — 1 volume
 Historia antiga — 1 volume
 — constitucional do Brasil — 1 volume
 — contemporaneo — 1 volume
 Historia ecclesiastica — 1 volume
 — natural dos 3 reinos da natureza — 1 volume
 — sagrada pittoresco — 4 volumes
 do Brazil, por Macedo — 1 volume
 — da creação do mundo em 7 dias — 1 volume
 — Historia da idade média — 2 volumes
 — da revolução franceza de 1848 — 2 volumes
 Idealismo — 1 volume
 Infalibilidade do papa, por Segur — 1 volume
 Jerusalem por Pinto de Campos — 1 volume
 Jesus amigo dos meninos — 1 volume
 Muzeu pittoresco — 1 volume
 Nossa casa terrestre — 1 volume
 Opusculos — de Hanvultando — 1 volume
 Um passeio na C. do R. de J. — 2 volumes
 Physionomista — 2 volumes
 Porque somos catholicos — 1 volume
 Primeiros socorros — 1 volume
 Reforma eleitoral — 1 volume
 Regencia de Luis XV — 4 volumes
 Tentativa de Ponlificidio — 1 volume
 Thezouro Litterario — 1 volume
 Viagem a Jerusalem — 1 volume
 Obras sobre educação e linguas
 Adolescente educado na bondade, sciencia e industria — 3 volumes
 Analyse gramatical, por Cyrillo — 1 volume
 Apontamentos grammaticaes, por Medosi — 1 volume
 Arte de agradar na conversação — 1 volume
 Pedagogia — 1 volume
 Conselhos a minha filha — 1 volume
 Diccionario inglez de Vieira — 2 volumes
 Educação dos meninos — 1 volume
 Ensino infantil — 1 volume
 Erros e preconceitos da educação physica — 1 volume
 Grammatica franceza de Seveno — 2 volumes
 — idem, por Burgain — 2 volumes
 Gramatica ingleza — 1 volume
 — nacional, por Aulete — 1 volume
 — portugueza, por D. Cruz — 1 volume
 Historia de um bocado de pão — 1 volume
 Instrução (Por Barros Methodo de dansa de sociedade) — 1 volume
 Mundo animado — 1 volume
 Novo methodo umemotechesico da lingua franceza — 1 volume
 Plutarcho da mocidade — 1 volume
 Preceitos da vida humana, por Cayrú — 1 volume
 Thesouro de meninos, por Blanchard — 1 volume
 Obras sobre indústria e comercio.
 Auxiliador da industria nacional — 5 volumes

Bom lavrador — 1 volume
A canna d'assucar — 1 volume
Chimica agricola — 1 volume
Encyclopedia industrial — 1 volume
Estado da lavoura — 1 volume
Informações dos agentes diplomáticos e consulares do Imperio — 1 volume
Memorias sobre o cafezeiro — 2 volumes
Projecto abastecimento de agua no Rio de Janeiro — 1 volume
Manual do negociante — 1 volume

Romances.

Amor e melancholia — 1 volume
Allas de Delamarche — 1 volume
Bigamo — 2 volumes
A casa do Saltimbanco — 1 volume
As Catacumbas de Paris — 2 volumes
Centro da terra — 1 volume
Cinco Semanas — 1 volume
Conde de Monte Chisto — 4 volumes
Condessa — 1 volume
Condessa de Nancy — 1 volume
Os companheiros de Jebú — 2 volumes
A corda na garganta — 2 volumes
Dacolard e Lubin — 1 volume
Desmoronamento — 5 volumes
Cavalleiros de punhal — 2 volumes
Dramas da aldeia — 1 volume
Dramas de Londres — 6 volumes
Emma Smid — 1 volume
Ermittão do Moquem — 1 volume
Esqueleto — por C. Branco — 1 volume
Doutor Judahsor — 1 volume
Os filhos familias — 3 volumes
Filha de cabinda — 1 volume
As gemeas de Machecoul — 4 volumes
Hercules Valentes — 1 volume
O Indio Affonso — 1 volume

Ferreiro d'abbadia — 1 volume
Martha — 1 volume
Mascaras vermelhas, por P. du Ferail — 3 volumes
Kascara vermelha — 1 volume
O Mateiro — 3 volumes
O Matricida — 1 volume
Memorias d'um doido — 1 volume
Memorias — de P. Kock — 1 volume
Ministros, padres e reis — 1 volume
Mysterios da policia e das prisões — 2 volumes
Mohicanos de Pariz — 15 volumes
A mulher adultera — 4 volumes
Mulher de fogo — 1 volume
Pacto de sangue — 1 volume
Quarenta e cinco — 5 volumes
Robinson Crusoe — 2 volumes
Rei do mundo, ou o dinheiro e sua influencia — 3 volumes
Sophia Printempo — 3 volumes
San — Felice — 3 volumes
Sonhos de oiro — 2 volumes
O Sobrevivendo — 2 volumes
As Tardes d'um Pintor — 3 volumes
Virtude de Rosina — 1 volume
Vingar Regenerando — 1 volume
Vida infernal — 3 volumes
Vinte annos depois — 5 volumes
Visconde de Bragelonne — 8 volumes

Poesias, peças theatraes e variedades

Archivo illustrado da Bahia 6 n. Clara Harlow — 1 volume
Conto ao serão, comedia — 1 volume
Curiosidades — 1 volume
Diabo atrás da porta, comedia — 1 volume
Dois serralheiros — 1 volume
Dente do siso — 1 volume
Hypolito, tragedia — 1 volume
Illustração luso-brasileira — 3 volumes

Jornal das familias — 2 volumes
 Lusíadas de Camões — 1 volume
 Lucrecia, tragedia — 1 volume
 Mariquinhas, comedia — 1 volume
 Maximas do Marquez de Maricá — 5 volumes
 Novo Mundo — 2 e 12 n
 Obras de Bocage — 6 volumes
 Obras — de Azevedo — 3 volumes
 Por causa de uma mulher, comedia — 1 volume
 Regulamento — 2 volumes
 Relatorios — 17 volumes
 Simplicidade e esperteza comedia — 1 volume
 Triste fado, idem — 1 volume
 Viagem ao Araguaya — 1 volume
 Fallas dirigidas às Assembleas Provincias — 2 volumes

Obras em lingua estrangeira

Art de mediter — 1 volume
 Art de vivre cent ans — 1 volume
 Ce qu' on voit et ce qu' on ne voit pas — 1 volume
 Critique de la raison — 2 volumes
 Le credit et les Banques — 1 volume
 Devellopement des nations — 1 volume
 Erreurs et prejuges — 1 volume
 Elements d'arithmetique — 1 volume
 Finances — 1 volume
 Lendemain de mort — 1 volume
 Liberté de conscience — 1 volume
 Oceani nouvelle — 1 volume
 Oeuvres de Virgile — 1 volume
 Du Vrai, du Beaut et du Bien — 1 volume
 Phisique du Globe — 2 volumes
 Philosophie de L'histoire — 1 volume
 Premiers essais de philosophie — 1 volume
 Religion de la santé — 1 volume
 Science de religion — 1 volume

Systeme financier de la France — 1 volume

Rhetorique de Blair — 2 volumes
 Historia Patria — 1 volume
 — Poesias Selectas — 1 volume
 Rocambole — 6 volumes
 O Euvres de Voltaire — 46 volumes
 Chefs d' oeuvres — 1 volume
 Histoire de la philosophie de Laurent — 1 volume
 Budget du Brezil — 3 volumes
 Revue des deux mondes Dogma-Segur — 1 volume

Relação das obras que não foram inccathalogo que sahim imorassa no Correi de 20 e 27 de Janeiro de 1875.

Algodoeiro — 1 volume
 Astronomie du jeuns age — 10 volumes
 Cultura do café — 1 volume
 Cours d'histoire antique — 1 volume
 Cours d'histoire por Guizot — 1 volume
 Dialogo de Frei Amador de Arraiz — 1 volume
 Diccionario ingles — 2 volumes
 Eloquencia — 1 volume
 Gil Braz de Santilhana — 4 volumes
 Historia da Bastilha — 2 volumes
 Historia do Brazil, por um portuguez — 10 volumes
 João — 4 volumes
 Lendas e narrativas, por Alex. Herc. — 2 volumes
 Leões do mar — 2 volumes
 Morgadinha dos canaviaes — 1 volume
 Moral — 1 volume
 Messe — 1 volume
 Memorias do diabo — 8 volumes

Noticia sobre o guaraná — 2 volumes
Puritanos, por Scott — 4 volumes
Poesias de Castro Alves — 1 volume
Psychologie, por Damiron — 1 volume
Recordações da vida parlamentar — 2 volumes
Reforma do estado servil — 1 volume
Phystologie, por Bourdach — 9 volumes
Physique, por Ganot — 1 volume
Raphael — 2 volumes
Quatro pontos cardeaes — 1 volume
Precis de l'histoire de la France — 1 volume

Obras incluídas no cathalogo
com inexactmero de volume.

Biblioteca romantica, — 6 volumes
Collecção das leis do imperio — 10 volumes
Camões os Luziadas — 2 volumes
Carrasco — 2 volumes
Corographia do Brazil — 4 volumes
Confederação dos Tamoyos — 1 volume
Campanha dos Paraguay — 2 volumes
Consultas do conselho de estado sobre negocios ecclesiasticos — 2 vol.
Cavalleiros da noite — 3 volumes
De l'espril de lois — 2 volumes
Diccionario latim portuguez e vice versa — 2 volumes
Diccionario portuguez por Lacerda — 2 volumes
Delphina — 2 volumes
Diva — 1 volume
Diabo a quatro — 4 volumes
Exposição sobre a largura das estradas de ferro do futuro — 2 volumes
Freira — 2 volumes
Jornaes da familia — 125 volumes
Louis 14 et son siecle, tem.— 3 volumes

Luneta magica — 4 volumes
Memoires Fleury — 3 volumes
Maldito — 3 volumes
Minas de prata — 6 volumes
Mappas — 34 volumes
Ivanhoé — 8 volumes
Notas sobre o rio Purus — 2 volumes
Marco Tullio — 2 volumes
Mocidade de D. João 5o. — 7 volumes
Marilia de Dirceu — 2 volumes
Historia do Brasil, por Southey — 6 volumes
Historia da fundação do Imperio Brasileiro — 7 volumes
Historia do descobrimento da America — 2 volumes
Historia da Inquisição em Portugal — 3 volumes
Navegação interior do Brasil — 2 volumes
Natchez — 4 volumes
Obras de Magalhães — 8 volumes
Ditas de J. F. Lisboa — 4 volumes
Passado presente e futuro da republica franceza — 2 volumes
Regulamento da lei de 28 de Setembro de 1871 — 16 volumes
Thereza Dunoyer — 3 volumes
Tres mosqueteiros — 4 volumes
Viagem ao Araguaia — 3 volumes
Victimas algozes — 4 volumes
Syteme financeiro de la France — 5 volumes

Obras publicadas em duplicata.

Dæcolard e Lubin — 1 volume
Historia patria — 1 volume
Infantilidade do Papa — 1 volume
Rocombolo — 6 volumes
Revolução franceza — 4 volumes
Gabinete Literário Goyano — relação dos livros chegados do Rio de Janeiro ao Gabinete Literário Goyano.

Biblioteca popular — 14 volumes
 Chymica, por Guedes — 1 volume
 Livro da familia, por Edgewert — 1 volume
 Ensaio phrasologico, por Manique — 1 volume
 Existencia sem Deus, por Fenelon — 1 volume
 Manual do Jardineiro — 1 volume
 Amanti de Alice, romance por Montpino — 1 volume
 Os filhos de judas, romance por Terrail — 2 volumes
 Os amors de Luiz XV, romance por, Terril — 2 volumes
 O rei dos Bohemios, romance por Terril — 2 volumes
 Os Cavalleiros da noite, romance por Terril — 3 volumes
 Os casacos de Pariz, romance por Terril — 2 volumes
 O diamante do Commendador — 3 volumes
 O estudante de Pariz, romance por Terril — 2 volumes
 Os herdeiros falsos, romance por Terril — 1 volume
 A vingança da Baroneza, romance por Terril — 1 volume
 A filha do Dr. Negro, por C. C. Branco — 1 volume
 O judeo, idem — 1 volume
 Viscondessa Alice, por Scond — 1 volume
 A tunica de Nossa, por Achard — 1 volume
 Os amors da Duqueza de Berry, por Musset — 7 volumes
 De um a outro polo, por Arago — 2 volumes
 O navio phantasma, por Marryat — 1 volume

Menandro e Laurentina — 1 volume
 Maria filha d'um Jornalista — 3 volumes
 Rico de amor, por Pervin — 1 volume
 Historia de hum homem, por Achard — 1 volume
 Nodoa de Sangue — 2 volumes
 Antes de soprar a luz, por Albano — 1 volume
 Tribunal secreto, por Robert — 2 volumes

Livros offerecidos ao Gabinete
 pelo Sr. B. L. Garnier.

Confissão d'um Badense — 1 volume
 Judasshon — 1 volume
 O espião Prussiano, por Valmont — 1 volume
 Raça latina, por Liats — 1 volume
 Favos e travos, poesias de Moniz — 1 volume
 Chequinho, encyclopedia da infancia — 1 volume
 Compedio de desenho linear por Gama — 1 volume
 Eneide, par Barthelemy — 1 volume
 Verdade, por Quentim — 1 volume
 Werneck — 1 volume
 Historia sagrada, pelo conego Pinheiro — 1 volume
 Historia sagrada, por Bandeira — 1 volume
 Grammatica da infancia, por Pinheiro — 1 volume
 Grammatica da latina por Souza — 1 volume
 Pelo Sr. José Ignacio da Luz Azere-do: Recreação brasileira — 1 vol.
 Tempestade do coração, romance — 2 volumes

BIBLIOTECA**GABINETE****NOME****AUTOR****JORNAIS:**

A Cruz
 Biblioteca Brasileira
 Jornal do Comércio
 Correio Mercantil
 Diário do Rio de Janeiro
 Constitucional
 Indicador Militar
 Revista Médica
 Rev. do I. H. G. Brasileiro
 Le Brasil
 Jornal das Famílias
 A Bíblia tradução de
 Vida dos Santos
 Epítome da Hist. do Brasil
 Os jesuítas
 Dicionário de Constâncio
 Dicionário de Ciências e Artes
 Compêndio de Ortografia
 Gramática Filosoplica da
 Língua portuguesa
 Novo Dicionário Portátil da
 Língua portuguesa
 Novíssimo Dicionário dos Sinônimos
 da Língua Portuguesa
 Dicion. Hist. e Geog. de Amorasas
 Paixões do Jovem Walter
 Carteira de meu tio
 Críones espantosos (tradução)
 O Filho do Pescador
 Thereza Dunoyer
 Último dia de um Condenado
 Vigário de Walsefied
 Adágico e Provérbios de L. Portuguesa
 A Abadia de Saint Clau
 Amanda e Oscar ou história da família
 de Daurich
 Os amores de Carlos e Clara
 Amores de Catharina de Athaíde

Padre Antônio Pereira de Figueredo
 (1.500 a 1.857) por José P. X. Pinheiro
 Dr. Gondiniz

 Bovilet
 Júlio T. Cabral de Mendonça
 Raimundo
 Câmara Bitencourt

 N. M. de Antas

 Correa de Lacerda
 Bonillet
 Tradução do Alemão
 Dr. Macedo
 Desor. M. Weloso de Oliveira
 A. G. Teixeira e Souza
 E. Ane

 Goldsmith
 Adelina e Teodoro
 A. Radctiffe

 D. M. Macêdo

Arco de Sant'Ana Cronicas da
 Telemaco por Zenelon Tradução
 Bom Negro — Adoniz e Zerbina
 A Filha Arcediago
 A Neta do dito
 O derradeiro mexicano
 Os Puritanos da América
 Corina ou a Itália
 Delfina
 Amaury
 De Cadiz a Tanger
 De Paus a Cadiz
 A família dos Borgeias
 História de um Morto
 Romance de uma Mulher
 Recreações do Homem Sensível
 ou a coleção pelos verdadeiros
 e patheticos contendo um curso de
 moral prática.
 Elisa ou o Modelo da pied. filial
 Gênio do Cristianismo
 Viagem a minha terra
 Han de Hislândia
 Eurico o Presbitéro
 Lendas e Narrativas
 O Monge de Cister
 Hist. da Bastilha
 Plutarco Brasileiro
 Os Incas ou a Conquista do Peru

Garret
 Cap. Manoel de Souza
 Livro do Pe. Diniz

 Ma. Stail
 Ma. Stail
 Dumas
 Dumas
 Dumas
 Dumas
 Contado por ele mesmo
 Dumas (Filho)

Garret
 Victor Hugo
 Herculano

I, L. Freire de Carvalho

Livraria Romântica ou Nova Biblioteca

Das Dornas
 Uma noite de Amor
 Poemas de
 (tudo no valor de 399\$900)
 Revolução Francesa
 Os Gerundinos
 Cavaleiro de Ivanhoé (4v).
 Dicionário Hist. Geograf. do Brasil
 Dicionário de Pernambuco e do João
 Pará.
 Almanak de Laemmert
 Moreninha
 Mistérios de Paris
 O Conde de Monte Cristo

Américo Elísio

 Thiers
 Lamartine

Princesa dos Ursinos
O Forasteiro
Nova Heloísa (4v).

Obras de João Francisco Lisboa 1.865

- Coleção de Leis Decretos e atos de 1864 doado pelo Presidente da Província
Emina ou a Filha do desgosto (2v)
Dicionário Theológico
Aquilla (5v) Tradução
Brasilianas
Discursos Religiosos
Código do Bom Tom
Morto Moral (2v).
Leis, Decretos e Dec. do Imp. do Brasil
Coleção da Revista Trimestral do IHGB
Curiosidades Brasileiras
Dicionário Crítico e burlesco em língua
espanhola (1v.)
Política do Brasil no Rio da Prata
Histórico da fábrica de papel
Notas estatísticas da produção agrícola
Histórico da Campanha Industrial
Manguararila
Coleção de Poesias S. M. o Imperador
Revista trimestral do IHGB (9v).
Economia Rural
Estado de Agricultura e População
Dissertação sobre o Paraguay
Compêndio de Filosofia
Romances
Memórias de um médico
Mericanos de Paris
História Universal do Canto
O Guarany
As Minas de Prata
A Viúvinha, Cinco inocentes
A Carteira de meu Tio
Memórias do Sobrinho de meu tio
Os Três Mosqueteiros
Vinte anos Depois
O Visconde de Brogeline
Memórias de um Médico 1a. parte a saber:
José Balsama.
2o. p. O Colar da Rainha
- Abode D. Próspero Al.
Childe Warold
Dr. Manoel d'Araújo
José Joaquim Rodrigues
F. F. Roquette
- 1822 a 1829 — 1836 a 1843
3 Volumes, 1 brocema
Francisco Luiz Alves
- Autor José Domingos
- I. B. Banssingault (2v).
M. S. de Savargne
Dr. A. C. Carto
Mont'Alvergue
Alexandre Dumas
- José M. de Alencar — 1871
J. M. de Alencar
J. M. de Alencar
J. M. de Macedo
J. M. de Macedo
Al. Dumas

3a. p. Anjo Pintor N.
4o. p. A Condessa de Charmy
5a. p. O Cavalheiro da Casa Vermelha
6a. p. O Último Rei dos Franceses
Atala, Reni o Ultimo Ab.
A Condessa de Rudalstandt
Os Conacos em Paris
Os bancaneiros
Amada Jeienstein

Chateaubriand 1871
Georgs Sand 1871
P. du Ferrail 1871
P. do Duplessis
Walter Seo H. (Por essa obra fez-se em apenso).
Paulo de

O Coitadinho
Este Senhor
A menina do 5o. andar
O Barbeiro de Paris
O Na. Dupont
Historia do Brasil
Historia de Napoleão Bonaparte
Memória do Diabo
História da Inquisição
História de Palais
Paris na América
O piloto de Coopren
Historias da Stuart
Jorge Cory dos Piratas
Luis XIV e seu século
Discursos parlamentares
O que fazem as Mulheres (2v).
Um homem de Brios
Marília de Dirceu (2v)
Vicentina (3v).
O Forasteiro
Mocidade de D João V em (4v).
Hist. do descob. da América (2v)
Um conto do Serão (1v).
Extrato da Biblia (1v).
Livro do povo (1v).
Honra e Gloria
Almanak de Cem Graças Brasileiras (2v)
Jornal das famílias olé

Pereira da Silva
Trad. Lopes de Moura
Frederico Sorilné
P. V. Jurial
Royal

Dumas
Dumas

do Dr. Gabriel Rodrigues dos Santos
Castelo Branco
Castelo Branco 1871

Doação de Tounay

1 noivo a 2 noivas 3v
memórias de Fleury 3v

Rei do I. H Geograf. do Brasil 1868

Mineralogia

Investigação histórica Científica
sobre o Museu Nacional

Leusiadas — estudo sobre o mesmo por Joaquim Nabuco

Prefixos Larinos

Antônio José de Souza

Dicionário Universal Boriste

Proverso Administrativo do Tes. Nacional

Itinerário a Jerusalém

Corografia do Brasil

Notas Diplomáticas

Relatório da Diretoria Geral de Estatística

Relação dos Julgados de paz da Província de Goiás

com data de sua criação Jugersvais

a que pertence

A Louca de Celvoux (2v). A Margarida dos Conovicus (2v).

Os Braermanes

A torre Velha (4v)

A Sudia no Vaticano

Doação de Tounay

Pareceres do Conselho d'Estado sobre o
elemento servil

Análise sobre projeto de lei

parecer da Câmara dos Deputados

Discussão de lei na Câmara dos Deputados

e dos Senadores

Regulamento para a execução da lei

Pastoral do Bispo do R. Janeiro

Crise da Lavoura

Cultura da Cana

Importação dos trabalhadores Chins.

Cabras de Cachemira Colaugora

Catecismo de Agricultura

Manual do Agricultor

Relatório do que é preciso para um

estabelecimento agrícola

Relatório sobre as colonias e estabelecimentos

agrícolas de S. Paulo

Exposição sobre a largura das estradas

de ferro do futuro

Ofícios do Conselheiro Galvão sobre

estradas de Setola estreitas

Relatório sobre as colônias

Blumenau e outras

Catálogo dos Produtos Naturais e
Indicado na exp. 1861
Brur notícias sobre as Madeiras do Brasil
Anuário Industrial
Notícia sobre o Guaraná
O Cacau na exp. de 1867
Estudo sobre Hist. e Geog. do melhoramento
do Porto de Pernambuco
Sanas de Viagem
Rel. da exp. do Rio S. Francisco
Voyage a Mandagascar
Prais de Histori de la France
Campanha do Paraguay no tempo
do Conde d'Eu
Campanha do Paraguay geral
por jordão
Histore universelle
Retraite de Lagune
Notas sobre o rio Purus
Hist. do Brasil por Pinheiro
Inocência romances
Memórias do Cordinal Dubias
Luiz XIV et son sircle
Astronomie du jeune age
Rel. da exp. de 1861 e 1866
Folhas do trono de 1823 a 1872
Indicador da legislação Militar
Consultas da Secret. da Guerra ao
Conselho de Estado
Plantas tóxicas do Brasil
Estudo botânico de vegetais seculares
Pratical and scientific treatisi
Compêndio de desenho geométrico
Oures completas d'Alexis Pidon
Recordações da Vida parlamentar
pelo Rebonço
Coleção sobre a regeneração das
raças Carvalares
Guia do ensino de Gynastic
Relatório sobre o abastecimento de
ague do Rio de Janeiro
Breve índice alfabético da lÍngua
brasileira
Sumário dos fatos mais importantes da Clínica Cirúrgica
Manual do aprendiz cortilheiro

| | |
|--|----------------------|
| Atlas histórico da guerra do | Paraguai |
| Grande mapa do Paraguai | |
| Mapa do Brasil | |
| Mapa da Província do Piauí | |
| Coreografia Brasílica | |
| Curso de Filosofia | |
| Resumo de Hist. Moderna | |
| Sábios ilustres | |
| Mulheres de Mármore comédia | |
| Judas em sábado de aleluia | |
| Menina de meus olhos | |
| Segredo do trio Vicente | |
| Carrasco de Amsterdan | |
| Sineiro de S. Paulo | |
| 30 anos ou a vida de um jogador | |
| Cynismo Acepticismo e Crença | |
| do Louco de Erora – Comédia | |
| Homem – Mulher | |
| Eva – reputação do Homem – Mulher | |
| Filhas do Cap. Grant. | |
| Viagem ao redor do Mundo | |
| Viagem do centro da Terra | |
| Questão religiosa | |
| Brasil na Exp. de Viena | |
| Agricultura no Brasil | |
| Noções de Corografia do Brasil – IM Macêdo | |
| Cultura do Cafezeiro | |
| Relatório da Província do Ceará | |
| Arrões da Assembleia Provincial | |
| Viagem ao Araguaia | Couto Magalhães 1874 |
| Manual do Negociante | |
| Ermitão do Moguem | |
| Um canto ao serão | |
| Gramática francesa | Bargain |
| Dente de Ciso (comédia) | |
| Novos casos galantes | |
| Diversos relatórios | |
| Hypoletto, tragédia | |
| Listerne financier de la france (5 vol.) | |
| Elements d'arithmetique de | Burrdon |
| Primiers essais de philosophia, | |
| Du Uraie du Beau et de Biem | |
| Gramatica nacional, por | Aulete |
| Novo método mnrotechico da figura francesa | |
| Finances | Josep Garnier |

Dicionário das Ciências
 O addecente educado Bondade
 Ciência e Indústria.
 Análise das Águas minerais de Baipindi e da Campanha
 História de um Bocado de pão
 Economia Política
 Ministério da Guerra Relatório de 1874 da Estatística Relatório de 1874
 Informações dos Agentes diplomata recursus do Imperio
 M. da Agricultura Relat. 1874
 Correios Oficial n. 43 de 1874 contendo recenciamento da Provincia
 Memorias sobre o Cafeeiro (2 vol.)
 Revista de Lagunna
 Curso de Philosophie Damiron
 Brados da Patria
 Chiquinho enciclopedia infantil
 Horas de paz C. Castelo Branco
 Metodo do frances Burgain
 Bocadinho de pão
 Jornal da familia
 Marquesa ensanguentada
 Ciganos da regencia
 Esferão d'alta categoria
 India – Drama
 Compendio de Geografia Jouther
 Semião o Ladrão – Drama
 Martino Bomloch – Drama
 Lei do recrutamento n. 2556 1875
 Noticia sobre a agricultura no Brasil
 Memorias sobre o Cafezeiro
 Informação sobre o Estado da Lavoura
 Botaruca aplicada
 Relatorio das Artes Graficas
 Cana de Açúcar

Relat. sobre a Zoatecnica

Auxiliados da indust. Nacional
 Chimica Agricola
 Fala do trono de 1875
 Mapa da Colonia Blumenau
 Economia Politica José Iscenco da Costa Ferreira
 Bruno Dicha
 Casa Branca
 Judia Errante
 Hist. Natural

Informações sobre a posição comercial do Brasil

Castelo peregrino

Geografia e historia

Maison Antique — 3 vol.

Agriculture — 2 vol.

Comme a sucre — 2 vol.

Hist. Naturele

Chimie

Phisique

Manhans do Avô

Bocadinho de pão

Catecismo de

Demophih

Viação Ferrea do Oeste de Minas Gerais

Informações aos emigrantes que destinaram ao Paraná

Tese sobre a colonização no Brasil

Resposta a um critico

Jocelyn

Biblioteca familiar

Historia da revolução Francesa

Fabiola — romance religioso

Eneida em portugues

Hiada

1876

Compêndio de philosophie

Charmat.

Augusto e Gabriele

Odes Prindáricas

Chapeu de Palha

Italia

Marques de Pamlal

Arrões do Parlamento Brasileiro

1823 1826

O Selvagem

Couto Magalhães

Fala do Trono 1875

Coleção das Leis 1875

A provincia da Bahia

O Imperio do Brasil

Fazendeiro de Café em Leylão

Catalogo de Produtos Naturais

Curso de Ciencia hipica

Estrada de ferro do Recife a S. Francisco

Caunay Indicação agricola 1875

O Mate do Paraná

Chemins de per de Ca Prov. de S. Paulo

Provincia de Goiás na Exn. 1875

Estudos Agricolas em 1872

Paraná na Exp. Provincial

Estudo sobre a 4a. Exp. Noé de 1875

Expos. Nacional pelo Rezende Muniz
Catalogo de Produtos
Repertorio ou indice de Leis Militares
Guerra da Triplice Aliança
Manual de Agricultura
Maison Rustique
Agriculture
Conne à sucre
Históire Naturelle
Chimice
Phisique
Bocadinho de pão
Catecismo Constitucional
Manhas de Avó
Ano Biográfico Brasileiro
Conografia da Prov. de Goyaz
A Igreja e o Estado
História Universal
Geologie
La Plante
Seleta de Autores Classicos
Dicionário Inglês — Port. Ing.
Zoologie
Les infantes
Cecília ou a filha do mistério
Dicionário português
Srrões da propagação da Fé (11 vol.)
Coleção da matutina
Srrões da Biblioteca Nacional
A Igreja e o Estado
Volcões
Filho do Pe. Cura
Photographie
Amones de Felipe
Uma Paixão
Maurfcio
Ventrilogno
Anos dos Amores
Inferno do Crime
Narrativas Militares
Regimento das Câmaras
Manual do Leijo
Questions Constitucionales
Direito Natural
Audstro Brasileiro

Delits et peines
 Ensaio Médico legal
 Consultas juruduca
 Ouvres Completes de Montes Quieri
 A Ulysea – poema
 Contos a Meus filhos
 Mil e um fantasmas
 Olympya de Cleves
 Dicimaire Universsel de Larrausse (16 vol.)
 Causeries et meditations (2 vol.)
 Novo Mundo de 1878
 Contos em Mil e uma Noites
 Almanaque e dicionário de Pedagogia
 Carta Geral do Brasil e dos Est. Limitrafes 1884
 Poemas e Dramas
 Tratado de Hidráulica Agrícola Pereira de Castro
 Amigo do Povo Miraleau
 Lord Byron 1884
 Galene de Comtemporceins musicos
 Livros des Orateríro
 Instititeones Philosophicas 1887
 Ovidio ad usuam (4 vol.)
 Direito Financeiro
 Selectas 5o. e 6o. (2 vol.)
 Viagem ao Araguaia
 Manoel dos Fleumte
 Trate pour Apprendre a Grovas
 The Empire of Brazil
 Cartas dos Maçons do Maranhão
 A nova lei das terras
 Núcleos da Emigração
 Flores sem perfumé
 Prerres o Metanse
 Les Plantes úteis
 La Bête
 Algumas idéias sobre saneamento
 La Coulin 2o, partie
 Estudos sobre escrituração mercantil d'anteiro
 Les Vieles de Saint Pontalion
 Les Bondairs de Nerre
 La Meson Felier
 Contes Jamres
 Sac a Papiers
 Lami de Jemes filles
 L'amoer de Babel

Caçada aos Milhões
These defendida por Dr. João Fercerva na escola de medicina
Arrões do Parlamento Brasileiro
Symphornas
Sonetos e poemas
Lyrica insubmissa
Epitome da Hist. do Brasil
Nocturnos e um rico quadro com a A Rio Branco
Cours de Philosophie Positive (6 vol.)
La Descendance de l'homme
Climas Geologec
Origem des Especies
Dicionário Inglês-Português-Inglês
Conquistas do Ar
Dicionário Port. francês
Chiquinho
O Rio de Janeiro
Manhas da Avó
Legislação
Lições de Causas
Consultas do Império
Nariz d'um tabelião
Obras A Peixoto
Enciclopédia das Damas
O Presídio de Fernando e as prisões
Considerações A' necessidade d'uma casa celular
Programa de Ensino apresentado pelos lendes des S P.
Lista Geral dos Doutores Bacharéus
Faculdade de Direito de S Paulo
Câmara dos Deputados — Discursos da sessão de 10/05/1882
Discurso de Rui Barbosa no teatro Poblitecano
Jornal "Goyaz" {
Publicados Goiano
Correio Official
Les Merverlls du Munde Invisible
E Claires et Tonerres
L'etincelle eletrique
Les mochines
Merevilles Celestes
De la Colonization doz exemplos modernes
Phisyologie du sistema nerveuse
Dictionaire de medicine
A vilhice do Padre Eterno
O Corcunda
A Abolição em Goiáz

A República Federal
Mil e uma noite
Saint Cloir das Ilhas

Júlia de Melo

Taunay doação

Esboço Biográfico do Visconde do Rio Branco
Ceos e terra do Brasil
Lembranças de Mato Grosso
Estudos Críticos
Questão políticas e sociais
Biografia do Cel. Antônio Horêncio Pereira do Lago
Cidade de Mato Grosso
Esboço Biográfico do Dr. Luiz Curtye
Augusto Zeveger
Cartas Políticas
Questões de imigração
Casamento Civil e grande naturalização
Augusto e Gabriela (2 vol.)
Caridade Cristã (3 vol.)
Casaca Azul (2 vol.)
Cecília ou o Vestido de Noivado (2 vol.)
Dedo de Deus
Dramas no mar
Diabo na Corte
Duas Damas
Missionários
Família Vambom,
Filhos do Cap. Grant.
Fonte de S. Catarina
Guia do deserto
Iracema
Joaquim Diak
Jogo da morte
Ministérios dos antigos Castelos da França
Ministérios dos Bosques
Ministérios da Índia
Ministérios do Palácio Roial
Acho de Limel
Palácio dos fantasmas
Pacto de Sangue
Promessa Sagrada
Rainha dos Tranquins
San Trelice
Mocidade de Munique
Tronco do Ipê

Uma paixão
Ventrilogo
Visão dos Castelos dos Pirineus
Filho da Fé
Dr. João
Guarani
Muito Viva
Catacumbas de Paris
Recreação do Homem sensível
Vida das flores
História da Colonização Portuguesa no Brasil

PRONUNCIAMENTO

Profa. Maria do Rosário Cassimiro

Senhores

Quase no limiar de um novo tempo na vida desta Universidade, bem próxima de uma transição administrativa, me é dada esta nova e intensa alegria de realizar a solene abertura do I Seminário de Literatura Goiana, onde pela primeira vez a Biblioteca Central e o Departamento de Letras se deram as mãos para uma atividade conjunta.

Muitos fatos fazem deste evento motivo de especial satisfação para mim.

Primeiramente se trata de mais uma comemoração dos 25 anos de existência de nossa Universidade Federal de Goiás. Nada mais adequado para a comemoração jubilar de uma entidade destinada ao cultivo e ao desenvolvimento do saber através do ensino e da pesquisa, do que a realização de uma atividade científica.

Um segundo elemento que me chama a atenção é o fato de, pela primeira vez, estar eu entrando em contato com uma atividade conjuntamente desenvolvida por um departamento acadêmico e a Biblioteca Central. Uma biblioteca, tradicionalmente pode ser tratada pela comunidade como um mero local onde se agasalham os acervos bibliográficos à disposição dos interessados em leituras e consultas. Não é o caso da nossa Biblioteca que, com este gesto, é vista e sentida concretamente como elemento vital e essencial na vida universitária, tão importante como os departamentos de ensino, as salas de aula ou os laboratórios. O valor de uma biblioteca não se mede pelo número de seu acervo, e sim por sua atualizada qualidade e por converter-se realmente em resposta para os cursos efetivamente ministrados pela Universidade.

*Proferido na solenidade de abertura do I Seminário de Literatura Goiana realizado na UFG. (6-9-85).

E na medida em que a biblioteca participar mais intimamente da vida dos diversos segmentos da Universidade, melhor poderá ela prestar serviços às diferentes áreas do ensino e da pesquisa.

Quanto ao Departamento de Letras, vejo-o, com este seminário, enveredado pelo caminho de uma atuação eficiente e plena de significado, enquanto reúne ao redor da mesma mesa de estudos e debates, professores, estudantes e, com destaque todo especial, também as figuras mais expressivas da literatura na comunidade goiana.

E isto se constitui para mim em motivo de especial satisfação. O fato demonstra inequivocamente que está em pleno andamento a operação de abertura de portas da Universidade para acolher a comunidade, e juntos buscarem que o ensino aqui ministrado não seja simplesmente retórico ou livresco, mas, seja, com especial ênfase, um ensino calcado sobre a realidade do povo goiano, no caso presente, das letras goianas.

A bem da verdade penso que deixaria uma lacuna irreparável nesta altura do presente pronunciamento se não me referisse à figura ilustre que chefia o Departamento de Letras, Profa. Dra. Celenita Amaral Turchi. A competência administrativa e científica a tornou pessoa digna da consideração e do respeito por parte de toda a comunidade do ICHL. Notória pela fidelidade ao dever, demonstra sempre uma nobreza de trato no desempenho de uma liderança marcadamente eficaz.

Meus respeitos e meus cumprimentos sinceros, pois, a esta professora exemplar que preside o Departamento de Letras.

Quero ainda que registrado fique, ante esta assembléia toda a consideração de minha parte pela honrada e nobre pessoa do diretor deste Instituto, Prof. Dr. Heldo Vitor Mulatinho.

Foi ele, e continua sendo, um amigo leal em todos os momentos da presente administração. Uma inteligência privilegiada se conjuga em sua pessoa com o senso da prudência evangélica e que faz de cada um de seus pronunciamentos atos sempre oportunos.

Creio que o êxito de sua administração destacada à frente do ICHL, deve-se também, a uma liderança cuja característica tem sido a de estabelecer a harmonia entre os que se lançam a um trabalho comum.

Meus respeitos, pois, ao diretor do nosso Instituto de Ciências Humanas e Letras.

Aliás, gosto de o repetir, o ICHL vem me reservando, du-

rante estes quatro anos de exercício da reitoria, gratas surpresas e grandes emoções. Sinto, nas diversas áreas de sua atuação, uma compreensão sempre mais apurada da necessidade de ele se abrir às comunidades goianas, como atitude essencial para uma formação realista e verdadeiramente ajustada às necessidades de Goiás e do Brasil em relação aos futuros profissionais das Ciências Humanas.

Vejo com alegria que esta mensagem, especialmente desenvolvida em nossa Universidade, foi plenamente aceita pelo Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras; o Presidente Tancredo Neves em seu pronunciamento sobre a Universidade Brasileira se referiu à mesma mensagem e hoje, o Ministério da Educação, juntamente com outros Ministérios vão desenvolvendo projetos e montando programas calcados sobre esta filosofia de universidade, com vistas a termos efetivamente uma Universidade brasileira em território brasileiro.

Mas, quero ainda me referir a outro motivo que me enche de satisfação. Com este seminário se pretende homenagear à pequena e grande expressão de Goiás para as letras brasileiras, Cora Coralina.

Pequenina por sua estatura e sua expressão física da mulher que vivia os últimos anos de sua vida quando seu nome eclodiu de repente em todos os recantos do Brasil. Pequenina, por suas origens e seus estudos que não passaram do 4o. ano primário. Grande por sua verve e inspiração, cantando com maestria a natureza, a terra, os campos, as plantações, o homem adulto, a criança, o trabalho humano sobre a terra e sobre a vida.

E o Brasil, ainda que tardiamente, porque em tardias horas de sua vida Goiás também assim o fez, tomou consciência do talento que havia escondido naquela anciã lúcida, inteligente e criativa.

Cora Coralina. Tive a honra de colocar em sua frente venerada uma coroa de louros, simbolizada pelo capelo doutoral, como "Doutora Honoris Causa" da Universidade Federal de Goiás e me foi dada a glória, jamais imaginada, de a substituir na cadeira de n. 38 na Academia Goiana de Letras, cujo Patrono é Bernardo Guimarães.

Honra-me e me engrandece a participação nesta homenagem à nossa querida musa goiana Cora Coralina, cuja memória é reverenciada com a realização do presente I Seminário de Literatura Goiana.

Uma derradeira referência ainda me resta como especial

motivação de minha felicidade nesta manhã. Trata-se de outra homenagem que os organizadores do certame houveram por bem prestar, no jubileu de prata da UFG, ao seu fundador e 1o. Reitor, Prof. Colemar Natal e Silva.

Possivelmente as gerações mais novas não tenham pleno conhecimento sobre a pessoa e as realizações deste grande goiano que há 25 anos passados anteviu com clareza os problemas futuros de Goiás. Hoje temos nossa universidade completando seu primeiro quartel de século. Os que se abrigam à sombra desta frondosa árvore para colher hoje seus frutos não sabem o quanto de idealismo, de luta e de tenacidade existiu nos idealizadores e realizadores desta obra essencial para os destinos de Goiás.

O trabalho de um pioneiro não é fácil de ser analisado pelos que se achegam às fontes da história décadas depois.

Justa, pois, e muito justa além de oportuna, é a dedicação de um preito de homenagem ao prof. Colemar Natal e Silva, a quem Goiás e o Brasil devem tanto. Associe-me a estas homenagens e as faça pessoalmente minhas como docente desta casa e como sucessora de Colemar Natal e Silva na direção dos destinos desta comunidade universitária.

São estas, prezados professores, prezados alunos, funcionários, sr. presidente da Academia Goiana de Letras, sra. presidente da Academia Feminina de Letras e sr. presidente da União Brasileira de Escritores – Seção de Goiás, as expressões de meus sentimentos e de minha mensagem a ser exarada no proêmio deste I Seminário de Literatura Goiana.

Faço votos de que o seminário possa atingir plenamente seus objetivos e que dele saiam mais enriquecidos a Universidade, o Departamento de Letras, a Biblioteca Central, o ICHL e a própria comunidade dos literatos goianos.

Agradeço-lhes ainda, aos organizadores do certame e a todos os presentes, a honra de me terem convidado para a presente solenidade de abertura e a gentileza de me prestarem ouvidos atentos durante esta alocução.

Muito obrigada.

RELATÓRIO DE ATIVIDADES (JANEIRO A DEZEMBRO DE 1984)

Reuniões Realizadas:

Solene — 1

Extraordinária — 1

Ordinárias — 5

1 — SESSÃO SOLENE:

— Dia 24 de abril de 1984 — foi realizada a sessão solene de homenagem ao centenário de nascimento do sócio co-fundador do Instituto, General Pedro Cordolino Ferreira de Azevedo.

2 — REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA:

— Dia 14 de junho de 1984 — reunião extraordinária para eleger a nova Diretoria e Comissões para o biênio 1984/86.

3 — REUNIÕES ORDINÁRIAS:

— Dia 29 de março de 1984 — reunião para tratar do novo projeto da construção do prédio da entidade pelo MEC.

— Dia 13 de setembro de 1984 — reunião para tratar de vários assuntos: construção do prédio, reforma do estatuto e dinamização das atividades da associação.

— Dia 21 de novembro de 1984 — foi realizada a 1a. reunião das Comissões de História e Geografia.

— Dia 13 de dezembro de 1984 — reunião de encerramento das atividades do presente exercício.

— Dia 28 de dezembro de 1984 — reunião dos membros integrantes das Comissões de Etnografia e Arqueologia para debater os assuntos referentes a preservação da Ilha do Bananal.

— CORRESPONDÊNCIA EXPEDIDA:

— Of ao Senhor Secretário da Educação, Deputado Federal Adhemar Santillo, solicitando a renovação do Convênio entre o Insti-

tuto e aquela Secretaria, pelo espaço de três anos a partir de 1o. de janeiro de 1984.

— Of. ao Sr. Abdala Mameri, Presidente da Academia de Letras de Araguari, lamentando o atraso do expediente que o convidava para participar da solenidade que o Instituto promoveu à memória do emérito pesquisador Antônio Brasil, seu amigo pessoal e sócio da entidade.

— Of. ao Diretor do Forum de Goiânia, solicitando atestado de funcionamento do Instituto, necessário para instruir o processo de concessão de verba do MEC.

— Of. à profa. universitária e pesquisadora Ana Maria de Almeida Camargo, agradecendo o trabalho que ela fez da catalogação dos documentos avulsos do século XVIII e XIX, existentes no Instituto Histórico.

— Of. ao Secretário de Cultura do MEC, Dr. Marcus Vinicius Vilaça, solicitando tombamento do Instituto pelo Pro-Memória.

— Of. à profa. Lena Castelo Branco F. da Costa, sócia do Instituto e atualmente Diretora do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais do MEC, solicitando mediação junto a Ministra da Educação, Esther de Figueiredo Ferraz, para obter recursos financeiros para a edificação da sede da entidade.

— Of. ao Presidente da Diretoria Executiva da Fundação A. Amaral, de Sorocaba, SP. agradecendo obras enviadas à biblioteca do Instituto.

— Of. ao sócio Major Cristovam Francisco de Castilho agradecendo a remessa do Jornal Voz de Luziânia.

— Of. ao Dr. Cláudio Mesquita de Azevedo comunicando que o Instituto irá prestar homenagem ao ilustre sócio co-fundador do Instituto, General Pedro Cordolino Ferreira de Azevedo, seu pai, no dia 20 de abril de 1984.

— Of. ao ilustre Dr. Antônio Falcão, Secretário Geral do Conselho Português de Artes e Tradições Populares, de Lisboa, comunicando a indicação de seu nome para integrar o quadro de sócios da entidade, atendendo a sua solicitação.

— Of. à Assessora de Cultura da Prefeitura de Goiânia acusando o recebimento de seu expediente solicitando a colaboração do Instituto na elaboração da Enciclopédia dos municípios, a ser organizada pela Academia de Letras Municipais do Brasil.

— Of. ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Dr. Enélio Lima Petrovich, agradecendo convite para

solenidade do transcurso do 82o. aniversário de fundação da tradicional entidade.

– Of. ao Dr. Iris Rezende Machado, Governador do Estado de Goiás, solicitando auxílio financeiro de Cr\$ 300.000 para o exercício de 1984.

– Of. ao Jornalista Jaime Câmara, Presidente da Organização “Jaime Câmara”, cumprimentando pelo 46o. aniversário do Jornal “O Popular”.

– Of. ao Dr. José Júlio Guimarães Lima comunicando ter sido aprovada, por unanimidade, a indicação de seu nome para integrar o quadro de Sócio da entidade em substituição ao historiador Gelmires Reis.

– Of. à Ministra da Educação, Esther de Figueiredo Ferraz convidando-a para visitar o Instituto, recebendo na ocasião, homenagem da entidade.

– Convocação para Assembléia Geral Extraordinária no dia 14 de junho/84, para proceder eleições da Diretoria e Comissões Permanentes.

– Of. ao Deputado Federal Aldo Arantes agradecendo o auxílio financeiro de Cr\$ 100.000 para o exercício de 1984.

– Of. Idem ao Deputado Federal Paulo Borges Teixeira.

– Of. Idem ao Deputado Federal Irapuan Costa Júnior, agradecendo o auxílio de Cr\$ 300.000.

– Of. ao Governador do Estado, Iris Rezende Machado comunicando a eleição da nova Diretoria e Comissões para o biênio de 1984/86

– Idem ao Dr. Wander Arantes de Paiva presidente do Conselho de Contas dos Municípios.

– Idem ao Prof. Leôncio Pinheiro de Lemos – Presidente do Tribunal de Justiça do Estado de Goiás.

– Idem ao Dr. Napoleão da Costa Ferreira – Presidente do Tribunal de Contas do Estado.

– Idem ao Deputado Juarez Magalhães de Almeida, Presidente da Assembléia Legislativa de Goiás.

– Idem ao Dr. Flávio Rios Peixoto da Silveira – Secretário do Planejamento e Coordenação.

– Idem ao Deputado Federal Adhemar Santillo Secretário da Educação.

– Idem ao Dr. Iron Jaime do Nascimento – Secretário da Cultura e Desportos.

– Idem à Profa. Belkiss S. Carneiro de Mendonça, Presidente do Conselho Estadual de Educação.

- Idem à Profa. Maria do Rosário Fleury (Rosarita Fleury) Presidente da Academia Feminina de Artes e Letras de Goiás.
- Idem ao Dr. Ursulino Tavares Leão, Presidente da Academia Goiana de Letras de Goiás.
- Idem ao Dr. Daniel Borges Campos, Presidente da Câmara Municipal de Goiânia.
- Of. ao Deputado Federal João Divino Dorneles, agradecendo auxílio financeiro para o exercício de 1984.
- Of. ao Prof. José Mendonça Teles, cumprimentando pela sua reeleição para Presidente do Conselho Estadual de Cultura.
- Of. ao Governador Iris Rezende Machado, solicitando auxílio financeiro para a publicação da revista n. 11 e para a realização do IV Curso de Cultura Goiana.
- Of. ao Dr. Nertan Macedo, Sócio da entidade, agradecendo a coleção das obras de sua autoria, enviada a biblioteca do Instituto.
- Of. ao Senador Benedito Vicente Ferreira, agradecendo o auxílio de Cr\$ 300.000 para o exercício de 1984.
- Idem ao Deputado Federal Jaime Câmara, cujo auxílio foi de Cr\$ 100.000.
- Idem ao Deputado Federal Onísio Ludovico, agradecendo a doação de Cr\$ 100.000 para o exercício de 1984.
- Idem ao Deputado Federal Tobias Alves, agradecendo o auxílio de Cr\$ 500.000 para o exercício de 1984.
- Of. ao Dr. Paulo Pirajá da Silva, agradecendo a preciosíssima obra "Através da Bahia".
- Of. ao Dr. Flávio Rios Peixoto da Silveira, Secretário do Planejamento e Coordenação, agradecendo a sua mediação junto ao Governador para a concessão do auxílio de Cr\$ 1.000.000, para a manutenção do Instituto.
- Of. ao jornalista Batista Custódio, na ocasião do aniversário da morte do ex-Presidente Juscelino Kubitschek, solicitando a publicação do discurso proferido pelo Prof. Colemar Natal e Silva, na solenidade de entrega do título de Doutor Honoris Causa a ele conferido pela Faculdade de Direito da UFG.
- Ofs. aos representantes de Goiás no Senado e Câmara dos Deputados, solicitando auxílio financeiro para o exercício de 1985.
- Of. ao jornalista Lorimá Dionísio Gualberto, Presidente da Associação Goiana de Imprensa cumprimentando pelo 50o. ano de fundação da entidade.
- Convocação para reunião extraordinária da Comissão de História e Geografia.

- Of. ao Deputado Estadual Vitor Ricardo de Araújo agradecendo o auxílio de Cr\$ 300.000 para ajudar na aquisição de uma máquina de escrever.
- Of. ao Dr. Altamiro de Moura Pacheco, sócio do Instituto solicitando auxílio para a publicação da revista n. 11.
- Of. ao Prof. Oliveira Leite Gonçalves congratulando pela nomeação de Chefe de Gabinete da Reitoria da UFG, Maria do Rosário Cassimiro.
- Of. ao Prof. Antônio Luiz Maia, congratulando pela sua nomeação para o cargo de Pró-Reitor de Graduação.
- Of. ao Deputado Federal Joaquim Roriz – agradecendo a doação de Cr\$ 300.000 para o exercício de 1985.
- Of. ao Diretor da Rádio Anhanguera congratulando pela passagem do 30o. aniversário de sua fundação.
- Of. ao Deputado Aldo Arantes, agradecendo a doação de Cr\$ 200.000 para o exercício de 1985.
- Of. ao Dr. Altamiro de Moura Pacheco, agradecendo o auxílio indispensável para manter a publicação da Revista do Instituto.
- Of. à Coordenadora da Editora da UFG. Profa. Marieta Cruz Dias Teixeira, felicitando pela realização da III Semana de Lançamento.
- Of. ao Deputado Federal Tobias Alves, agradecendo a doação de Cr\$ 100.000, para o exercício de 1985.
- Idem ao Deputado Federal Irapuan Costa Júnior, agradecendo a doação de Cr\$ 500.000 para o exercício de 1985.
- Of. à Acadêmica Goiandira do Couto comunicando que foi aprovado, por indicação do Presidente do Instituto, um voto de apreço, saudade e reconhecimento à memória de seu pai, o brilhante intelectual Luiz do Couto, ao ensejo do transcurso do centenário do seu nascimento.
- Of. ao Presidente da Organização Jaime Câmara, agradecendo a doação do Jornal "O Popular", durante o ano de 1984.
- Of. aos Diretores do Jornal de Brasília – Jaime Câmara Júnior, Fernando Câmara e Tasso José Câmara, agradecendo a doação daquele jornal durante o ano de 1984.
- Of. ao Pe. Paschoal Rangel, Diretor do Jornal "O Lutador", agradecendo a doação do mesmo durante o ano de 1984.
- Of. ao Diretor Comercial do CERNE – Agradecendo a remessa do Diário Oficial no ano de 1984.
- Idem ao Diretor da Revista Centro-Oeste.
- Idem ao Diretor da Revista São Paulo Energia.
- Idem ao Editor do Jornal dos Transportes.

– Idem ao Diretor da Folha de Caçu.
– Idem ao Editor do Náutico Atlético Cearense.
– Idem a Diretora da Revista Shalom, Dra. Patrícia Finzi.
– Of. à Profa. Gilka Vasconcelos F. Sales comunicando aprovação da escolha de seu nome para integrar o quadro de sócios da entidade.

– Of. ao Vice-Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Prof. José Mendonça Teles solicitando representar a Presidência no Seminário Raça – “Cultura Negra” no dia 27 de novembro, no auditório da Reitoria da Universidade Católica.

– Através de cartões foram agradecidos os Informativos: CLIO, Destaque Amazônia, Bandeirantes, Região Centro-Oeste, Bico e Mensário do Arquivo Nacional.

– Of. ao Prof. Braz Wilson Pompeu de Pina Filho, pedindo que atenda o expediente do Sócio Dr. Luis Filipe Pereira Leite, de Cuiabá, o qual solicita dados sobre Aquino Corrêa, de Pirinópolis.

– Of. ao Diretor do Serviço de Comunicação Social – SERCON, agradecendo o livro de autoria da jornalista Petronilha Pimentel: “Afinal quem descobriu o Petróleo do Brasil”.

– Of. ao Dr. Jessé Montello, Presidente do IBGE, agradecendo a remessa da Revista Brasileira de Geografia.

– Of. Cir./dez/84 – enviado a todos os sócios da entidade convocando para uma reunião no dia 13, na sede da entidade para prestação de contas das atividades do Instituto e encerramento do ano em curso.

– Ofs. enviados no final de cada mês, ao Diretor do Departamento do Pessoal da SE, remetendo frequência dos funcionários daquela Pasta à disposição do Instituto.

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA (01-01-84 A 31-12-84).

– Of. da Profa. Ana Maria de Almeida Camargo – comunicando o envio do “INVENTÁRIO ANALÍTICO” dos documentos avulsos (do século XVIII a XIX), existente no Instituto.

– Of. do Sócio Dr. Raul Floriano – comunicando o envio do cheque para pagamento de sua anuidade.

– Idem do Sócio Prof. Fernando Antônio Faria.

– Idem do Sócio Darcy S. Bandeira de Mello.

– Idem do Sócio Dr. Sílvio Meira.

Convite da SECOM / Governo de Goiás para a solenidade de entrega do Prêmio: “Destaque e Citação de Relevância de Obra para Compreensão de Relações de Raças nos Países em Desenvolvimento” conferido a Profa. Mari de Nasaré Baiocchi.

– Of. do Dr. Cláudio Mesquita de Azevedo – informando se o Instituto irá prestar homenagem ao centenário de Nascimento do Sócio co-fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, General Pedro Cordolino de Azevedo no próximo dia 20 de abril.

– Of. do Sócio Dr. Claro Augusto de Godoy – comunicando que enviou cheque para pagamento de sua anuidade.

– Of. do Dr. Guimarães Lima – agradecendo a correspondência recebida através da Profa. Belkiss, que comunica já haver um documento subscrito por número suficiente de sócios do Instituto indicando o seu nome para integrar essa Instituição.

– Of. da Escritora Rosarita Fleury – enviando os nomes de Luiz Gaudie Fleury e Joaquim Bonifácio de Siqueira para patronos de duas cadeiras sem protetor.

– Of. do Dr. José Antônio Falcão, Secretário-Geral do Conselho Português de Artes e Tradições Populares de Portugal – solicitando admissão de seu nome como sócio correspondente deste Instituto.

– Of. da Profa. Ana Maria de Almeida Camargo – agradecendo a escolha de seu nome para integrar o quadro de sócios Correspondentes deste Instituto.

— Of. do Dr. Cláudio Mesquita Azevedo — comunicando que não poderá comparecer à solenidade de homenagem prestada pelo Instituto ao seu pai General Pedro Cordolino de Azevedo no dia 24 de abril, porque as homenagens da Academia de Agulhas Negras ocorrem na manhã de 25 de abril.

— Of. do Sócio Manoel Rodrigues Ferreira — comunicando o pagamento de sua anuidade e de seu irmão Tito Lívio Ferreira mais o diploma de sócio, da entidade.

— Of. do estudante Carlúcio Amado dos Anjos — solicitando a remessa dos números 2, 3, 4 e 11 da Revista do Instituto através de Vale Postal.

— Of. do Sócio Cornélio Ramos — enviando cheque correspondente a sua anuidade de 1984.

— Of. do Dr. Cláudio Mesquita de Azevedo — agradecendo a homenagem que o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, prestou ao centenário de nascimento do seu pai General Pedro Cordolino de Azevedo.

— Convite: da Universidade Federal do Maranhão e FUNAI, convidando para o Seminário "Realidade do Índio no Maranhão".

— Convite: da Universidade Federal de Goiás e outras entidades culturais convidando para abertura do XII Festival de Música e Artes Plásticas e II Encontro Cultural Universitário de Goiás a se realizar nos dias 21 de maio de 1984 a 25/05/84.

— Convite: da Caixa Econômica Federal e da Fundação de Ensino Superior de Itumbiara convidando para a 12a. Exposição de Artes Plásticas a se realizar no dia 18/05/84.

— Convite: da Academia Goiana de Letras para a sessão Comemorativa em homenagem à memória do Acadêmico Gelmires Reis.

— Convite: da UCG — convidando para o coquetel de Lançamento do livro "Dos Bulhões aos Caiado" de Maria Luiza Araújo Rosa, no dia 22 de maio às 20:00 horas.

— Of. do Dr. Antônio Geraldo Ramos Jubé — comunicando que devido aos seus afazeres de advogado e professor, não pode aceitar a nomeação para dirigir o Departamento de História e Geografia na Cidade de Goiás.

— Of. do Deputado Irapuan Costa Júnior — comunicando que foi liberado no dia 31/05/84 através do Banco do Brasil S/A dessa cidade, a importância de Cr\$ 300.000 à título de subvenção para essa entidade.

— Of. do Secretário da Educação Deputado Federal Adhemar

Santillo cumprimentando o Prof. Colemar por ter sido reeleito para o cargo de Presidente deste Instituto, para o biênio 1984 a 1986.

– Of. Idem do Conselheiro Wander Arantes de Paiva Presidente do Conselho de Contas dos Municípios.

– Of. Idem do Dr. Napoleão da Costa Ferreira Presidente do Tribunal de Contas do Estado.

– Of. da profa. Belkiss S. Carneiro de Mendonça Presidente do Conselho Estadual de Cultura agradecendo o Prof. Colemar a atenção com que acolheu o convite para proferir Palestra no Conselho Estadual de Cultura.

– Convite: da Secretaria de Estado da Cultura, Departamento de Museus e Arquivos do Estado de São Paulo, para participar da III Semana “Sérgio Buarque de Holanda” a se realizar de 09 a 13 de julho do corrente ano.

– Convite: dos associados do Instituto Cultural Brasil – União Soviética convidando para solenidade de posse da Diretoria eleita para o biênio 84/86 dia 05 de julho de 1984, no Teatro Goiânia.

– Of. do Dr. Flávio Peixoto da Silveira – congratulando com a Nova Diretoria do Instituto, eleita para o biênio 84/86.

– Of. Idem do Dr. Iron Jayme do Nascimento – Secretário de Cultura e Desporto.

– Of. do Deputado Marcus Odilon membro do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba solicitando o apoio do nosso Instituto nas comemorações do centenário de nascimento do poeta paraibano Augusto dos Anjos.

– Of. do Desembargador Leoncio Pinheiro de Lemos Presidente do Tribunal de Justiça do Estado – acusando o recebimento do ofício que comunica eleição da Nova Diretoria do Instituto para o biênio 1984/1986.

– Of. do Deputado João Natal – comunicando que foi aprovado pelo plenário da Assembléia Legislativa do Estado, votos de congratulações ao Professor Colemar Natal e Silva Presidente do IHGG, aliado a toda Diretoria.

– Of. do Dr. Célio Costa Presidente do Conselho Regional de Economia da 18a. Região – convidando o Prof. Colemar para compor a mesa de honra na cerimônia de outorga dos prêmios ao Concurso Monográfico “Ministro Leopoldo de Bulhões” no dia 13/08/84.

– Convite da Secretaria de Cultura e Desporto para a noite de autógrafos no Bazar Cultural, de Jan Magalinsk, autor de Deslocados de Guerra em Goiás no dia 02/08/84 às 19:30 horas.

– Convite: do Secretário da Cultura (MEC) Marcos Vinícios

Vilaça, da Diretora Executiva da FUNARTE e Diretoria do Instituto Nacional do Folclore — para a inauguração da nova sede do Museu de Folclore Edson Carneiro a se realizar no dia 13/08/84.

— Of. do Dr. José Cláudio Barriguelli — solicitando publicações e doações de duplicatas existente em nosso acervo histórico.

— Of. da Dra. Yara Araújo de Souza, Assessora Especial de Cultura da Prefeitura de Goiânia — convidando para a solenidade do 42o. aniversário do Batismo Cultural de Goiânia.

— Of. do Editor Prof. Horieste Gomes — comunicando a remessa do Boletim Goiano de Geografia vol. 2 número 2 para a biblioteca do Instituto.

— Convite do Pró-Reitor Oswaldo Guimarães — para a solenidade de inauguração Supermercado da COOPER/UFG, no dia 31/08/84.

— Of. de Dietmar Winkler natural de Berlim Alemanha — solicitando a Revista do Instituto n. 10, que traz uma publicação do prof. Ático Vilas Boas da Mota "Contribuição à História da Ciganologia no Brasil".

— Convite do Centro de Integração dos Funcionários da Previdência Social, União Brasileira de Escritores do Estado de São Paulo — convidando para o lançamento do Livro "Melodia Eterna" de Antônio Carlos Augusto (BONAFÉ);

— Of. do Deputado Vitor Ricardo de Araújo — comunicando que destinou cota pessoal para ajudar na manutenção do Instituto, no valor de Cr\$ 300.000 (trezentos mil cruzeiros).

— Of. do Deputado Joaquim Roriz — comunicando que destinou cota de subvenção para o Instituto no valor de Cr\$ 300.000, referente ao exercício de 1985.

— Of. da Profa. Raulice Gomes Bahia Silva, Diretora do Instituto de Artes da UFG — convidando para as solenidades de "Colação de Grau" dos concluintes do 1o. semestre do corrente ano.

— Of. do Sócio Dr. Altamiro de Moura Pacheco — acusando o recebimento do expediente solicitando ajuda financeira para a publicação da revista do IHGG, cientificando de que o pedido foi de boa vontade atendido.

— Of. do Deputado Aldo Arantes — comunicando que destinou de sua cota pessoal para o Instituto, a importância de Cr\$ 200.000, para o exercício de 1985.

— Of. Idem do Deputado Tobias Alves — enviando a importância de Cr\$ 100.000.

– Idem do Deputado Irapuan Costa Júnior – comunicando haver destinado ao Instituto a importância de Cr\$ 500.000.

– Of. Circular da Universidade Estadual Paulista e Instituto de História e Serviço Social de Franca – convidando para VI Semana da História a se realizar de 05 a 09 de novembro próximo.

– Of. do Prof. Paulo Roberto Figueiredo da Silva, Pró-Reitor de Pesquisas e Pós-Graduação encaminhando o programa do Seminário Raça/Cultura Negra a se realizar de 22 a 30 de novembro do corrente ano.

– Of. do Sr. Antônio Gomez Alfara, de Madrid España – solicitando a revista n. 10 do Instituto, que traz a matéria do Prof. Ático Vilas Boas da Mota sobre “Contribuição à História da Ciganologia no Brasil”.

– Of. Circ. do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul enviando o regulamento do 5o. Congresso Sul-Rio Grandense de História e Geografia.

– Convite do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina para a solenidade de entrega dos títulos de sócios Eméritos, Efetivos e Correspondentes admitidos em 1984.

– Convite da Comissão Especial Organizadora do 25o. aniversário da UFG, para as solenidades comemorativas ao ano jubilar da Universidade.

– Convite do Vereador Marcos Mendonça para assistirem no dia 19 de outubro, no Plenário do Palácio Anchieta, à solenidade de entrega da medalha Anchieta e Diploma de Gratidão da Cidade de São Paulo, ao Prof. Oswaldo Melantônio, pelos relevantes serviços prestados à cultura Nacional, como escritor e professor.

Carta de Goiandira Ayres do Couto – ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Prof. Colemar Natal e Silva, agradecendo o voto de apreço à memória de Luiz do Couto, prestado pelo Instituto, no centésimo ano de seu nascimento.

– Foram recebidos bimestralmente os folhetos Bandeirantes editado pela Ordem Nacional dos Bandeirantes Mater (SP), e CLIO noticioso da Academia Paulistana da História (SP). Semanalmente recebemos o informativo Católico “O LUTADOR” e várias revistas, boletins e outros jornais de diversas entidades culturais.

Goiânia, 11 de julho de 1985.

Isabel Pimenta Ribeiro
Maia de Lourdes Alves

— RELAÇÃO NOMINAL DOS SÓCIOS DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS, com os respectivos patronos, endereços e telefones —

| NOME | PATRONO | ENDEREÇO | FONE |
|---|--|--|--------------------------|
| Altamiro de Moura Pacheco | Henrique Silva | Av. Araguaia, 240 | 223.1364 |
| Antônio Theodoro da Silva Neiva | Antônio Americano do Brasil | Rua R-17, n. 60 - S. Oeste | 251.4737 |
| Ana Maria de Almeida Camargo | Correspondente | Rua Alfredo Ellis, 262-ap. 9 (01322 - S. Paulo) | |
| Ático Vilas Boas da Mota | J. Pereira de Alencastre | Rua 109, n. 183 - S. Sul | 241-7332 |
| Augusto da Paixão Fleury Curado | Luiz do Couto | Rua 131, n. 234 - S. Sul | 241.0359 |
| Acary dos Passos Oliveira | Pedro Ludovico Teixeira | Rua 87, n. 618 - Ed. Tamqer. S. Sul | 241.9213 |
| Basileu Toledo França | Crispinião Tavares | Rua 29 n. 123/apto. 502 (Centro) | 225-6928 |
| Belkiss Spenciere Carneiro de Mendonça | M. Angélica do Couto Brandão | Av. Tocantins, n. 776 - Centro | 223.1272 |
| Bernardo Élis Fleury de Campos Curado | Francisco T. Colombina | Rua C-267, n. 189 - Jardim América | 251.1529 |
| Bráulio do Nascimento | Correspondente | Rua Sá Ferreira, 205/901 - Copacabana (22.071 - Rio) | |
| Braz Wilson Pompeu de Pina Filho | Sebastião Pompeu de Pina | Rua 92, n. 215 - S. Sul | 225.3206 |
| Bueno de Azevedo Filho | Gal. Barão de Taguari | Rua Dr. Augusto Miranda, 1.092 - Ap. 37 | (021) 247.2790 |
| | | | — Cep. 05026 - São Paulo |
| Carlos Francisco Moura | Correspondente | Rua Prof. Manoel Ferreira, 171, ap. 202 - Gávea - Rio | |
| Colemar Natal e Silva | Capistrano de Abreu | Av. 85, Ed. Itatiaia, Bl. D. Ap. 502 - S. Marista | 241.9218 |
| Cornélio Ramos | Correspondente | Rua Nassim Agel, n. 446, Catalão-Go (Cep. 76.000) | |
| Claro Augusto de Godoy | Desor. João F. de Oliveira Godoy | Av. Rainha Elizabeth, 540, ap. 802, Copacabana-Rio (Cep. 22.081) | |
| Cristovam Francisco de Castilho (Ten. Cel.) | Luís Gonzaga de Faria | Rua C-50, Q-115, Lt. 7 - S. Sudoeste | 251.5204 e |
| | | do Comando Geral | 224.2022 |
| Dalísia Elizabeth Martins Doles | Emanoel Pohl | Av. Oeste, n. 279 - S. Aeroporto | 224.1445 |
| Darcy S. Bandeira de Mello | Sebastião Fleury Curado | Rua Rio de Janeiro, 28-14o. and. Ed. Emisa, ap. 143 - Poços de Caldas — MG (Cep. 37.700) | |
| Eli Brasiliense de Oliveira | Cândido, Mariano da S. Rondon | Al. dos Buritis, 564 - Centro | 225.5981 |
| Elder de Passos Camargo | Joaquim Bonifácio de Siqueira | Rua 90, n. 790, ap. 304 - B. S. Sul | 241.1973 |
| Eliana Garcindo Dayrell | | Rua 14, n. 95. Ed. João Paulo I — S. Oeste | 223.0352 |
| Esther Barbosa Oriente | Maria Barbosa Reis | Rua 2, esq. c/a 9, Ed. Mirtes — Centro | 224.0572 |
| Fátima Araújo | Correspondente | Av. Pombal, 1566 - Praia Manaíra - João Pessoa — PB. | |
| Fernando Antônio de Faria | Correspondente | Caixa Postal 48.047 - Rio de Janeiro (Cep. 20.510) | |
| Geraldo Coelho Vaz | Honestino Guimarães | Rua 14, n. 25 Ap. 103 - Ed. João XXIII - S. Oeste | 224.6913 |
| Germano Dias Machado | | Secretaria | 223.1719 |
| Gerson de Castro Costa | Pedro Cajmon | Ed. Parthenon Center, s/1.716 - Rua 4, Esc. | 224.3052 |
| Gilberto Mendonça Teles | Manuel Aires Cazal | Rua Pompeu Loureiro, n. 36, ap. 802 - Copacabana - Rio. | |
| Gilka Vasconcelos Ferreira Sales | | Av. Tocantins, 850 ap. 906, Ed. Jarina | 224.0836 |
| Humberto Crispim Borges | Raimundo J. da Cunha Matos | Rua 19, n. 71, ap. 906 - Ed. D. Abel. T. 224-1810. R. | 224.4625 |
| Hildegardes Vianna | Correspondente | Rua Oito de Dezembro, 703, ap. 201 - Ed. Ferreira Graça- Salvador - BA. | |
| Isócrates de Oliveira | Correspondente | Rua 86, n. 775 - S. Sul | 224.8614 |
| Itaborai Velasco Nascimento | Manoel Onofre de Andrade | Rua R-16, no. 86, apto. 101 - Ed. Sândalo, S. Oeste | 251-6310 |
| Jaime Câmara | Francisco F. dos Santos | Rua Thomaz Edson, Q-7, S. Serrinha | 241.5533 |
| Janaína Passos Amado | | BR-060, Km 7, Chácara Luanda | |
| José Lopes Rodrigues | Rufino Teotônio Segurado | Rua 71, n. 100 - Centro | 223.1722 |

| | | | |
|---|---|--|--|
| Joaquim Thomaz | Correspondente | Rua Presidente Vargas, n. 633 - Rio de Janeiro | |
| José Dilermando Meireles | Correspondente | Q. 705, Bl. F, casa 44 - DIGS - Brasília (Cep. 70.350) | |
| | | Escr. (061) 223-7260. Procuradoria: 224.6909 e 224.5529 | |
| José Mendonça Teles | Pe. Luiz Ant. da Silva e Souza | Rua 89, n. 333 - S. Sul. Assembléia: 224.6954, Conselho: 223.1149, Res. 241.3612 | |
| José Júlio Guimarães Lima | Correspondente | SQS. 216-B, ap. 303 (70.372 - Brasília) | (061) 2434-0047 ou 225.1850, r. 171 |
| Joaquim Gilberto | Correspondente | Praça Evangelino Meireles, n. 180, Luziânia (Cep. 77.220). Fone: | (061) 621.1187 |
| Jerônimo de Carvalho Bueno | | Rua 136-B, n. 84 - S. Sul | 241.2438 |
| José Peixoto da Silveira | Juscelino Kubitschek | Rua 126, n. 227 - S. Sul | 241.7515 |
| Luís-Phillipe Pereira Leite | Correspondente | Trv. João Dias, 317 - Cuiabá, MT (Cep. 78.000) | (065) 321.3512 |
| Luís Câmara Cascudo | Correspondente | Rio Grande do Norte | |
| Lena Castelo Branco Ferreira | Francis Castelnau | SQN, 106, Bl. J-Brasília | 274.8323 - 273.1628 |
| Manoel Diégues Júnior | Correspondente | Av. Erasmo Braga, n. 118, 11o. andar - Rio de Janeiro (Cep. 20.020) | |
| Manoel Rodrigues Ferreira | Pedro Taques de A. P. Leme | Av. Higienópolis, n. 240, ap. 31 (Cep. 01238), S. Paulo | |
| Maria Augusta de Moraes Santana | | Av. N. S. de Copacabana, n. 424, ap. 501 - Copacabana - Rio | |
| Maria do Rosário Fleury (Rosarita) | Jarbas Jaime | Av. Paranaíba, n. 1445 | 224.0461 |
| Maria da Glória Scartezini Azeredo Coutinho | Waldir Luís Costa | Rua 1129, Q. 237, Lt. 29 - S. Marista | 241.0926 |
| Maria Augusta Callado Di Saloma Rodrigues | Antônio Félix de Bulhões Jardim | Rua 128, n. 150 - S. Sul | 241.6598 |
| Mari de Nasaré Baiocchi | Couto Magalhães | Rua 5, n. 1031 - S. Oeste | 223.1901 |
| Martiniano José da Silva | Correspondente | Rua 86, n. 783, S. Sul (em Mineiros: 3a. Av. - (C Postal 26). | 224.6983 |
| Marivone Matos Chaim | Auguste Saint Hillaire | | |
| Modesto Gomes da Silva | Afonso E. Taunay | Rua 70, n. 382 - Centro | 225.5148 |
| Nancy Ribeiro de Araújo e Silva | José Roiz Barala | Rua 107, n. 312, S. Sul | 241.0783 |
| Nelly Alves de Almeida | Gelmires Reis | Rua 103 B, n. 103 - S. Sul | 241.5357 |
| Nertan Macêdo | Correspondente | Rua Aperena, n. 38, ap. 205 - Leblon, Rio de Janeiro (Cep. 22.450) | |
| Paulo Bertran Wirth Chaibub | Leopoldo de Bulhões | Rua 9-B, n. 257 - S. Oeste | 223.0630 e em Brasília: MLI, Trecho 9, conj. 4, casa 41 (577.4431); 261.2326 |
| Pe. Luiz Palacin Gomez | W. L. Von Eschwege | 11a. Av., n. 933 - S. Universitário | |
| Raúl Floriano da Silva | Lúcio J. dos Santos | Rua do Carmo, n. 6., 3o., andar, Ss/309/312 - Copacabana - Rio (Cep. 20.011) | 223.2236 |
| Regina Lacerda | Dom Emanuel Gomes de Oliveira | Rua 24, n. 47 - Centro | |
| Sílvio Augusto Bastos Meira | Correspondente | Rua Xavier da Silveira, n. 80/701 - Copacabana-Rio (Cep. 22.061) | |
| | | Fones: 541.2812, 232.9550 e 225.9611 | |
| Tjto Lúvio Ferreira | Correspondente | Av. Higienópolis, n. 240, ap. 31, São Paulo (Cep. 01238) | 225.9230 |
| Ursulino Tavares Leão | Guimarães Natal | Rua 14, n. 95, ap. 503 - Ed. João Paulo I - S. Oeste | (061) 224.6765 |
| Vicente Salles | Correspondente | SQS 210, Bl. A, ap. 508 - Brasília (Cep. 70.000) | 225.9895 |
| Waldir do Espírito Santo Castro Quinta | Zoroastro Artiaga | Rua 1, n. 800, Ed. Minerva, ap. 101 - S. Oeste. Tr. 225-2822 - resid | |

**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS
(FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1933)**

Declarado de utilidade pública pelo decreto-lei 2.593, de 21.11.1939

Sede própria: Rua 82, n. 455 - Fone: 224.4622 - Setor Sul - 74.000 - Goiânia-Go.

DIRETORIA:

Presidente – Professor Colemar Natal e Silva

1o. Vice-Presidente – Basileu Toledo França

2o. Vice-Presidente – José Lopes Rodrigues

3o. Vice-Presidente – José Mendonça Teles

Secretário-Geral – José Peixoto da Silveira

1o. Secretário – Maria da Glória S. de Azeredo Coutinho

2o. Secretário – Mari de Nasaré Baiocchi

1o. Tesoureiro – Jaime Câmara

2o. Tesoureiro – Rosarita Fleury

1o. Orador – Altamiro de Moura Pacheco

2o. Orador – Waldir do Espírito Santo C. Quinta

1o. Bibliotecário – Maria Augusta Di Saloma Callado Rodrigues

2o. Bibliotecário – Antônio Theodoro da Silva Neiva

Diretor do Museu – Eli Brasiliense

Diretor do Arquivo e Serviço de Documentação – Humberto Crispim Borges

Diretor da Revista – José Peixoto da Silveira

Assessor para História – Lena Castelo Branco F. da Costa

Assessor para Geografia – Dalísia Elizabeth Martins Doles

COMISSÕES:

Fundos e Orçamento:

Augusto da Paixão Fleury Curado
Waldir do Espírito Santo Castro Quinta
Maria do Rosário Fleury (Rosarita)
Nancy Ribeiro de Araújo e Silva

Estatuto:

Pe. Luiz Palacin Gomez
Regina Lacerda
Maria da Glória Scartezini de Azeredo Coutinho

História:

Lena Castelo Branco Ferreira da Costa
Isócrates de Oliveira
Jerônimo de Carvalho Bueno
José Lopes Rodrigues
Gilka Vasconcelos Ferreira Sales
Eliana Garcindo Dayrell

Geografia:

Dalísia Elizabeth Martins Doles
Humberto Crispim Borges
Ten. Cel. Cristóvam Francisco de Castilho
Braz Wilson Pompeu de Pina Filho

Etnografia e Arqueologia:

Presidente: Mari de Nasaré Baiocchi
Acary dos Passos Oliveira
Antônio T. da Silva Neiva
M. da Glória S. de Azeredo Coutinho
Eli Brasiliense
Regina Lacerda

Bibliografia:

Augusto da P. Fleury Curado
Pe. Luiz Palacin Gomez
Esther Barbosa Oriente

Admissão de Sócios:

Altamiro de Moura Pacheco
Belkiss S. Carneiro de Mendonça
Mari de Nasaré Baiocchi
José Mendonça Teles.

**CONSÓRCIO DE EMPRESAS DE RÁDIO-DIFUSÃO
E NOTÍCIAS DO ESTADO — CERNE**

Esta publicação foi composta e impressa
na Gráfica de Goiás
Av. Presidente Costa e Silva — Esq. c/ Rua D. Abel
Jardim Bela Vista — Goiânia-Goiás

DIRETORIA

JOSÉ MÁRIO DA CUNHA
Superintendente

WALTER PUREZA
Diretor Administrativo

IRONDES JOSÉ DE MORAIS
Diretor Comercial

GRÁFICA DE GOIÁS

LUIZ CARLOS DE BARROS
Gerente

JOSÉ FRANCISCO P. TOLEDO
Ger. Produção

